



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
DA ASSOCIAÇÃO PLENA EM REDE DAS INSTITUIÇÕES



**Doutorado em Desenvolvimento
e Meio Ambiente**

**Associação Plena
em Rede**



ALEXANDRE NOJOZA AMORIM

**QUINTAIS URBANOS EM TERESINA (PI): CULTIVO DE ESPÉCIES
ÚTEIS E APEGO AO LUGAR.**

TERESINA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
DA ASSOCIAÇÃO PLENA EM REDE DAS INSTITUIÇÕES

ALEXANDRE NOJOZA AMORIM

**QUINTAIS URBANOS EM TERESINA (PI): CULTIVO DE ESPÉCIES
ÚTEIS E APEGO AO LUGAR.**

Tese apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), como requisito à obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de concentração: Desenvolvimento e Meio Ambiente. Linha de Pesquisa: Planejamento e Gestão de Zonas Semiáridas e Ecossistemas Limitrofes.

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros

Coorientador: Prof. Dr. Denis Barros de Carvalho

TERESINA

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

P475c Amorim, Alexandre Nojoza

Quintais Urbanos em Teresina (PI): Cultivo de espécies úteis e apego ao lugar/Alexandre Nojoza Amorim. – 2015. 99f.

Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí, 2015.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Roseli Farias Melo de Barros

Coorientador: Prof, Dr, Denis Barros de Carvalho

1. Quintais. 2. Etnobotânica. 3. Apego ao lugar. 4. Afeto. 5. Senso de lugar. I. Título.

CDD:.....

ALEXANDRE NOJOZA AMORIM

QUINTAIS URBANOS EM TERESINA (PI): CULTIVO DE ESPÉCIES
ÚTEIS E APEGO AO LUGAR.

Tese apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), como requisito à obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de concentração: Desenvolvimento e Meio Ambiente. Linha de Pesquisa: Planejamento e Gestão de Zonas Semiáridas e Ecossistemas Limítrofes.

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros

Coorientador: Prof. Dr. Denis Barros de Carvalho

Teresina, 13 de outubro de 2015.

Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros
Universidade Federal do Piauí (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Iracema Bezerra Loiola
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. João Batista Lopes
Universidade Federal do Piauí

Profa. Dra. Maria Pessoa da Silva
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dr. Fábio José Vieira
Universidade Estadual do Piauí

À minha esposa Manoela Santos Nojoza e minha filha Lara Nojoza

Dedico

*Insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa
e esperar resultados diferentes*

Albert Einstein

RESUMO

Quintais são espaços em torno das residências onde ocorre o cultivo de espécies vegetais que apresentam usos diversos, constituindo-se como um microssistema onde acontece vinculação afetiva. Objetivou-se caracterizar a fitodiversidade de quintais urbanos em Teresina (PI), levantar os usos dados aos vegetais cultivados, além de analisar os fatores que contribuem para a vinculação afetiva do mantenedor com o espaço do quintal. De um universo de 201.093 casas, foram amostrados 96 quintais urbanos ($e=10\%$, $nc=95\%$), por entrevistas semiestruturadas com cada mantenedor, enquanto os vegetais eram coletados *in situ* no momento da realização da turnê-guiada, seguindo-se metodologia usual, identificados e incorporados ao herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), quando possível. A pesquisa foi submetida à apreciação ética, no Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, e foi aprovada segundo o nº CAAE 20529114.1.0000.5214. Os dados foram coletados entre novembro de 2013 e maio de 2014, reunidos em planilhas eletrônicas e calculados o índice de Shannon (H') para cada quintal, curva de rarefação e o índice de correlação de Pearson (r) a fim de verificar ocorrência de relação entre a área e diversidade vegetal dos quintais. Estes foram comparados em similaridade em relação à fitodiversidade e construído o dendrograma de similaridade (Jaccard). Para entender o apego ao quintal, foi utilizada técnica da turnê-guiada e da escala likert para ajudar na quantificação dos dados. Os quintais apresentaram heterogeneidade, sobressaindo-se as famílias Cactaceae (12 espécies), Euphorbiaceae (11), Araceae/Lamiaceae (6), Arecaceae/Orchidaceae/Myrtaceae (5), Poaceae/Solanaceae (4). Houve equilíbrio entre herbáceas, arbustivas e arbóreas (36, 32 e 31%, respectivamente). As categorias de uso ornamental (77 espécies), medicinal e alimentar (47) foram as que tiveram maior número de citações. Gripe (73 citações), calmante (45) e dores de barriga, estômago ou má digestão (45) foram as enfermidades mais referidas e tratadas pelo conjunto de plantas identificadas. O manejo do quintal é realizado pelas mulheres (80%, 77) que utilizam em média 42 minutos para tal. Os quintais são utilizados principalmente para lavagem de roupas (61,5%) e para lazer (19%). Os entrevistados desconhecem o que seja sustentabilidade ambiental (51,5%), mas reconhecem o calor (47%) e o lixo urbano (30,9%) como grandes problemas ambientais. Foram unânimes em considerar o quintal importante na residência, que gera sentimentos bons (41%) e muito bons (59%) e que faz lembrar da infância (87%). O valor de Pearson ($r = 0,1926$) mostrou não haver correlação entre a diversidade e área. O quintal é um microespaço na casa. O manejo dos quintais cria vínculos com o espaço que é transformado em lugar e o liga ao humano numa escala cronossistêmica. O apego positivo gerado é o que determina a configuração e conformação do quintal, distintos e ao mesmo tempo convergem enquanto estrutura e práticas de manejo. O quintal é importante para os mantenedores que neles investem sentimentos positivos construídos pela associação e apropriação do espaço. Os quintais têm perdido espaço, sobretudo nas zonas centrais das cidades. A crescente necessidade da utilização da área das residências mais centrais como estruturas comerciais (prédios, estacionamentos, lojas, etc.), somados ao adensamento populacional, à necessidade de aumentar a área construída da casa, além do processo de verticalização, paulatinamente excluem o quintal do cotidiano de parte da população enquanto que sua ocorrência tende a limitar-se nas zonas periféricas urbanas.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental. Apego ao lugar. Etnobotânica. Afeto. Senso de lugar.

RESUMEN

Patios traseros son espacios alrededor de las casas donde hay el cultivo de plantas que tienen diferentes usos, estableciéndose como un microsistema que sucede lazos afectivos. Este estudio tuvo como objetivo caracterizar los patios urbanos diversidad de plantas en Teresina (PI), conocer los usos dados a las hortalizas cultivadas, y analizar los factores que contribuyen a la vinculación emocional del mantenedor de espacio con el patio. Un universo de 201,093 hogares se muestrearon 96 patios urbanos ($e = 10\%$, $nc = 95\%$), para las entrevistas semi-estructuradas con cada mantenedor, mientras que las verduras se recogieron *in situ* en el momento de finalización de la *turnê-guiada*, seguido de metodología habitual, identificado e incorporado en el herbario Graziela Barroso (TEPB) de la Universidad Federal de Piauí (UFPI) cuando sea posible. La investigación fue sometida al examen de ética, el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Piauí, y ha sido aprobado de conformidad con el num. CAAE 20529114.1.0000.5214. Los datos fueron recogidos entre noviembre de 2013 y mayo 2014 reunión en hoja de cálculo y calcularon el índice de Shannon (H') para cada patio, curva de adelgazamiento y el coeficiente de correlación de Pearson (r) con el fin de verificar la ocurrencia de relación entre el área y la diversidad de plantas de patios. Estos fueron comparados en similitud con el fitodiversidad y construyeron el dendrograma de similitud (Jaccard). Para entender el apego al patio se utilizó la técnica de recorrido guiado y la escala de Likert para ayudar en la cuantificación de los datos. Patios traseros son heterogéneos, destacándose las familias Cactaceae (12 especies), Euphorbiaceae (11), Araceae / Lamiaceae (6), Arecaceae / Orchidaceae / Myrtaceae (5), Poaceae / Solanaceae (4). Hubo un equilibrio entre herbáceas, arbustos y árboles (36, 32 y 31%, respectivamente). Las categorías de uso ornamental (77 especies), medicinales y alimentos (47) fueron los que se mencionaron con mayor frecuencia. Influenza (73 citas), calmantes (45) y dolor abdominal, el estómago o indigestión (45) eran las enfermedades más mencionados y tratados por el conjunto de las plantas identificadas. La gestión del patio trasero se lleva a cabo por las mujeres (80%, 77) con un promedio de 42 minutos para hacerlo. Los patios se utilizan principalmente para el lavado de ropa (61,5%) y ocio (19%). Los encuestados que desconocen lo que es la sostenibilidad del medio ambiente (51,5%), pero hay que reconocer que el calor (47%) y los residuos urbanos (30,9%) como los principales problemas ambientales. Ellos fueron unánimes al considerar el patio importante en la residencia, lo que genera buenas sensaciones (41%) y muy buena (59%) y con reminiscencias de la infancia (87%). El valor de Pearson ($r = 0.1926$) no mostró correlación entre la diversidad y la zona. El patio es un microespacio en la casa. Gestión de patios crea vínculos con el espacio se transforma en su lugar y lo conecta a una escala temporal sistémica. El apego positivo generado es el que determina la configuración y conformación de lo patio, separado y simultáneamente convergen como las prácticas de estructura y gestión. El patio trasero es importante para los mantenedores que invierten en ellos sentimientos positivos construidos por la asociación y apropiación del espacio. Los patios han perdido terreno, especialmente en las zonas centrales de las ciudades. La creciente necesidad de utilizar el área de las estructuras más céntricas en la ciudad residenciales y comerciales (edificios, estacionamientos, tiendas, etc.), sumado a la densidad de población, la necesidad de aumentar la superficie construida de la casa, más allá del proceso de verticalización excluye gradualmente el patio parte de la vida cotidiana de la población, mientras que su presencia tiende a ser limitada en las zonas periféricas urbanas.

Palabras clave: Psicología Ambiental. El apego al lugar. Etnobotánica. Afecto. Sentido de lugar.

ABSTRACT

Home gardens are spaces around homes where plants are cultivated by having uses. It is a microsystem inside residence where happens the affective attachment. This study aimed to characterize the urban home gardens plant diversity in Teresina's (PI), and the uses for cultivated plants, in addition to analyzing the factors that contribute to the affective link besides space and home garden's maintainer. From a universe of 201 093 houses were sampled 96 urban home gardens ($e = 10\%$, $nc = 95\%$), with semi-structured interviews, while plants were identified *in situ* (guided tour) and collected. This was gathered in spreadsheets and calculated the Shannon index (H') for each yard, rarefaction curve to attest to and the sample sufficiency index correlation (r) in order to verify the relationship between the area and plant diversity of homegardens. These were compared for similarity with regard to plant diversity and constructed the dendrogram. To understand the attachment to yard art "to walk around the block" was used. And to help Likert scale to quantify data. Homegardens are heterogeneous, jutting out of the Cactaceae (12 species), Euphorbiaceae (11), Araceae, Lamiaceae (6), Araceae, Orchidaceae e Myrtaceae (5), Poaceae and Solanaceae (4) families. There balance of herbaceous, shrub and tree (36, 32 and 31, respectively). The categories of ornamental (77 species), medicinal and food (47) use were those who stood out. Influenza (77 citations), soothing (45) and stomachaches, stomach or indigestion (22) was the most common for the set of identified plant diseases. The management is carried out by women (79%, 54) using 47 minutes (average) daily for the management of the yard. These are mainly used for washing clothes (57%) and leisure (22%). Unaware of what is environmental sustainability (51.5%), but recognize the heat (47%) and urban waste (30.9%) as major environmental problems. Were unanimous in considering the important yard at the residence, which generates good feelings (41%) and very well (59%) and reminiscent of childhood (87%). The value of Pearson ($r = 0.1926$) showed no correlation between diversity and area. The backyard is a micro space in the house. The yard management generates affinities between space and maintainers. So the space transforms into place that connects the human to it across a systemic time scale. The positive placeattachment is what defines the configuration and conformation of the yard, which apart and simultaneously converge as structure and management practices. The back yard is important for maintainers who invest in them positive feelings built by the association and appropriation of space. The homegardens have lost ground, especially in central areas of cities. The growing need to use the area of the most central residential and commercial structures (for buildings, for parking lots, for shops, etc.), added to the population density, the need to increase the constructed area of the house, beyond the verticalization process gradually exclude the yard part of the daily life of the population while its occurrence tends to be limited in urban peripheral areas.

Keywords: Environmental Psychology. Place Attachment. Ethnobotany. Affection. Sense of place.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem devo graças pelas maravilhas que me proporciona e aos desafios, quando sempre está comigo;

À Universidade Federal do Piauí, ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) e à Coordenação do Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (DDMA), pela oportunidade de desenvolvimento pessoal e crescimento profissional, através desta grande experiência vivida;

À minha orientadora, que acolhe cada orientando com a um filho, Profª Dra. Roseli Farias Melo de Barros, que nos momentos de angústia sempre alertava com firmeza e carinho, zelando pelos seus para a correta conclusão desta jornada;

Aos mantenedores dos quintais pesquisados, pela receptividade e atenção durante as entrevistas e coletas;

Ao Prof. Dr. Denis Barros de Carvalho, pelas contribuições e direcionamentos no campo da Psicologia Ambiental;

Aos Professores do DDMA, pelo companheirismo, amizade e compartilhamento de bibliografias e conhecimentos;

Aos amigos do Colegiado do Curso de Biologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – campus Timon, pela liberação no último semestre para a conclusão da escrita desta tese;

Ao Professor Dr. Fábio Vieira, pela presteza e ajuda nas correções e realinhamento de cursos;

Aos meus colegas de curso, Maria Pessoa, Socorro Barbosa, Kelly Poliana Santos, Lúcia Gomes, Rosemary Souza, e José Almeida Neto pela ajuda nas coletas;

À minha esposa, Manoela dos Santos Sousa Nojoza, por sempre me incentivar e me mostrar do que sou capaz e por me dar a princesa mais linda do mundo, Lara. Obrigado meu amor!

À minha Mãe, Maria de Fátima e tia Miriam Nojosa, pelo apoio e estímulo, exemplos de simplicidade e retidão;

Aos meus irmãos Henrique e Roberto, pela amizade e momentos de descontração;

À minha irmã e comadre, Livia, pelo exemplo de determinação, cuja notável habilidade com os estudos serviu-me de espelho na vida acadêmica;

Aos compadres Eryson Thiago e Ana Dulce, com os quais passei muitos momentos de alegria e que sempre estiveram dispostos a incentivar e ajudar;

A todos os amigos de outras turmas do Programa, que ajudaram e/ou torceram pela conclusão deste trabalho;

Aos estagiários do Herbário Graziela Barroso, pela ajuda na preparação do material botânico;

Aos funcionários do Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste (TROPEN), Maridete Alcobaça, João Batista Araújo e Raimundo Oliveira, pela presteza, atenção e amizade;

Aos taxonomistas e/ou curadores dos herbários das mais diversas Instituições de Ensino e Pesquisa, pela relevante colaboração;

Aos demais familiares e amigos a minha gratidão e carinho, pelo estímulo e confiança;

Por fim, agradeço a todos, que de alguma forma e em algum momento contribuíram para que eu continuasse adiante até a conclusão desta pesquisa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 Quintais	12
2.2 Apego ao Lugar	18
REFERÊNCIAS	24
3 RESULTADOS	38
3.1 Artigo 1 - Fitodiversidade e Etnobotânica em quintais urbanos em Teresina (PI), Brasil	39
3.2 Artigo 2 - Vinculação Afetiva a Quintais Urbanos do Nordeste Brasileiro	68
4 CONCLUSÃO GERAL	87
APÊNDICE	88
Apêndice A - Formulário de Entrevistas Semiestruturada	89
ANEXOS	93
Anexo A - Normas para publicação – Revista Ambiente e Sociedade – A2	94
Anexo B – Normas para Publicação – Revista Espacios – Caracas – B1	98

1 INTRODUÇÃO

Os quintais são espaços criados e mantidos nos arredores das residências que ensejam diversos usos que variam principalmente conforme as necessidades de seus mantenedores. São formados por parte do lote com limites definitivos que o cercam, cultivados com uma mistura diversa de espécies vegetais perenes e anuais, podendo estar arranjados numa estrutura vertical em camadas, frequentemente combinado com a criação de rebanhos animais, e controlado principalmente por membros da família para a produção da subsistência (DAS; DAS, 2005).

Os quintais são espaços locais de vivência, manifestação e transmissão do conhecimento e saberes acumulados através de gerações. Assim, buscam a preservação e conservação, reprodução socioeconômica das famílias e a promoção da segurança alimentar. Embora tenham sido foco de poucos estudos, os quintais apresentam uma importância que não se limita à segurança alimentar, mas também, secundariamente, para a renda familiar, incluindo-se seu uso como local de experimentação e reservatório de conhecimento etnobotânico.

O cultivo de plantas em regiões urbanas e periurbanas é uma prática importante em várias regiões do planeta. Com o processo de urbanização, observa-se que os espaços rurais estão sendo rapidamente arquitetados para assumir a forma de ambientes urbanos. Os quintais, enquanto espaços de sustentabilidade, refletem uma das expressões do senso de lugar. São descritos através dos sentidos humanos e englobam as tradições, o trabalho e as responsabilidades habituais, a ligação com lugares conhecidos, as relações do cotidiano entre as pessoas, como também o bem-estar humano psicológico e social.

O lugar expressa a empatia e afeto do homem com o espaço. Fundamenta-se na experiência diária de interação e intervenção. O significado do lugar é então particular e reflexo do intercâmbio de informações. Os quintais são como um tipo de representatividade do senso de lugar. Podem afetar o ecossistema urbano quando as diferentes relações entre vegetais/animais/humanos são influenciadas pelo sentido de lugar atribuído por este último, que conectam-se diretamente com a riqueza de espécies encontradas no quintal, pois tais relações ocorrem de maneira a formar um intercâmbio de espécies nativas entre os membros da comunidade local.

A partir deste contexto, a ligação entre as pessoas e os espaços em que vivem permite que essas desenvolvam estratégias de resistência às mudanças da paisagem (do rural

para o urbano) e à perda de práticas de cultivo e/ou manejo de vegetais, que em geral estão relacionadas ao crescimento da urbanização.

Diante dos estudos realizados com quintais, este trabalho acrescenta a avaliação do espaço enquanto lugar, configurado e mantido historicamente mediante as necessidades e vontades de seu mantenedor. É através do registro do cultivo de espécies vegetais e dos sentimentos que o quintal gera no sujeito que fica evidente essa relação entre homem e este ambiente. Foram tomadas informações sob dois aspectos: o etnobotânico, relativo ao cultivo de vegetais no quintal; e psicológico, sob a ótica do afeto ao lugar, estudado à luz da Psicologia Ambiental.

A ligação entre as pessoas e os espaços em que vivem permite que essas modifiquem o ambiente em sua paisagem, transformando o espaço e gerando territorialidades. O comodismo das tecnologias presentes no meio urbano favorece ao desuso de práticas etnobotânicas, que em geral estão relacionadas ao crescimento do processo de urbanização. Os quintais são espaços de interação entre o homem e a natureza, e a sua manutenção consiste numa tentativa de conservar o vínculo com o ambiente natural. Na cidade, o espaço se torna escasso à medida que aumenta o adensamento populacional. Este gera demanda por moradias e espaços de convivência. Some-se a isso a crescente verticalização, os quintais então são relegados à periferia urbana e constantemente em tamanho reduzido.

Considerando tais aspectos, a questão que se busca elucidar é: os quintais urbanos da cidade de Teresina (PI) apresentam diferenças significativas em relação às características físicas, de biodiversidade, de usos e na forma como são criados/mantidos, quando comparados entre si?

Este trabalho objetiva verificar a fitodiversidade presente nos quintais urbanos e como estes são mantidos, na perspectiva do uso de espécies vegetais e dos sentimentos gerados pelos mantenedores ao interagir com os quintais urbanos. A tese está dividida em Introdução, Revisão de Literatura sobre quintais e estudos sobre a vinculação afetiva humana aos lugares. São apresentados dois artigos: No primeiro, discute-se a diversidade vegetal dos quintais urbanos e seus aspectos ecológicos e físicos; e no segundo uma análise sob a ótica do apego ao lugar sobre a formação, manutenção e os sentimentos que o quintal gera em seu mantenedor, aspectos importantes para evidenciar a intensidade e frequência do manejo. Por fim, a Conclusão geral da tese, bem como as referências utilizadas no trabalho. Logo em seguida, o formulário de entrevistas semiestruturadas como apêndice e as normas para publicação dos dois artigos como anexos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

São apresentados os conceitos de quintais, sua importância, sua tipologia e classificação, os componentes principais e característicos de cada tipo e os usos, espécies vegetais cultivadas e configuração que apresentam conforme a forma de manejo empregada. Num segundo momento, são abordados conceitos de lugar, afeto e vínculo, bem como estes possam ter se desenvolvido acerca do quintal.

2.1 Quintais

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra. Nestes espaços as relações mantidas entre a sociedade e a biodiversidade agregam às culturas, elementos adaptativos que servem de base para a subsistência das populações locais. Outras denominações podem ser encontradas na literatura como hortas, terreiros, *home gardens*, *backyards*, *kitchen garden* ou *households*.

Os quintais são espaços próximos e no entorno das residências com usos variados (AMOROZO, 2008; GUARIM NETO; NOVAIS, 2008), onde os membros da família se reúnem, cultivam plantas e criam animais. Sua extensão pode não apresentar limites físicos ou ser delimitado por muros ou cercas, que podem auxiliar na sua classificação quanto ao tamanho. Foram identificados na literatura, considerando a origem, local de ocorrência, estrutura e manejo, quatro tipos principais de quintais: agroflorestal (APOLINÁRIO et al., 2012), indígena (SALIM, 2012), tradicional (SALIM, 2012; FLORES-DELGADILLO et al., 2011) e urbano (LUCAS, 2014; SIVIERO et al., 2014).

Os quintais agroflorestais são sistemas de manejo tradicionais localizados nos trópicos que ofertam uma série de produtos e/ou serviços. Nestes há o cultivo de plantas e a criação de animais, diminuindo consideravelmente os gastos familiares para obtê-los fora da propriedade, e sustentáveis ao longo dos anos, pois é aquele no qual exista atividade agrícola concomitante ao extrativismo vegetal (PEYRE et al., 2006; GAZEL FILHO, 2008; CASTRO et al., 2009; SILVA; SABLAYROLLES, 2009), onde acontece, em geral em pequena escala e no qual seus limites dependem do conhecimento e uso que o mantenedor tenha da floresta.

Quintais agroflorestais são aqueles em que a multifuncionalidade está presente, gerando efeitos na preservação e conservação ambiental; aspectos socioeconômicos das famílias rurais, além de propiciar a segurança alimentar (VIEIRA; ROSA; SANTOS, 2012). Funcionam como reservatórios de diversidade de espécies de árvores, arbustos e ervas

situados dentro de um limite residencial (APOLINÁRIO et al., 2012), que é manejada com vistas ao atendimento das necessidades como alimentação, saúde (uso de plantas medicinais), vestuário, construção de casas, assim como manufatura de diversos objetos de uso comum, que incluem o cultivo itinerante ou migratório, sistemas indígenas, sistemas tradicionais abertos ao mercado e o cultivo alternado de plantas perenes arbóreas, arbustivas e palmáceas (CASTRO et al., 2009). Para Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) essa integração entre quintal e floresta permite que uma alta diversidade de espécies, com múltiplas finalidades seja cultivada nos quintais.

Quanto ao quintal indígena, é aquele composto pelas áreas no entorno da oca, muitas vezes se estendendo pela floresta, e que podem receber designações conforme a cultura indígena em questão, podendo ser caracterizados ora como agroflorestais ora como tradicionais (SALIM, 2012).

Os quintais da terra indígena Kwatá-Laranjal, das etnias Munduruku e Sateré-Mawé (Amazonas, Brasil) são considerados sistemas agroflorestais. Acontecem com o plantio ao redor das moradias, sendo variadas as formas de manejo com árvores frutíferas úteis poupadas na abertura de roças, mudas de frutíferas cultivadas nas roças, o que implica em várias configurações de quintais, como: conjunto de cultivos de frutíferas, condimentais e medicinais próximas às residências; cinturão de frutíferas no entorno da aldeia; frutíferas em roças; e pomares mistos (SALIM, 2012).

Segundo Perez (2010), na Comunidade Araçá, Lavrado de Roraima, onde estão presentes as etnias Wapishana, Macuxi, Taurepang e Sapará, os recursos da mata são comuns enquanto que os quintais indígenas são de uso de cada família, existindo várias espécies vegetais em cultivo, como também a criação de animais, com distinção entre plantas não-comercializáveis e aquelas comercializáveis que teriam prioridade para adubação e rega, onde são cultivadas espécies Manga (*Mangifera indica* L.), Lima (*Citrus aurantifolia* Swing.) e Côco (*Cocos nucifera* L.) mantidas em canteiros suspensos, diretamente no solo, com uso de vasos ou pelo cultivo de mudas (Côco - *Cocos nucifera* L. e pimenta - *Capsicum chinense* Jacq.). A ciclagem de nutrientes é evidente no uso de restos orgânicos e esterco de galinha e gado para plantas do quintal.

Os quintais tradicionais são aqueles cuja caracterização é baseada no uso, sendo utilizados como espaços de criação de pequenos animais, de manutenção de cultivos de vegetais diversos, local para festas religiosas (festas de santos), benzeção, rezas e lazer, entre outras (GUARIM NETO, AMARAL, 2010; CULTRERA; AMOROZO; FERREIRA, 2012). Quintais agroflorestais, indígenas e até mesmo urbanos podem ser caracterizados como

tradicionais quando estes apresentam manejo e estrutura que evidencie a tradicionalidade (BERETA, 2010; SALIM, 2012).

Os quintais têm sofrido grandes transformações ao longo do tempo, na sua forma e função como respostas adaptadas às novas exigências socioeconômicas, resultante das alterações impostas pelo desenvolvimento econômico e pela urbanização. Tais mudanças impulsionam a troca de antigos valores por novos (PERNA; LAMANO-FERREIRA, 2014) e promovem a alteração da fisionomia dos quintais (AMOROZO, 2008). Esses novos valores são percebidos principalmente, nos quintais urbanos, onde a diversidade de plantas exóticas é bem superior às plantas nativas, com o encontrado por alguns autores (SIVIERO et al., 2011; CARVALHO et al., 2013).

Os quintais urbanos são considerados espaços de resistência no ambiente urbano e que assim permitem a interação do homem com elementos naturais (SIVIERO et al., 2014). Lucas (2014) afirma que são espaços pequenos presentes nas residências nos quais a família pode cultivar alimentos para a complementação da própria dieta, destinados ao cultivo de espécies vegetais, à criação de animais domésticos, ao lazer/descanso, além de funções ecológicas, como aumento da evapotranspiração, atenuação da temperatura e criam corredores ecológicos urbanos. Os quintais urbanos proporcionam também segurança alimentar (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; CARNIELLO et al., 2010; LUCAS, 2014; OTTMANN et al., 2011), economicidade e sustentabilidade (WINKLERPRINS, OLIVEIRA, 2010; TROTTA et al., 2012). Também conhecidos por quintais caseiros ou domésticos (VAN HOLTE, 2003; TROTTA et al., 2012), podem receber designações conforme o que se cultiva, como pomar (plantas frutíferas), jardim (plantas ornamentais) e horta (plantas alimentícias e medicinais) (VAN HOLTE, 2003; TROTTA et al., 2012). São considerados sistemas agroflorestais que ocorrem em zona urbana (TROTTA et al., 2012; SIVIERO et al., 2014). Apresentam-se dinâmicos em relação ao espaço e tempo, pela variedade de espécies cultivadas, atrelados a valores simbólicos ou místicos (plantas de uso místico/religioso) e com importância estética, refletido no cultivo de plantas ornamentais (HECKLER, 2004; SIVIERO et al., 2014).

Os quintais urbanos são espaços de acesso fácil e cômodo, limitados por muros ou cercas nos quais os membros da residência delimitam o espaço do lote. O quintal é espaço de convivência familiar. Quando arborizado, permite o sombreamento e amenização da sensação térmica em nível local, enquanto que em conjunto com demais quintais adjacentes, criam um corredor ecológico, permitindo a sobrevivência e dispersão de várias espécies de animais como pequenos répteis e aves (CARNIELLO et al., 2010).

Uma variação é o quintal agroflorestral urbano, uma forma de uso da terra em propriedade particular ou comunitária, onde ocorrem várias espécies de árvores que são cultivadas, em conjunto com espécies agrícolas perenes e anuais, e, ocasionalmente, criação de pequenos animais, ao redor da residência (NAIR, 2004).

O tamanho do quintal é um dos parâmetros importantes para sua caracterização, estando relacionado em vários estudos (DAS; DAS, 2005; AMORIM, 2010; KUMAR, 2011; SIVIERO et al., 2011; SALIM, 2012) com a diversidade e abundância das espécies vegetais.

O manejo familiar e fatores externos e internos, como função e tamanho do quintal, bem como fatores socioeconômicos e culturais determinam a distribuição e arranjo dos vegetais nos quintais (NAIR, 1986). Suas bases estão em práticas simples e de baixo custo, relativos às práticas tradicionais de cultivo dos vegetais (NOVAIS et al., 2011).

Em Vieira, Rosa e Santos (2013), o tamanho dos quintais variou de 0,05 a 0,25 ha, com área média de 1.675 m², quase 0,17 ha. Já Lacerda (2008) encontrou três tipos de quintais com relação ao tamanho: pequenos, médios e grandes. Os quintais considerados pequenos, tinham no máximo 400m²; os médios, entre 400m² e 800m² e os grandes, eram aqueles com áreas acima de 800m². Amorim (2010) estudou quintais de pescadores em zona urbana e verificou que os mesmos variaram em forma e tamanho, desde 12m² até 1.350m² (em média quintais com 249m² e desvio padrão de 275m²). Em Florentino, Araújo e Albuquerque (2007), encontraram uma estreita relação entre o tamanho dos quintais e a riqueza de espécies ($r = 0,69$; $P = 0,001$), cujos quintais variaram de 140 a 12.500m², e média de 3.300m².

Em Bereta (2010), o quintal com maior riqueza apresentou 73 espécies, enquanto que o quintal com menor riqueza apresentou 24 táxons. Segundo o mesmo autor, tal variação relaciona-se com a idade do quintal, a complexidade florística e estrutural e pelo conhecimento que os mantenedores têm a respeito das plantas cultivadas.

Quanto à idade do quintal, coincide com o tempo de permanência de cada mantenedor na propriedade, podendo ser classificados de formas variadas, em geral, como quintais novos ou velhos. Para Trinh et al. (2005), os quintais variaram de 10 a 39,8 anos de idade. Já em Florentino, Araújo e Albuquerque (2007), a idade dos quintais variou entre 3 a 58 anos (com média de 25 anos).

Segundo Vieira, Rosa e Santos (2013) a idade média do quintal agroflorestral em Bonito é de 11,5 anos, sendo que o quintal com menor tempo de cultivo corresponde a três anos e o maior, a 35 anos. Pinho et al. (2011) relatam que os quintais são comuns nas habitações indígenas e para avaliar o efeito destes espaços sobre os solos, amostras foram coletadas em quintais com idades diferentes: novos (0 a 10 anos de idade), estabelecidos (15 a

35) e velhos (mais de 40). Tentativas de classificação podem variar de autor para autor, pois vai depender do tipo de estudo que se propõe fazer. A idade do quintal pode revelar aspectos do quanto aquele espaço já foi cultivado, pois com o tempo pode haver esgotamento de nutrientes e/ou aumento da matéria orgânica no solo.

O quintal pode apresentar usos variados, em geral, sendo utilizados principalmente para cultivo de vegetais e criação de animais úteis, para armazenagem de materiais e como área de lazer e socialização na residência. Vários estudos destacam usos variados dos quintais, em conservação da biodiversidade (AKINNIFESI et al., 2010; GUARIM NETO; AMARAL, 2010; KUMAR, 2011; NOVAIS et al., 2011; CARVALHO et al., 2013; SALOMÃO, 2013; ALMEIDA; PASA; GUARIM, 2014), cultivo de plantas medicinais (HARIYADI, TICKTIN, 2012; SILVA, GUARIM NETO, 2012; RAHMAN, 2013; ROSE, ÖZÜNEL; BENNET, 2013; ZUCCHI et al., 2013; BAPTISTEL et al., 2014; DAVID et al., 2014; PERNA, LAMANO-FERREIRA, 2014), segurança alimentar (SIVIERO et al., 2011; MISHRA; CHAUDHURY, 2012; MOSINA; MAROYI; POTGIETER, 2014), a relação entre as plantas e a cultura (ADNAN, OTHMAN, 2012) e alterações antropogênicas nos quintais (FLORES-DELGADILLO et al., 2011; PINHO et al., 2011).

Os trabalhos com quintais destacam as plantas cultivadas e seus usos. São consideradas como nativas ou exóticas em relação ao Brasil, e a proporção de cada tipo relaciona-se com a escolha para cultivo. Grande maioria de levantamentos sobre quintais, a frequência de plantas cultivadas exóticas foi superior às nativas (FLORENTINO, ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; AMARAL; GUARIM NETO, 2008; LACERDA, 2008; SILVA; PROENÇA, 2008; AGUIAR, 2009; ALBERTASSE; THOMAZ; ANDRADE, 2010; FRASER, 2010; PINHO et al., 2010; DUQUE-BRASIL et al., 2011; PINHO et al., 2011; SIVIERO et al., 2011; AGUIAR; BARROS, 2012; JESUS et al., 2012; SEGALLA; COELHO; AZEVEDO, 2012; SILVA; GUARIM NETO, 2012; TROTTA et al., 2012; ALVES; POVH, 2013); em Apolinário et al. (2012) houve equilíbrio na proporção nativas/exóticas e somente em Faria, Melo e Faria (2014) e Bereta (2010), as nativas foram maioria. Isso representa uma preferência direcionada às plantas exóticas, pela não identificação das pessoas com as plantas nativas (CARNIELLO et al., 2010).

O sujeito que define a estrutura e o conteúdo do quintal, bem como quem delimita suas dimensões e o que é cultivado nele é seu mantenedor (BERETA, 2010). O manejo pode acontecer somente pelo mantenedor, no caso de quintal urbano ou quando este recebe ajuda de outras pessoas, considerando-se quintais agroflorestais, como exemplo.

A participação de cada gênero no manejo dos quintais apresenta, na literatura, uma proporção maior de mulheres diretamente comprometidas com as atividades (OAKLEY, 2004; AMARAL; GUARIM NETO, 2008; NOVAIS et al., 2011; AGUIAR; BARROS, 2012; TROTTA et al., 2012). Em Florentino, Araújo e Albuquerque (2007), há destaque para o papel feminino, embora se considere um estudo em quintais agroflorestais, no qual a presença do agricultor seja mais evidente como no caso de mulheres terem sua atenção voltada para plantas ornamentais enquanto que homens conhecem mais plantas alimentícias (CARNIELLO et al., 2010). Já em Garrote (2004), o trabalho destaca o levantamento em quintais, embora não considere a questão de gênero para os mantenedores.

A diversidade florística encontrada nos quintais é reflexo das escolhas de seus mantenedores. Tais escolhas são realizadas por que há uma relação de proximidade, conhecimento e uso dos mantenedores com as plantas. Os usos podem ser os mais diversos, como alimentar, medicinal, ornamental, místico/religioso, e outros mais específicos que possam ser mencionados.

O uso e cultivo de plantas alimentares estão relacionados, principalmente com a segurança alimentar, sendo a complementação do alimento familiar, a cargo das frutíferas (VIEIRA; ROSA; SANTOS, 2013). A roça fornece carboidratos e as hortas e pomares produzem vitaminas e sais minerais presentes em verduras e frutas. Em geral, as plantas são cultivadas para atender determinados tipos de uso, ou nascem espontaneamente e passam a ser manejadas (SALOMÃO, 2013).

O uso medicinal está relacionado com a tradição, geração após geração, o conhecimento popular sobre o uso e aplicação dos princípios ativos presentes nos vegetais, o que cria uma farmacopeia tradicional (TROTTA et al., 2012).

Variados estudos consideraram a categorização de usos que os vegetais podem apresentar, que são reflexo da escolha de quais serão cultivados. Em muitos estudos houve o reconhecimento do quintal para a segurança alimentar do núcleo familiar (OTTMANN et al., 2011; AGUIAR; BARROS, 2012; APOLINÁRIO et al., 2012; SALIM, 2012; VIEIRA; ROSA; SANTOS, 2012; SALOMÃO, 2013; VIEIRA; ROSA; SANTOS, 2013).

Usos alimentar, medicinal e ornamental foram os mais comuns na literatura, com os três alternando-se, ora alimentar (BERETA, 2010; CARNIELLO et al., 2010; PEREIRA; ALMEIDA, 2010; DUQUE-BRASIL et al., 2011; FREITAS et al., 2011; NOVAIS et al., 2011; OTTMANN et al., 2011; PEREZ, 2010; SIVIERO et al., 2011; VILARINHO et al., 2011; AGUIAR; BARROS, 2012; APOLINÁRIO et al., 2012; CULTRERA; AMOROZO; FERREIRA, 2012; SALIM, 2012; VIEIRA; ROSA; SANTOS, 2012; MIRANDA; KATO;

SABLAYROLLES, 2013), ora medicinal (GUARIM NETO; AMARAL, 2010; ZUCCHI et al., 2013) e ora ornamental (TROTТА et al., 2012; CARVALHO et al., 2013; MOSINA; MAROYI; POTGIETER, 2014).

Os quintais são espaços importantes da vida humana, pois são neles que o humano interage, modifica e cria sua visão de natureza, estabelecendo vínculos que perduram por toda a vida.

2.2 Apego ao Lugar

Para Souza (2006), a Psicologia Ambiental relaciona o ser humano e sua relação num contexto físico e social, objetivando estudar os aspectos individuais e coletivos das inter-relações entre a sociedade e o seu ambiente.

De acordo com Bronfenbrenner (1977), na teoria da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, cada indivíduo é significativamente afetado pela interação de uma série de sistemas que se sobrepõem, variando de microssistemas à biosfera. Os microssistemas estariam baseados no desenvolvimento humano íntimo e imediato. Para as crianças, os principais microssistemas incluem a família, grupo de pares, sala de aula, a vizinhança, etc., ou seja, a nível individual mais próximo; os mesossistemas acenam para as interações entre os microssistemas, como quando, por exemplo, os pais coordenam esforços com os professores para melhor educar as crianças; os exossistemas incluem todos os mais velhos do que redes externas anteriores, como estruturas do bairro e da cidade; os macrossistemas são aqueles que formam os valores culturais e políticos de uma sociedade, os modelos econômicos e as condições sociais. O cronossistema refere-se ao período histórico em que o indivíduo vive e o globossistema, se refere às condições ambientais. Sua teoria é parte de teorias dialéticas contextuais que explicam a mudança de comportamento individual, por meio da influência do ambiente.

Assim, como a relação afetiva ou os laços emocionais que as pessoas têm com os lugares onde vivem (FRIED, 1963, 2000; GIULIANI, 2002), e que se mantém entre o indivíduo e o meio (contexto) no qual está inserido que pode ser estabelecido em quatro níveis distintos: micro, meso, exo e macrossistema, que se influenciam mutuamente, assim como ao indivíduo que nele está inserido (BRONFENBRENNER, 1977).

Para Bronfenbrenner (1994) um microssistema é o padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais vivenciadas pelo desenvolvimento individual em interações face-a-face e ajustes das características físicas, sociais e simbólicas particulares que permitem

ou impedem sustentar interações progressivamente mais complexas e mais ativas com o ambiente imediato. É dentro deste ambiente que os processos proximais operam para produzir e sustentar o desenvolvimento, mas como a definição citada indica, ele depende do conteúdo de energia e a estrutura do microssistema.

Segundo Bonaiuto et al. (1999) a satisfação com a residência está associada com o apego ao espaço. O afeto é a habilidade do ser humano em estabelecer relações, nas quais se criam vínculos (DINIZ, KOLLER, 2010).

De acordo com Ferreira (2006) a afetividade é importante como um instrumento de investigação da realidade que permite entender a relação entre o homem e o meio sociofísico. Segundo a mesma autora, a afetividade vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento na ciência psicológica.

Hummon (1992) define senso de lugar como as experiências e a percepção das pessoas em relação a um ambiente. Para Holzer (1997), o "lugar" é um conceito essencial para a formulação de um "mundo" pessoal ou intersubjetivo, e que, portanto, interessa aos que se propõem a fazer um estudo fenomenológico.

De acordo com Hashem et al. (2013), o senso de lugar é um elemento que converte o espaço em um lugar, que apresenta características especiais do indivíduo, tanto de comportamento como emocional. Está comumente relacionado com outros conceitos que a literatura de psicologia ambiental remete ao projeto arquitetônico e urbanístico contemporâneo, como conceito de apego ao lugar (*placeattachment*). Este, por sua vez, é tido por Yazdanfar et al. (2013) como um conceito contratual entre as pessoas e o lugar, que reflete em sua identidade. Os autores alertam que com o desenvolvimento inadequado dos espaços arquitetônicos e urbanísticos, o senso de lugar e o apego ao lugar estão se desfazendo. O significado e apego são características inerentes ao lugar, assim a falta de sentido do ambiente resulta em fraqueza do senso de lugar e da identidade de lugar.

Segundo Mcewen (2014), os principais elementos que se combinam para criar um senso de lugar são: sua história, do ambiente físico ou sua paisagem, e da comunidade, incluindo as pessoas que lá vivem. O mesmo autor reitera classificar o senso de lugar como um processo em ciclo contínuo, com três etapas ocorrendo ao mesmo tempo em sequência. Inicialmente há um primeiro contato. A partir daí passa a existir uma ideia ou senso (de lugar). E finalmente, os sentidos são impactados pela forma como se enxerga o ambiente. Então, como num funcionamento cíclico, o processo se reinicia na próxima vez que se visita ou interage com um lugar, de forma presencial ou apenas por pensar nele; ele toma outro

sentido, pois agora existe um sentimento de lugar que impacta o senso de lugar na próxima visita.

Barros e Muis (2013) avaliaram quais atributos de um lugar melhor explicam a imagem que os moradores têm da residência, considerando a relevância dos aspectos físicos, morfologia e microclima urbanos, fornecendo subsídios para a elaboração e implantação de projetos urbanos que se adequem aos desejos da população das cidades. Entrevistaram 250 moradores de cinco bairros da região sudeste da cidade de Cuiabá (MT), ao tempo em que mediram de forma móvel e fixa a temperatura do ar destes espaços. Os resultados sugerem que a imagem de moradia da maior parte dos entrevistados foi mais fortemente associada aos atributos “bom investimento” e “boa localização”, ficando em segundo plano as melhores condições ambientais do lugar de morada.

Para Alves (2014) os lugares recebem significados dinâmicos, na medida em que se constituem num processo ativo em constante transformação, operando de forma diferente nos pensamentos, interações sociais, bem-estar físico e sentimentos de cada indivíduo.

As pesquisas sobre apego ao lugar têm despertado interesse em âmbitos diferenciados, para o reconhecimento de sua contribuição no que tange a definição da identidade pessoal e no sentido de pertencimento aos lugares (ELALI; MEDEIROS, 2011; FELLIPE; KUHNEN, 2012).

Lenzholzer e Koh (2010) avaliaram como o conforto térmico constitui um fator importante para a usabilidade e atratividade de lugares ao ar livre. Estudaram fatores essenciais que influenciam a percepção de microclima e como essas percepções se relacionam com o microclima típico destas configurações espaciais. Para tal, os dados sobre a percepção de microclima e espacial de longo prazo foram adquiridos por meio de entrevistas e medições de climatização nas três praças holandesas. As impressões de microclima dos usuários foram mapeadas e compiladas em "mapas cognitivos coletivos" para percepções de microclima. A análise dos mapas mostrou que as pessoas atribuem certas características microclimáticas para algumas configurações espaciais. Para estas, consideraram o microclima em três praças e analisaram de acordo com as suas propriedades volumétricas e propriedades de microclimas esperados, que revelou que as percepções sobre microclima das pessoas de um modo geral foram bastante precisas.

Segundo Ferraz (1997), o papel da casa e suas relações com o bairro residencial estão vinculadas ao abrigo, o espaço particular para o descanso, sede de uma família, e deve permitir condições internas para que todos os membros da família possam usufruir o conforto mínimo. Todavia, a noção de habitar não se limita às condições internas da habitação, se

estendendo para além dos limites físicos do lote, abrangendo outras casas residenciais e o conjunto das atividades necessárias para o funcionamento do lar, como o abastecimento, educação dos filhos, lazer, repouso e facilidade de acesso aos locais de trabalho.

Sawaia (1999) ressalta que a afetividade relaciona sentimentos e emoções, quer sejam potencializadas ou não na ação. Segundo Rivlin (2003), no estudo das relações entre o homem e o meio ambiente sob a ótica da psicologia ambiental, devem ser considerados alguns aspectos: as pessoas vivenciam o ambiente de forma holística; as interações criam o processo de “feedback” cíclico; o ambiente físico sempre está envolvido com a esfera social; sendo a qualidade do ambiente integrada à inter-relação homem-ambiente, com aspectos cultural, econômico, social e político, as influências podem ser tanto sutis, quanto mais evidentes; as interações acontecem em nível inconsciente e só são enxergadas quando acontecem; diferenças individuais geram diferentes percepções naqueles que interagem com o ambiente; o qual é construído/organizado por um conjunto de imagens mentais; o ambiente tem um valor simbólico, sendo importante manter a visão holística numa perspectiva ambiental.

Para Giuliani (2004), o sentimento decorrente do senso de lugar ou apego ao lugar e pode ter consequências negativas, como no caso de conflitos interétnicos, em que cada povo sente apego a um mesmo lugar, resultante de um “sistema afetivo” importante, que pode ajudar ou obstruir o equilíbrio e o bem-estar material e espiritual. Afirma ainda que o apego ao lugar é considerado relevante para o estudo dos aspectos afetivos no relacionamento entre pessoa e ambiente. Tal apego consiste na ocorrência de afetos diversos, vinculados ao local de nascimento, as relações com outras pessoas e a acontecimentos ocorrentes nestes lugares.

O mesmo autor destaca processos que podem motivar o sentimento de apego, como a satisfação das necessidades da pessoa no local, o(s) significado(s) simbólico/físico do local para a formação da identidade da pessoa e o período de residência e familiaridade que se evidencia nos sentimentos de segurança e bem-estar das pessoas. Existem lugares com valor simbólico ou que correspondem a um período expressivo na vida pessoal, sem que isso remeta a um tempo duradouro de residência. Ainda para Giuliani (2004), o apego pode ter bases cognitivas, relacionada à qualidade do lugar, com a possibilidade deste atender as demandas das pessoas envolvidas e demandas afetivas, com as emoções e o apego que o lugar gera no indivíduo.

Segundo Alencar e Freire (2007), apego ao lugar relaciona-se ao vínculo afetivo estabelecido entre uma pessoa e o ambiente, excluindo-se a necessidade de um processo de identificação prévio com este. Já para Rabinovich e Bastos (2007), o conceito de apego ao lugar pode ser entendido como o sentimento em relação ao ambiente e à comunidade que

ajuda a definir, determinado pela mesma comunidade - lar (família, parentes, amigos), local de trabalho (colegas), igreja (os outros devotos), vizinhança, cidade, país, continente – e contribui para caracterizar a identidade, dar sentido à nossa vida, enriquecê-la com valores, metas e significados.

Sampson e Goodrich (2009) realizaram investigação em duas comunidades no distrito de Westland, Nova Zelândia, visando examinar atributos para a configuração da identidade com o lugar. Os autores citaram que aspectos como identidade, comunidade, e pertencimento mostraram a necessidade de incluir também fatores físicos e psicológicos na formação do lugar, levando a uma compreensão mais abrangente sobre o tema, pois são complementos para o conjunto complexo de construções sociais e culturais, tornando-se fundamental para a identidade de um povo. O lugar seria tecido por três aspectos: o geográfico, material e o cultural.

Para Jerônimo e Gonçalves (2013), a construção da identidade de lugar e a personificação do lugar são processos que se complementam e podem ser observados na apropriação do espaço. A singularidade de cada habitante, ao mesmo tempo em que e a coletividade da comunidade, são fatores que desenham o espaço nativo, por meio do afeto, estética, simbolismo e cultura. Ainda segundo os mesmos autores, o espaço é apropriado quando há uma identificação com o lugar, em sentido individual (sujeito/pessoa) ou coletivo (comunidade), sendo, tanto o sujeito quanto sua identificação com o lugar, uma construção contextualizada, cujas relações sociais, culturais e históricas contemplam no mundo físico e simbólico, e nas dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais, a construção desta identidade e do indivíduo. Os autores ressaltam ainda que reconhecer-se em um lugar aludi à soma das lembranças, sentimentos, vivências e significados dos sujeitos que habitam um mesmo espaço e os significados de desenhos e estruturas arquitetônicas do passado que não mais existem continuam presentes na memória de forma saudosa.

De acordo com Braga, Morelli e Lages (2004), a territorialidade se apresenta como as relações entre um indivíduo ou grupo social e seu local de referência, evidenciando-se numa localidade, região ou país, e que expressa um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. Individualmente, a territorialidade refere-se ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável.

Para Saquet (2011), o território é produto da reprodução da sociedade, resultando do processo de construção histórica do e no espaço. As mudanças que ocorrem na cidade resultam de processos políticos, econômicos e territoriais, fatores extralocais e locais. A

cidade influencia diretamente na reprodução das relações sociais aí estabelecidas historicamente. Nessa relação, há reciprocidade, pois se entrelaçam, superpõem e estão em unidade. Ainda para Saquet (2011), a territorialização é entendida como apropriação social do fragmento do espaço a partir das relações sociais, das regras e normas, das condições naturais, no trabalho, das técnicas e tecnologias, das redes (de circulação e comunicação) e das conflitualidades que envolvem as diferenças e desigualdades, bem como identidades e regionalismos, historicamente determinados.

REFERÊNCIAS

ADNAN, N.; OTHMAN, N. The Relationship between Plants and the Malay Culture. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 42, p. 231-241, 2012.

AGUIAR, L.C.G.G.; BARROS, R.F.M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 14, n. 3, p. 419-434, 2012.

AGUIAR, L.C.G.G.. **Etnobotânica em Quintais de Comunidades Rurais no Domínio do Cerrado Piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil)**. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2009. 134 fls.

AKINNIFESI, F.K. et al. Biodiversity of the urban homegardens of São Luís city, Northeastern Brazil. *Urban Ecosystems*, v. 13, n. 1, p. 129-146, 2010.

ALBERTASSE, P.D.; THOMAZ, L.D.; ANDRADE, L.A. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 12, n. 3, p. 250-260, 2010.

ALBUQUERQUE, F.J.B.; PIMENTEL, C.E. Uma Aproximação Semântica aos Conceitos de Urbano, Rural e Cooperativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 20, n. 1, p. 175-182, 2004.

ALCORN, J.B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. IN: SCHULTES, R.E.; REI, S.V. (Ed.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge: Timber Press, 1995. p. 23-39.

ALENCAR, H.F.; FREIRE, J.C. O lugar da alteridade na Psicologia Ambiental. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 7, n. 2, p. 305-328, 2007.

ALMEIDA, S.E.; PASA, M.C.; GUARIM, V.L.M.S. Uso da Biodiversidade em Quintais de Comunidades Tradicionais da Baía de Charcorore, Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*, v. 13, p. 141-155, 2014.

ALVES, G.S.P.; POVH, J.A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. *Biotemas*, v. 26, n. 3, 2013.

ALVES, R.B. "**Lar doce lar**": Apego ao lugar em área de risco diante de desastres naturais. (Mestrado (Psicologia)). Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2014. 111 fls.

AMARAL, C.N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, 2008. 201p.

AMORIM, A.N. **Etnobiologia da comunidade de pescadores artesanais urbanos do bairro Poti Velho, Teresina/PI, Brasil**. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2010. 135 fls.

AMOROZO, M.C.M. Os Quintais: Funções, importância e futuro. IN: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. (Ed.). **Quintais Matogrossenses**: Espaços de conservação e reprodução de saberes. Cáceres: Unemat, 2008.

APOLINÁRIO, A.J. et al. Caracterização dos quintais do pólo agroflorestral Elias Moreira, Sena Madureira, AC. **VII CONNEPI**. Palmas (TO) 2012.

AYRES, M. et al. **BIOESTAT - Aplicações estatísticas nas áreas das ciências biomédicas**. Belém: Ong Mamiraua 2007.

BAPTISTEL, A.C. et al. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antonio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. 2, p. 406 - 425, 2014.

BARROS, M.P.; MUSIS, C.R. Análise implicativa para avaliar os aspectos que determinam a preferência por um bairro: o caso de Cuiabá, MT. **RAEGA**, v. 28, p. 198-225, 2013.

BAYLEY, K.D. **Methods of social research**. New York: Free Press, 1982.

BERETA, M.E. **Flora dos quintais agroflorestais de Ibiraquera, Imbituba, SC: Expressões ambientais e culturais**. (Mestrado em Agroecossistemas). Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 85 fls. 2010.

BERNARD, H.R. **Research methods in cultural Anthropology**. USA: SAGE Publication, 1988. 520p.

BLAIR, R.B.; LAUNER, A.E. Butterfly diversity and human land use: species assemblages along an urban gradient. **Biological Conservation**, v. 80, p. 113-125, 1997.

BONAIUTO, M. et al. Multidimensional perception of residential environment quality and neighbourhood attachment in the urban environment. **Journal of Environmental Psychology**, v. 19, p. 331-352, 1999.

BRAGA, C.; MORELLI, G.; LAGES, V.N. **Territórios em movimento. : cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: SEBRAE, 2004.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios – PNAD 2010**, 2010. Disponível em: < www.ibge.gov.br/catálogos/indicadores >. Acesso em: abr. 2014.

BRONFENBRENNER, U. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, n. 32, p. 513-533, 1977.

_____. **Ecological models of human development**. International Encyclopedia of Education. Oxford: Elsevier. 3 ed., 1994.

BROWER, J.H. et al. **Field and laboratory methods for general ecology**. USA: The Mcgraw-Hill Companies. 1997. 273p.

BRUMMITT, R.K.; POWELL, C.E. **Authors of Plant Names**. Kew: Royal Botanical Gardens, 1992.

CARNIELLO, M.A. et al. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.

CARVALHO, T.K.N. et al. Structure and Floristics of Home Gardens in an Altitudinal Marsh in Northeastern Brazil. **Ethnobotany Research & Applications**, v. 11, p. 29-48, 2013.

CASTRO, A.P. et al. Os sistemas agroflorestais como alternativa de sustentabilidade em ecossistemas de várzea no Amazonas. **Acta Amazonica**, v. 39, n. 2, p. 279-288, 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

COOMES, O.T.; BAN, N. Cultivated plant species diversity in a home garden of an Amazonian peasant village in northeastern Peru. **Economic Botany**, v. 58, 2004.

CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981.

CRUZ-SILVA, C.T.A.; PAULA, K.B.D.S.D. Formas de uso medicinal da babosa e camomila pela população urbana de Cascavel, Estado do Paraná. **Acta Scientiarum**. Health Science, v. 32, n. 2, p. 169-176, 2010.

CRUZ, E.A.L. et al. Perfil e utilização de plantas medicinais em quintais da comunidade de Salobra Grande distrito de Porto Estrela-MT. **UNICIÊNCIAS**, v. 15, n. 1, p. 53-66, 2011.

CUDDINGTON, T.; WILSON, W.G.; HASTINGS, A. Ecosystem Engineers: Feedback and Population Dynamics. **The American Naturalist**, v. 173, n. 4, p. 488-498, 2009.

CULTRERA, M.; AMOROZO, M.C.M.; FERREIRA, F.C. Agricultura urbana e conservação de agrobiodiversidade: um estudo de caso em Mato Grosso, Brasil. **Sitientibus** série Ciências Biológicas, v. 12, n. 2, p. 323-332, 2012.

DAHLGREN, R.M.T.; CLIFFORD, H.T. **The Monocotyledones: a comparative study**. London: Academic Press, 1980.

DAS, T.; DAS, A.K. Inventorying plant biodiversity in homegardens: A case study in Barak Valley, Assam, North East India. **Current Science**, v. 89, n. 1, p.155-163, 2005.

DAVID, M.D. et al. Uso de plantas medicinais em comunidade escolar de Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 13, n. 1, p. 38-50, 2014.

DINIZ, E.; KOLLER, S.H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educar**, n. 36, p. 65-76, 2010.

DUQUE-BRASIL, R. et al. Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. **Sitientibus** série Ciências Biológicas, v. 11, n. 2, p. 287-297, 2011.

ELALI, G.A.; MEDEIROS, S.T. Apego ao lugar. IN: CAVALCANTE, S. e ELALI, G. A. (Ed.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. 320p.

EMPERAIRE, L.; ELOY, L. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 2, p. 195-211, 2008.

FARIA, A.A.; MELO, T.L.; FARIA, B.S.F. Diversidade Biológica x Diversidade Cultural: Uso de espécies vegetais nativas e exóticas em bebidas alcoólicas nos comércios populares no vale do Araguaia. **Revista Eletrônica UNIVAR**, v. 1, n. 11, p. 40-44, 2014.

FARNUM, J.; HALL, T.; KRUGER, L.E. **Sense of Place In Natural Resource Recreation and Tourism: An Evaluation and Assessment of Research Findings**. General Technical Report. 2005.

FELLIPE, M.L.; KUHNEN, A. Environmental care and place attachment: perspectives for sustainability in schools. **Psyecology**, v. 3, n. 2, p. 205-216, 2012.

FERGUSON, M. **Stewardship in Action: Native Plant Re-establishment In an Urban Garden**. Restoration of Natural Systems Program, University of Victoria. Vancouver, p. 55, 2011.

FERRAZ, H. **Filosofia urbana**. São Paulo: João Scorseti, 1997.

FERREIRA, K.P.M. **Ficar ou Partir? Afetividade de migração de jovens do semi-árido cearense**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 177. 2006.

FLORENTINO, A.T.; ARAÚJO, E.L.; ALBUQUERQUE, U.P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FLORES-DELGADILLO, L. et al. A sustainable system of a traditional precision agriculture in a Maya homegarden: Soil quality aspects. **Soil and Tillage Research**, v. 113, n. 2, p. 112-120, 2011.

FONSECA, A.A.M. A emergência do lugar no contexto da globalização. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 3, n. 5, p. 1-17, 2001.

FRASER, J.A. **Amazonian Dark Earths and Caboclo subsistence on the middle Madeira River, Brazil**. Ph.D. Dissertation Department of Anthropology, University of Sussex, United Kingdom. 2010. 237fls.

FREITAS, A.V.L. et al. A percepção dos quintais rurais por crianças de São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Verde**, v. 6, n. 2, p. 212-220, 2011.

FRIED, M. Grieving for a lost home. IN: DUHL, L. J. (Ed.). **The urban condition**. New York: Basic Books, 1963. 151–171

_____. Continuities and discontinuities of place. **Journal of Environmental Psychology**, v. 20, p. 193-205, 2000.

GARROTE, V. **Os quintais Caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty- RJ**. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais). Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004. 197fls.

GAZEL FILHO, A.B. **Composição, estrutura e função de quintais agroflorestais no município de Mazagão, Amapá**. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias). Universidade Federal Rural da Amazônia e Emprapa Amazônia Oriental, Belém, 2008. 103fls.

GERMAINE, S.S.; WAKELING, B.F. Lizard species distributions and habitat occupation along an urban gradient in Tucson, Arizona, USA. **Biological Conservation**, v. 97, p. 229-237, 2001.

GIULIANI, M.V. Theory of attachment and place attachment. IN: BONNES, M., et al (Ed.). **Psychological theories for environmental issues**. Ashgate: Aldershot, 2002. 294p.

_____. O lugar do apego nas relações pessoas ambiente. IN: TASSARA, E.T.O., et al (Ed.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC., 2004. 89-106

GOTELLI, N.J.; COLWELL, R.K. Quantifying biodiversity: procedures and pitfalls in the measurement and comparison of species richness. **Ecology Letters**, v. 4, 2001.

GOTELLI, N.J.; ENTSMINGER, G.L. **EcoSim**: Null models software for ecology, Version 7.0. Acquired Intelligence Inc. & Kesy-Bear 2001. Disponível em: <
<http://homepages.together.net/~gentsmin/ecosim.htm>>. Acesso em: jan. 2013.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n. 29, p. 191-212, 2010.

GUARIM NETO, G.; NOVAIS, A.M. Composição florística dos quintais da cidade de Castanheira. IN: GUARIM-NETO, G. e CARNIELLO, M. C. (Ed.). **Quintais mato-**

grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, 203p.

HARIYADI, B.; TICKTIN, T. Uras: Medicinal and Ritual Plants of Serampas, Jambi Indonesia. **Ethnobotany Research & Applications**, v. 10, p. 133-149, 2012.

HASHEM, H. et al. Comparison the concepts of sense of place and attachment to place in Architectural Studies. Malaysia **Journal of Society and Space**, v. 9, n. 1, p. 107 - 117, 2013.

HAYASHI, K.; ABDOULAYE, T.; WAKATSUKI, T. Evaluation of the utilization of heated sewage sludge for peri-urban horticulture production in the Sahel of West Africa. **Agricultural Systems**, v. 103, n. 1, p. 36-40, 2010.

HECKLER, S.L. Cultivating sociality: aesthetic factors in the composition and function of Piaroa homegardens. **Journal of Ethnobiology**, v. 24, n. 2, p. 203-232, 2004.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, n. 3, v. 2, p.77-85, 1997.

HUMMON, D.M. Community Attachment. Local Sentiment and Sense of Place. IN: ALTMAN, I. e LOW, S. M. (Ed.). **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992. 336p.

IPNI. **International Plant Names Index**. 2014. Disponível em: < <http://www.ipni.org> >. Acesso em: jun. 2014.

JERÔNIMO, R.N.T.; GONÇALVES, T.M. Identidade e Personificação do Lugar na Apropriação do Espaço pelos Nativos de Ibiraquera, SC. **Revista de Ciências Humanas**, v. 47, n. 1, p. 117-132, 2013.

JESUS, E.M. et al. Pré-diagnóstico em quintais urbanos em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, v. 7, n. 2, p.1-5, 2012.

KIRSCH, S. Lost Worlds: Environmental Disaster, "Cultural Loss", and the Law. **Current Anthropology**, v. 42, n. 2, p. 167-198, 2001.

KRUGER, L.E.. SHANNON, M.A. Getting to Know Ourselves and Our Places Through Participation in Civic Social Assessment. **Society & Natural Resources**, v. 13, n. 5, p. 461-478, 2000.

KUMAR, B.M. Species richness and aboveground carbon stocks in the homegardens of central Kerala, India. **Agriculture, Ecosystems & Environment**, v. 140, n. 3-4, p. 430-440, 2011.

LACERDA, V.D. **Quintais do Ssertão do Ribeirão: Agrobiodiversidade sob um enfoque etnobotânico**. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 61 fls. 2008.

LANJOUWA, P.; QUIZON, J.. SPARROW, R. Non-agricultural earnings in peri-urban areas of Tanzania: evidence from household survey data. **Food Policy**, v. 26, p. 385-403, 2001.

LEAF, M. A Tale of Two Villages: Globalization and Peri-Urban Change in China and Vietnam. **Cities**, v. 19, n. 1, p. 23-31, 2002.

LENZHOLZER, S.; KOH, J. Immersed in Microclimatic Space: microclimate experience and perception of spatial configurations in Dutch squares. **Landscape and Urban Planning**, v. 95, n. 1-2, p. 1-15, 2010.

LÓPEZ-MOSQUERA, N.; SÁNCHEZ, M. The influence of personal values in the economic-use valuation of peri-urban green spaces: An application of the means-end chain theory. **Tourism Management**, v. 32, n. 4, p. 875-889, 2011.

LUCAS, M. **IV Semana de Produção Científica do Instituto Federal de Brasília**. STUMPF, E. R. T. e ROSA, G. D. A. Eds. Brasília-DF: Editora IFB: 119 p. 2014.

LYNCH, K.; RIVKIN, M. A walk around the block. **Landscape**. v. 8, n. 3, p. 24-34, 1959.

MAGURRAN, A.E. **Ecological Diversity and Its Measurement**. New Jersey: Princeton University Press, 1988.

MCEWEN, J.W. **Sense of Place, Place Attachment, and Rootedness in four West Baton Rouge Parish, Louisiana Bars**. Thesis (Doctor of Philosophy). Agricultural and Mechanical College, Louisiana State University, 2014.

MILLER, R.P.; PENN, J.W.; LEEUWEN, J. Amazonian homegardens: their ethnohistory and potential contribution to agroforestry development. . IN: KUMAR, B. M. e NAIR, P. K. R. (Ed.). **Tropical homegardens: a time-tested example of sustainable agroforestry**. Heidelberg: Springer, 2006. 378p.

MIRANDA, S.; KATO, O.; SABLAYROLLES, M.G.P. Caracterização e importância dos quintais agroflorestais aos agricultores familiares do Baixo Irituia, Pará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 1-4, 2013.

MISHRA, S.; CHAUDHURY, S.S. Ethnobotanical flora used by four major tribes of Koraput, Odisha, India. **Genetic Resources and Crop Evolution**, v. 59, n. 5, p. 793-804, 2012.

MOLEBATSI, L.Y. et al. A comparative floristic analysis of peri-urban and rural homegardens in North-West, South Africa. **SAAB Annual Meeting Abstracts**, 2010. 414p.

MORI, L.A. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. Ilheus: Centro de Pesquisa do Cacau, 1989. 97p.

MOSINA, G.K.; MAROYI, A.; POTGIETER, M.J. Comparative analysis of plant use in peri-urban domestic gardens of the Limpopo Province, South Africa. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 35, p. 1-8, 2014.

MOURA, J.M. et al. Perfil Florístico de Quintais de dois bairros de Cuiabá. **UNICIÊNCIAS**, v. 15, n. 1, p. 285-312, 2011.

NAIR, P.K.P. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v. 61, p. 135-152, 2004.

NAIR, P.K.R. An Evaluation of the Structure and Function of Tropical Homegardens. **Agricultural Systems**, v. 21, p. 279-310, 1986.

NEMUDZUDZANYI, A.O.; ZOBOLO, A.M.; SIEBERT, S.J. A comparative floristic analysis of peri-urban and rural homegardens in Zululand, South Africa. **SAAB Annual Meeting Abstracts**, p. 437-438, 2009.

NOVAIS, A.M. et al. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. **Revista Biodiversidade**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2011.

OAKLEY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 90-105, 2004.

OTTMANN, M.M.A. et al. Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná. **Revista Academia, Ciência Agrária e Ambiente**, v. 9, n. 1, p. 101-109, 2011.

PASA, M.C.; NEVES, W.M.S.; ALCÂNTARA, K.C. Enfoque Etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de paisagem quintal, comunidade Fazenda Verde em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade**, v. 7, n. 1, p. 3-13, 2008.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PEREIRA, B.M.; ALMEIDA, M.G. O Quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. **Geonordeste**, n. 2, 2010.

PEREZ, I.U. **Uso dos recursos naturais vegetais na comunidade indígena Araçá, Roraima**. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais). Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista. 92 fls. 2010.

PERNA, T.A.; LAMANO-FERREIRA, A.P.N. Revisão Bibliométrica Sobre o Cultivo de Plantas Medicinais em Quintais Urbanos em Diferentes Regiões do Brasil (2009-2012). **UNOPAR Científica Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 16, n. 1, p. 61-67, 2014.

PEYRE, A. et al. Dynamics of Homegarden Structure and Function in Kerala, India. **Agroforestry Systems**, v. 66, n. 2, p. 101-115, 2006.

PINHO, R.C. et al. Islands of fertility: Soil improvement under indigenous homegardens in the savannas of Roraima, Brazil. **Agroforestry Systems**, v. 81, n. 3, p. 235-247, 2010.

PINHO, R.C. et al. Islands of fertility: Soil improvement under indigenous homegardens in the savannas of Roraima, Brazil. **Agroforestry Systems**, v. 81, n. 3, p. 235-247, 2011.

RABINOVICH, E.P.; BASTOS, A.C.S. Famílias e projetos sociais: analisando essa relação no caso de um quilombo em São Paulo. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 3-11, 2007.

RAHMAN, H. A Study on Exploration of Ethnobotanical Knowledge of Rural Community in Bangladesh: Basis for Biodiversity Conservation. **ISRN Biodiversity**, v. 2013, p. 10, 2013.

RIVLIN, L.G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as interrelações pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 8, p. 215-220, 2003.

ROCHA, R.R. **Recursos Naturais Urbanos: Árvores frutíferas nos quintais de Boa Vista, Roraima**. Monografia (Especialização em Recursos Naturais). PRONAT, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, 2007. 35fls.

ROSE, J.L.; ÖZÜNEL, E.Ö.. BENNET, B. Ethnobotanical Remedies for Acute Diarrhea in Central Anatolian Villages. **Economic Botany**, v. 67, n. 2, p. 137-146, 2013.

SALIM, M.V.C. **Quintais Agrofloretais em área de terra-firme na terra indígena Kwatá-Laranjal, Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Ciências de Florestas Tropicais). Pós-Graduação em Ciências de Florestas Tropicais, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, Manaus. 2012. 203fls.

SALOMÃO, J.A.M. **Aspectos Etnobotânicos e Ecofisiológicos em Quintais de Quatro Comunidades do Município de Borba, Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Botânica). INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA-INPA, Amazonas. 2013. 55fls.

SAMPSON, K.A.. GOODRICH, C.G. Making Place: Identity Construction and Community Formation through “Sense of Place” in Westland, New Zealand. **Society & Natural Resources**, v. 22, n. 10, p. 901-915, 2009.

SAQUET, M.A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 1. ed., São Paulo: Outras Expressões, 2011. 128p.

SAWAIA, B.B. O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. IN: SAWAIA, B. B. (Ed.). **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 156p.

SCHROEDER, H.W. Voices from Michigan’s black river: obtaining information on “special places” for natural resource planning. Genera, **Technical Report NC-184**. St. Paul, North Central Forest Experiment Station, USDA Forest Service, 1996.

SEGALLA, R.; COELHO, M.F.B.; AZEVEDO, R.A.B. Agricultura urbana em Área de Preservação Permanente. **Revista Trópica – Ciências Agrárias e Biológicas**, v. 6, n. 1, p. 17-29, 2012.

SEMEDO, R.J.C.G.; BARBOSA, R.I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. **Acta Amazonica**, v. 37, n. 4, p. 497-504, 2007.

SILVA, C.S.P.; PROENÇA, C.E.B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 22, n. 2, p. 481-492, 2008.

SILVA, E.R.R.; SABLAYROLLES, M.G.P. Quintais agrofloretais por colonos migrantes: As plantas medicinais em Vila Nova, Mojuí dos Campos (Santarém/PA). **VII Congresso Brasileiro de Sistemas Agrofloretais**. Brasília-DF, 2009.

SILVA, J.S.; GUARIM NETO, G. O uso de recursos vegetais com fins medicinais por moradores de bairros da zona oeste de Cuiabá – MT, Brasil. **Revista de Ciências Agro-Ambientais**, Alta Floresta-MT, v. 10, n. 1, p. 9-22, 2012.

SILVA, K.R.X. **Diversidade vegetal em quintais domiciliares no município de Araguaiaz - GO**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Biologia). Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis. 2014. 46p.

SILVA, T.P. et al. Levantamento de Espécies Vegetais e Utilização em Quintal Agroflorestral de Estabelecimento Agrícola no Assentamento Alegria - Marabá, Pará. **Agroecossistemas**, v. 6, n. 1, p. 103-109, 2014.

SIVIERO, A. et al. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, n. 4, p. 598-610, 2012.

SIVIERO, A. et al. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.

SIVIERO, A. et al. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 9, n. 3, p. 797-813, 2014.

SOUZA, L.S.M. Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 203-205, 2006.

STEELE, F. **The sense of place**. Boston: CBI Publishing Company, Inc., 1981.

STOIAN, D. Making the Best of Two Worlds: Rural and Peri-Urban Livelihood Options Sustained by Nontimber Forest Products from the Bolivian Amazon. **World Development**, v. 33, n. 9, p. 1473-1490, 2005.

TERESINA. **Teresina em dados**. Secretaria Municipal de Planejamento. Prefeitura de Teresina. Teresina: Departamento de Informação e Pesquisa - DIP. CD-ROM 2005.

_____. **Teresina - Perfil dos Bairros** - Regional. SEMPLAN. Teresina: Prefeitura de Teresina 2014.

THAPA, R.B.; MURAYAMA, Y. Land evaluation for peri-urban agriculture using analytical hierarchical process and geographic information system techniques: A case study of Hanoi. **Land Use Policy**, v. 25, n. 2, p. 225-239, 2008.

TRINH, L.N. et al. Role of home gardens in the conservation of plant genetic resources in Vietnam. IN: HUE, N. T. N., et al (Ed.). **In situ Conservation of Agricultural Biodiversity on-farm: Lessons Learned and Policy Implications**. International Plant Genetic Resources Institute, Rome, Italy: Proceedings of Vietnamese National Workshop, 30 March—1 April, Hanoi, Vietnam, 2005.

TROTTA, J. et al. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais (online)**, v. 14, n. 3, p. 17-34, 2012.

VAN HOLTE, J.M.O. **Quintais urbanos de Salvador**: realidades, usos e vivências no século XIX. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. 284fls.

VIANA, B.A.S. O Sentido da Cidade: Entre a evolução urbana e o processo de verticalização. **Carta Ceuro**, v. 23, n. 1, 2005. 10p.

VIEIRA, T.A.; ROSA, L.S.; SANTOS, M.M. Condições socioeconômicas para o manejo de quintais agroflorestais em Bonito, Pará. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, v. 8, n. 3, p. 458-463, 2013.

VIEIRA, T.A.; ROSA, L.S.; SANTOS, M.M.L.S. Agrobiodiversidade de quintais agroflorestais no município de Bonito, Pará. **Revista de Ciências Agrárias**, v. 55, n. 3, p. 159-166, 2012.

VILARINHO, C. et al. Quintais agroflorestais (QAF) no Município de Salvaterra-Marajó e suas contribuições para o desenvolvimento sócio-econômico do município. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, n. 2, p. 1-5, 2011.

WILLIAMS, R. Culture is ordinary. IN: GABLE, R. (Ed.). **Resources of hope: culture, democracy, socialism**. New York, 1958.

WINKLERPRINS, A.M.G.A.; OLIVEIRA, P.S.S. Urban Agriculture in Santarém, Pará, Brazil: diversity and circulation of cultivated plants in urban homegardens. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 5, n. 3, p. 571-585, 2010.

YAMADA, M.; OSAQUI, H.M.L. The role of homegardens for agroforestry development Lessons from Tome-Açu, a Japanese-Brazilian settlement in the Amazon. IN: KUMAR, B. M. e NAIR, P. K. R. (Ed.). **Tropical homegardens: a time-tested example of sustainable agroforestry**. Dordrecht: Springer Science, p. 299-316, 2006. .

YANG, Z.; CAI, J.; SLIUZAS, R. Agro-tourism enterprises as a form of multi-functional urban agriculture for peri-urban development in China. **Habitat International**, v. 34, n. 4, p. 374-385, 2010.

YAZDANFAR, S.A. et al. Effect of place attachment in creating sense of place Case study: Tajrish old Bazaar and new commercial center. **Journal of Applied and Basic Sciences**, v. 4, n. 4, p. 855-862, 2013.

ZASADA, I. Multifunctional peri-urban agriculture—A review of societal demands and the provision of goods and services by farming. **Land Use Policy**, v. 28, n. 4, p. 639-648, 2011.

ZUCCHI, M.R. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri - GO. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 2, p. 273-279, 2013.

3 RESULTADOS

Artigo 1 - Fitodiversidade e Etnobotânica em quintais urbanos em Teresina (PI), Brasil

Artigo 2 - Vinculação Afetiva a Quintais Urbanos do Nordeste Brasileiro

3.1 Artigo 1 - Fitodiversidade e Etnobotânica em quintais urbanos em Teresina (PI), Brasil

Plant diversity and Ethnobotany in urban backyards in Teresina (PI), Brazil

A ser enviado a **Revista Ambiente e Sociedade** (ISSN 1809-4422 - Qualis A2 – Ciências Ambientais)



Alexandre Nojoza Amorim e Roseli Farias Melo de Barros

Resumo

Quintais são espaços em torno das residências em que há o cultivo de espécies vegetais úteis. Objetivou-se caracterizar a fitodiversidade de quintais urbanos de Teresina (PI), os usos dados aos vegetais cultivados, com destaque para a variedade de quintais, quando se considera critérios como tamanho e diversidade botânica. A partir do universo composto por 201093 casas, foram amostrados 96 quintais ($e=10\%$, $nc=95\%$) urbanos. Cada mantenedor foi entrevistado por meio de formulário de entrevista semiestruturada enquanto os vegetais eram identificados *in situ* (turnê-guiada) e coletados. Os dados foram agrupados em planilhas eletrônicas e calculados o índice de shannon (H') para cada quintal, curva de rarefação para atestar a suficiência amostral e o índice de correlação de Pearson (r) a fim de verificar relação entre a área e diversidade vegetal dos quintais. Estes foram comparados em similaridade (Jaccard) em relação à diversidade vegetal e construído o dendrograma. Os quintais apresentaram heterogeneidade, sobressaindo-se as famílias Cactaceae (12 espécies - *Cereus jamacaru* DC. (3 citações, 17% do total) e *Orocereus* sp. (3, 17%); Euphorbiaceae (11 - *Croton heliotropiifolius* Kunth. (10, 20%) e *Phyllanthus niruri* L. (10, 20%); Araceae (6 - *Dieffenbachia picta* Schott. (15, 60%) e *Zantedeschia aethiopica* Spreng. (4, 16%); Lamiaceae (6 - *Plectranthus barbatus* Andrews (30, 42%) e *Mentha villosa* Huds (14, 19%); Araceae (5 - *Coccoloba nucifera* L. (9, 35%) e *Dyopsis lutescens* (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf. (9, 35%); Orchidaceae (5 - *Cattleya labiata* (Linden) Schltr. (1, 20%); Myrtaceae (5 - *Psidium*

guajava L. (11, 69%); Poaceae (4 - *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (11, 69%); Solanaceae (4 - *Capsicum annuum* L. (7, 32%) e *Capsicum frutescens* L. (8, 36%). Houve equilíbrio entre herbáceas, arbustivas e arbóreas (36, 32 e 31%, respectivamente). Os usos ornamental (77 espécies), medicinal e alimentar (47) foram os que tiveram maior destaque. Gripe (73 citações), calmante (45) e dores de barriga e de estômago, má digestão, gastrite ou úlcera estomacal (45) foram as enfermidades mais citadas para o conjunto de plantas identificadas. O manejo do quintal é realizado em sua maioria pelas mulheres (80%, 77). Cada mantenedor dispõe em média de 42 minutos diários para o manejo do quintal, os quais são utilizados principalmente para lavagem de roupas (61,5%) e para lazer (19%). O valor de Pearson ($r = 0,1926$) mostrou não haver correlação entre a diversidade e área. Os quintais apresentam fitodiversidade de plantas úteis como ornamentais, medicinais e alimentares embora não exista relação entre tal fitodiversidade e a área dos quintais

Palavras-chave: Biodiversidade. Manejo de quintais. Plantas úteis. Jardins.

Abstract

Homegardens are spaces of plants having uses and cultivation around the homes. This study aimed to characterize the plants diversity of Teresina's (PI) urban homegardens, uses data of cultivated plants, highlighting the variety of backyards, considering criteria such as homegarden size and botanical diversity. From a universe of 201.093 houses, 96 urban houses/homegardens (sampling error = 10%, fidelity level = 95%) of Teresina-PI, wherein each backyard maintainer was interviewed by semi-structured interview, sampled while cultivated vegetables were identified *in situ* (guided-tour) and collected. The data were grouped in electronic spreadsheets and measured the Shannon diversity index (H') for each site analyzed. The rarefaction curve for sample sufficiency and attest to the Pearson's index correlation (r) in order to verify the relation between the area and plants diversity homegardens. These spaces were compared seeking similarities, considering plant's diversity in each homegarden and then, built the similarity dendrogram. They are heterogeneous, especially Cactaceae (12 espécies - *Cereus jamacaru* DC. (3, 17%) e *Orocereus* sp. (3, 17%); Euphorbiaceae (11 - *Croton heliotropiifolius* Kunth. (10, 20%) e *Phyllanthus niruri* L. (10, 20%); Araceae (6 - *Dieffenbachia picta* Schott. (15, 60%) e *Zantedeschia aethiopica* Spreng. (4, 16%); Lamiaceae (6 - *Plectranthus barbatus* Andrews (30, 42%) e *Mentha villosa* Huds (14, 19%); Arecaceae (5 - *Cocos nucifera* L. (9, 35%) e *Dypsis lutescens* (H.Wendl.) Beentje

& J. Dransf. (9, 35%); Orchidaceae (5 - *Cattleya labiata* (Linden) Schltr. (1, 20%); Myrtaceae (5 - *Psidium guajava* L. (11, 69%); Poaceae (4 - *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (11, 69%); Solanaceae (4 - *Capsicum annuum* L. (7, 32%) e *Capsicum frutescens* L. (8, 36%). Balance has been found among herbaceous, shrub and tree (36, 32 and 31, respectively). The ornamental uses (77 species), medicinal and food (47) were the ones that stood out. Influenza (73 citations), soothing (45) and stomach aches, stomach or indigestion (45) were the most common for the set of identified plants diseases. The management of the homegardens is responsibility of women (80%, 77). Each maintainer spends on average 42 minutes/day with homegarden. The homegardens are mainly used for washing clothes (61,5%) and leisure (19%). The value of Pearson's index ($r = 0.1926$) showed no correlation between diversity and area. There is no relationship between plant diversity and the area of the backyard and being very different among them. The homegardens management is responsibility of women and highlights the cultivation of ornamental, medicinal and food plants.

Keywords: Backyards. Plant diversity. Management backyards. Use of plants. Front garden.

Introdução

O quintal é uma área próxima e no entorno da residência com usos variados (AMOROZO, 2008; GUARIM NETO; NOVAIS, 2008). Consiste numa reunião de vegetais de diferentes hábitos de crescimento associados a pequenos animais domésticos (DAS; DAS, 2005; AMARAL; GUARIM NETO, 2008; CULTRERA; AMOROZO; FERREIRA, 2012). Compreende um espaço tridimensional, pois enseja em si as dimensões físicas, históricas e afetivas. É, sobretudo, onde ocorrem processos interativos e históricos que o transformam e adaptam às necessidades daqueles que o mantêm.

Neste espaço as relações entre humanos, vegetais e animais se estabelecem e se estreitam, mediante o cultivo e criação de espécies que se julga possuir alguma utilidade. São usados para a produção de alimentos, cultivo de plantas medicinais (SARAGOSSI; MARTEL; RIBEIRO, 1998; BRITO; COELHO, 2000; PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005; ANGEOLETTO et al., 2008) e manutenção de relações sociais, o que os faz espaços de convivência, gerando ativos ecológicos, como a melhoria da evapotranspiração local, cobertura vegetal do solo e sombreamentos (AMORIM, 2010; CARNIELLO et al., 2010).

Em zonas tropicais, áreas semelhantes aos quintais são tradicionalmente empregadas na subsistência (NAIR, 1993). Frequentemente abrigam o cultivo de espécies vegetais com variados usos (AZEVEDO; SILVA, 2006; PASA; NEVES; ALCÂNTARA, 2008; CRUZ-SILVA; PAULA, 2010; CRUZ et al., 2011; DUQUE-BRASIL et al., 2011; LOBO, SENA, 2012; ALMEIDA; PASA; GUARIM, 2014).

Assim, neste trabalho, os quintais são compreendidos como as áreas livres nas frentes, laterais e fundos das residências, delimitados por cercas ou muros e que neles haja o cultivo de espécies vegetais, sendo considerados reservatórios de biodiversidade por reunir espécies perenes ou anuais (OAKLEY, 2004), importantes para a conservação da diversidade de espécies nativas, cultivadas e domesticadas.

Os quintais foram objeto de estudo em vários trabalhos (VAN HOLTE, 2003; ROCHA, 2007; SEMEDO, BARBOSA, 2007; AMORIM, 2010; FERGUSON, 2011; MOURA et al., 2011; OTTMANN et al., 2011; SIVIERO et al., 2011; SIVIERO et al., 2012; TROTTA et al., 2012; PERNA, LAMANO-FERREIRA, 2014; SILVA, 2014).

Nas Américas, Hughes et al. (2007); De La Cerda e Mukul (2008), Flores-Delgadillo et al. (2011); Flores e Bautista (2012), no México, realizaram estudos sobre a hibridização em vegetais de quintais, os fatores que determinam o cultivo de determinadas plantas e estudo do quintal tradicional mexicano o “El Naranjal”. Nos Estados Unidos (DAVIES; HALL, 2010; SMITH, 2011), o estudo de quintais no deserto e a domesticação de plantas no leste norte-americano. No Canadá (BLAKE; CLOUTIER-FISHER, 2009), com estudo do compartilhamento de quintais para cultivo comunitário de vegetais para subsistência.

Na República Dominicana (VANDEBROEK; BALICK, 2012) com estudo sobre a erosão cultural sobre plantas medicinais. Na Bolívia (THOMAS et al., 2011), com estudo de plantas medicinais dos quintais dos índios Yuracarés e Trinitários, na Amazônia. Na Argentina (CARRETERO, 2009; EYSSARTIER; LADIO; LOZADA, 2011), com estudo de horticultura nos quintais da Patagônia.

Para o continente Africano, na África do Sul, com a caracterização dos muzi, os quintais Zulu (NEMUDZUDZANYI; ZOBOLO; SIEBERT, 2009), e a comparação entre quintais mais centrais e mais periurbanos (MOSINA; MAROYI; POTGIETER, 2014). No Zimbábue (MAROYI, 2009), a subsistência com vegetais em quintais.

Na Ásia, em Bangladesh (KABIR, WEBB, 2009), o cultivo de plantas medicinais em quintais. Na Índia (DAS; DAS, 2005; PEYRE et al., 2006; KUMAR, 2011; MISHRA; CHAUDHURY, 2012), estudos de quintais em no vale do Barak, em Kerala, e nas tribos do

distrito de Koraput de Odisha. Em Singapura (ADNAN; OTHMAN, 2012), com levantamento sobre conhecimento de plantas em área urbana de Kampong Bahru. Na Indonésia (HARIYADI; TICKTIN, 2012), os quintais indígenas Serampas, e na Europa, estudo na Turquia (ROSE; ÖZÜNEL; BENNET, 2013), com moradores das vilas da região da Anatólia Central sobre as plantas e seus usos.

No Brasil, os quintais foram avaliados considerando aspectos como tamanho (área), variedade de espécies vegetais e uso destas espécies, bem como os aspectos legais que separam o urbano do rural (MEDEIROS; QUINTANS; ZIMMERMANN, 2014). No Norte do Brasil destacam-se os trabalhos no Amapá (GAZEL FILHO, 2008), Roraima (ROCHA, 2007; SEMEDO; BARBOSA, 2007; PINHO et al., 2011) e Pará (SABLAYROLLES, 2004; WINKLERPRINS; SOUZA, 2005; MIRANDA; KATO; SABLAYROLLES, 2013), com enfoques em plantas úteis em quintais agroflorestais e quintais e jardins urbanos .

No Nordeste, os trabalhos etnobotânicos sobre quintais foram realizados por Albuquerque, Andrade e Caballero (2005), Moura e Andrade (2007) e Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) no Estado do Pernambuco; Monteiro e Monteiro (2006), Aguiar (2009) e Amorim (2010) no Estado do Piauí; e Akinnifesi et al. (2010) no Maranhão.

Na região Centro-Oeste destacam-se os trabalhos de Pasa, Soares e Guarim Neto (2005), Amoroza (2008), Pasa, Neves e Alcântara (2008), Guarim Neto e Novais (2008), Carniello et al. (2010), Guarim Neto e Amaral (2010), Moura et al. (2011), Cruz et al. (2011), Segalla, Coelho e Azevedo (2012) e Deluqui et al. (2012). No Mato Grosso, Silva e Proença (2008), Silva et al. (2009), Pereira e Almeida (2010) e Zucchi et al. (2013) no Goiás.

Já na região Sudeste, encontram-se os levantamentos de Amaral e Guarim Neto (2008) e Liporacci e Simão (2013) em Minas Gerais; e Trotta et al. (2012) em São Paulo.

Este trabalho visa caracterizar a fitodiversidade de quintais urbanos de Teresina (PI), os usos dados aos vegetais cultivados, com destaque para a variedade de quintais, considerando critérios como tamanho e diversidade botânica.

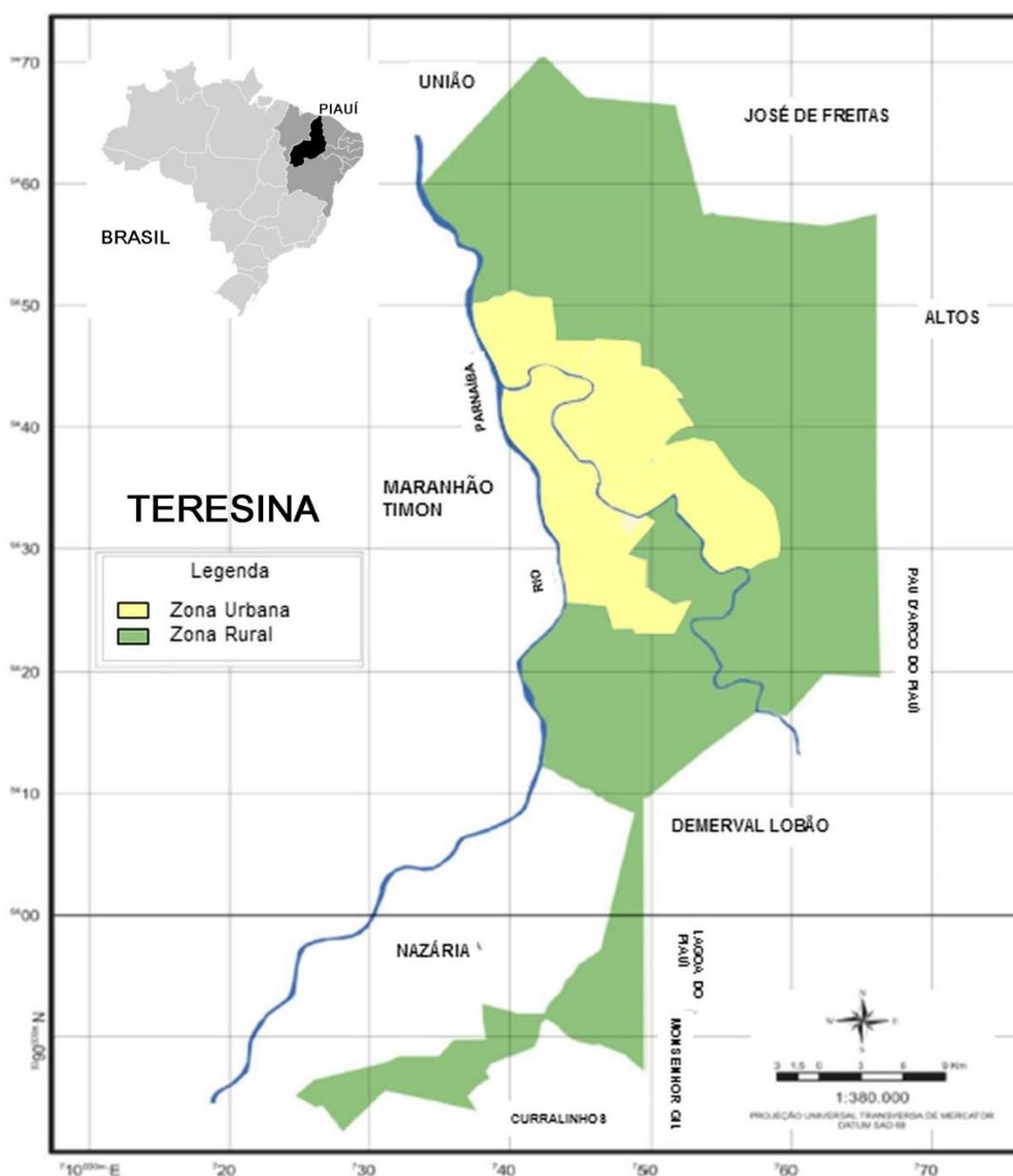
Metodologia

O estudo foi realizado no município de Teresina/PI, Nordeste do Brasil. Uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, Teresina teve sua fundação com a transferência da capital em 1852, da cidade de Oeiras para confluência dos rios Parnaíba e Poti, entretanto, o planejamento inicial, cujos limites eram os dois rios, foi esquecido devido ao crescimento populacional acelerado, reflexo do processo de migração campo - cidade que gerou a

construção de conjuntos habitacionais com objetivo de evitar favelas na cidade (ARAÚJO, 2009).

Teresina possui uma população de 814.230 habitantes numa área territorial de 1.391,981 km². A cidade é banhada por dois grandes rios perenes: o Parnaíba e o Poti, os quais percorrem, respectivamente, 90 e 59 km no Município (TERESINA, 2005). Os 115 bairros da zona urbana estão distribuídos em quatro zonas administrativas – Centro-Norte, Leste, Sudeste e Sul (Figura 1).

Figura 1 – Localização da zona urbana do município de Teresina/P, Brasil.



Fonte: AMORIM (2015) Adaptado de Anuário do Piauí – CEPRO 2005.

Este trabalho, enquanto projeto de pesquisa, foi submetido à apreciação do Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e foi aprovado segundo o nº CAAE 20529114.1.0000.5214. Na amostragem, considerou-se apenas os domicílios tipo “casa”, desconsiderando outros tipos nos quais seria improvável a existência de quintais. Em todo o município existem, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 222.154 casas/residências (BRASIL, 2010). Destas, 210.093 foram descritas como urbanas e 12.061 como rurais. Foi dimensionada uma amostragem em 96 quintais urbanos (erro amostral 10% e nível de confiança 95%), escolhidos aqueles em que existia quintal no domicílio.

Os mantenedores dos quintais foram entrevistados com o auxílio de formulários semiestruturados e em turnês guiadas (BERNARD, 1988), nas quais foi identificada cada espécie vegetal cultivada e qual uso teria. Os quintais foram observados e os dados complementares foram anotados em diário de campo. Após cada entrevista, foi solicitada indicação de nova residência para realização de entrevista considerando-se a mesma zona da residência entrevistada, configurando o uso da técnica da técnica bola-de-neve (BAYLEY, 1982).

Sempre que possível, mediante autorização dos mantenedores, os vegetais foram coletados, preferencialmente em estágio reprodutivo, segundo procedimento rotineiro de campo (MORI et al., 1989). Deve-se destacar, entretanto, resistência de muitos mantenedores em participar da pesquisa, ou quando aceitaram, não permitiam registro fotográfico nem a coleta do material botânico.

A identificação botânica foi realizada através do estudo da sua morfologia, consultas a bibliografias especializadas, bem como por comparações com indivíduos já identificados e incorporados ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), além de confirmação por especialistas, quando necessário. Após identificação, os exemplares foram incorporados ao TEPB. O sistema de classificação adotado foi o de Cronquist (1981), com exceção da família Leguminosae, que obedeceu a Judd et al. (1999). Para as monocotiledôneas seguiu-se o proposto por Dahlgren e Clifford (1980). A grafia dos binômios científicos e abreviaturas dos nomes dos autores estão de acordo com o sítio do IPNI (2015).

Os dados foram agrupados em planilhas eletrônicas e calculado Índice de Diversidade de Shannon (H') considerado para cada quintal estudado e para o conjunto geral de espécies botânicas. Para avaliar em que proporção a área do quintal influenciaria na diversidade do cultivo de espécies vegetais, foi calculado o índice de correlação de Pearson.

Os dados foram submetidos à rarefação e foi construída a curva de coletor. Os quintais foram comparados em similaridade (Jaccard) e gerado o dendrograma.

Resultados e Discussão

Os quintais estudados mostraram bastante heterogeneidade de formas e tamanho de área, além da ocorrência das espécies. Nos 96 quintais urbanos estudados, foram identificadas 120 espécies vegetais (sete em nível de gênero), dispostas em 62 famílias botânicas (Tabela 1), das quais Cactaceae (12 espécies e 18 citações), Euphorbiaceae (11 espécies e 50 citações), Lamiaceae (seis espécies e 72 citações), Araceae (seis espécies e 25 citações), Arecaceae (cinco espécies e 26 citações), Myrtaceae (cinco espécies e 16 citações), Orchidaceae (cinco espécies e cinco citações) e Poaceae (quatro espécies e 16 citações) foram as mais representativas em número de espécies semelhante ao encontrado por Guarim Neto e Amaral (2010). As Famílias Cactaceae, com maior número de espécies, e Euphorbiaceae e Lamiaceae, com mais citações, podem estar relacionados ao grande número de plantas ornamentais, enquanto que o esperado para quintais urbanos de zonas tropicais, em que plantas para subsistência tenham maior ocorrência (NAIR, 1993).

Quanto ao hábito de crescimento, os extratos apresentaram equivalência entre si com espécies herbáceas compondo 36% (46), arbustivas 32% (41) e arbóreas 31% (40). Este equilíbrio demonstra o cultivo de plantas arbóreas e arbustivas como frutíferas e para sombreamento, e de ervas, como foco principal nas medicinais. Considerando ainda, o quintal como toda a região no entorno da residência, há a contribuição dos jardins frontais e laterais, cujo enfoque principal é o cultivo de plantas ornamentais, contribuindo com plantas arbustivas. Neste caso, difere de Trotta et al. (2012), no qual herbáceo fora o estrato mais significativo.

Compuseram a amostra quintais urbanos, de variadas configurações, apresentando estruturas semelhantes como muros de alvenaria delimitando o perímetro, além da presença da pia de lavar roupas, que tem papel relevante no aspecto funcional em sua grande maioria.

Os quintais foram classificados em pequenos (30 quintais), com área de até 50m², médios (47), acima de 50m² até 130m² e quintais grandes (19), acima de 130m², com variação de 8 a 600m² (média de 90,93m²). Essa variação espacial é resultado de vários fatores, tais como a necessidade de aumento da área construída da residência; a zona em que a residência se encontra; a classe econômica do proprietário/mantenedor do quintal; e o histórico de

conexão deste com áreas livres no entorno da residência de pais ou avós, o que gera no humano a vontade de reproduzir o espaço que um dia fez parte de sua infância.

O tempo do quintal é um fator que pode influenciar na configuração que o mantenedor o organiza. Gomes (2010) considera a existência de quintais novos (0 a 10 anos), em estabelecimento (10 a 40 anos) e estabelecidos (> 40 anos). Nessa perspectiva, os quintais avaliados variaram de 2 a 48 anos, distribuídos assim: quintais entre 2 a 10 anos (58 quintais – 60,4%), entre 11 e 20 anos (26 quintais – 27%), entre 21 e 30 anos (seis quintais – 6,2%), entre 31 e 40 anos e acima de 40 anos (três quintais – 3,2% cada). São quintais na sua grande maioria com até 20 anos de idade, considerados novos, o que nos permite inferir que o conjunto de espécies que os compõe, bem como sua estrutura e configuração são reflexos diretos da vivência de seu mantenedor e da interação com o quintal.

A impermeabilização do solo é uma ação que os mantenedores dos quintais argumentam utilizar para diminuir o tempo e dedicação com as áreas circunvizinhas à casa. Foi observado em qual intensidade esta prática é realizada entre os mantenedores dos quintais pesquisados e apresentou a seguinte distribuição: impermeabilização apenas da frente da casa (jardins) (26 quintais – 27%), da frente (jardim) e das laterais das residências (30 – 31%), nos fundos das casas/quintais (15 – 16%), somente nas laterais (3 – 3%) e em toda a área circunvizinha a casa (18 – 19%) e ainda com nenhum tipo de impermeabilização (4 – 4%).

A maior quantidade de solo impermeabilizado na frente da residência está relacionada com a estética do imóvel, pois diminui a quantidade de poeira a ser gerada pelo vento e pisoteio. Esta ação é comum nas demais subdivisões do quintal (laterais e fundos da casa) para aumentar a utilidade social, permitindo que, como no restante da casa, receba a ocupação das pessoas.

A distribuição das plantas cultivadas segue dois aspectos: o local no quintal em que estão plantadas, e como esta disposição acontece, seja horizontal ou verticalmente. Em todos os quintais, todos se apresentaram distribuídos horizontalmente, enquanto que a distribuição vertical ocorreu somente em 7,3%. O cultivo acontece diretamente no solo (43), em vasos (33) e em canteiros (20). A maioria prefere realizar o plantio próximo aos muros (61 – 64%). A preferência por plantar diretamente no solo provavelmente tende a ser por não precisar preparar ou corrigir o mesmo, enquanto que a preferência pelo cultivo na proximidade dos muros se deve a otimizar a utilização do solo e organizar melhor as plantas cultivadas.

Com relação ao aspecto funcional, os quintais são utilizados prioritariamente para lavagem de roupas (61,5%) e para lazer (19%), correspondente ao citado por Amorim (2010)

e Gomes (2010), o que permite afirmar que o quintal é uma extensão da habitação, com tais funções deliberadamente escolhidas para ele (GOMES, 2010; BLAKE; CLOUTIER-FISHER, 2009), e outra escolhida de forma intuitiva, que remete ao plantio de espécies vegetais úteis (OTTMANN, 2011).

Os quintais com maior diversidade botânica foram os de nº 37 ($H'=0,1926$), nº 10 ($H'=0,1318$), nº 5 ($H'=0,1114$), nº 8 e 12 ($H'=0,1000$) e nº 3 ($H'=0,0965$). Aqueles com menor diversidade foram nº 34, 50, 61, 63, 75 e 84 (0,009). Tal diversidade relativamente baixa é influenciada por vários fatores como a predisposição ao cultivo e de espaço físico para tal, além do conhecimento prévio sobre a utilidade das plantas.

O manejo do quintal é realizado em sua maioria pelas mulheres (80%, 77). Provavelmente, por que os cuidados com o quintal são uma extensão do cuidado com a casa, o que historicamente, nas culturas latino-americanas, recai sobre as mulheres semelhante ao descrito por diversos autores (OAKLEY, 2004; ALMEIDA, PASA, GUARIM, 2014; NOVAIS et al., 2011; TROTTA et al., 2012), diferindo do descrito por Cultrera, Amorozo e Ferreira (2012).

A maior parte dos mantenedores, 67% (64), compõem a população economicamente ativa, enquanto que 33% não trabalham formalmente (donas de casa ou aposentados). O turno diário de oito horas de trabalho é cumprido por 63% dos mantenedores. O tempo médio dispensado ao manejo do quintal variou de 10 a 120 minutos diários (média de 42 minutos), que ocorre preferencialmente no final período vespertino, quando a incidência solar é amenizada, o que permite a irrigação das plantas sem estresse térmico/hídrico, fato raramente relatado nos estudos, mas que difere, entretanto, do estudo realizado por David et al. (2014) no qual o período preferido era o matutino.

As espécies encontradas nos quintais estudados foram categorizadas conforme o uso: A maior quantidade de espécies de plantas foi referida para uso ornamental, com 75 espécies (280 citações); uso medicinal, 47 espécies (327 citações); uso alimentício, 47 espécies (235 citações); cinco espécies (11 citações) com uso místico/religioso; quatro espécies (8 citações) com uso cosmético; Três espécies (3 citações) com uso artesanal e uma espécie (1 citação) com uso veterinário. Cenário semelhante, com destaque para ornamentais, medicinais e alimentícias, como referido por Moura et al. (2011) (frutíferas > ornamentais > medicinais) e Guarim Neto e Amaral (2010) (medicinal > alimentar > ornamental) e entre as medicinais de Lobo e Sena (2012).

O grande número de espécies ornamentais pode ser explicado pelo conceito de quintal adotado neste estudo, que considera os jardins urbanos, sobretudo aqueles da frente da

casa, evidenciando um maior cuidado estético com a residência, também encontrado em outros trabalhos (FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; CARVALHO et al., 2013; MOSINA; MAROYI; POTGIETER, 2014) e diferindo do encontrado por Almeida, Pasa e Guarim (2014), Lara-Pinto et al. (2013) e Miranda, Kato e Sablayrolles (2013), quando ornamentais foram a quarta categoria em todos os casos.

Na categoria medicinal, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004), as enfermidades e respectivos sistemas corporais a serem tratados, que apresentaram maior número de citações foram: para transtorno do sistema respiratório, a gripe (73 citações), como também encontrado em Trotta et al. (2012), com destaque para *Chenopodium ambrosioides* L. (12 citações), *Citrus limonum* Risso (10) e *Mentha arvensis* L. (8); para transtorno do sistema nervoso, calmante (45), com destaque para *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. (25), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (7) e *Citrus aurantium* L. e *Passiflora edulis* Sims. (4 cada); para transtorno do sistema digestivo, dores de barriga, dores de estômago, má digestão, gastrite, úlcera estomacal (45), destacando-se *Plectranthus barbatus* Andrews (16), *Croton heliotropiifolius* Kunth. (8), *Ximenia americana* L. (6); e para doenças da pele e tecido celular subcutâneo (cicatrizantes/13), com destaque para *Aloe vera* (L.) Burm. F. (5), *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze (4) e *Chenopodium ambrosioides* L. (2) (Tabela 1).

A maioria das plantas medicinais encontra-se cultivada próximas as residências, indicando que provavelmente sejam os vegetais que o mantenedor considere mais relevantes ou cujo cultivo indique maior cuidado, o que foi também encontrado nos estudos de Coe e Anderson (1999) e Zucchi et al. (2013), uma forma de separar as plantas por uso que é presente em 84% (81) dos quintais (16%/15 - não separam as plantas por uso), o que evidencia um direcionamento no manejo do quintal.

Tabela 1 – Espécies ocorrentes nos quintais urbanos e categorias de uso relacionadas. Legenda: NV: Nome Vernacular; NC: Numero de citações; OR - Origem: N – nativo; E – exótico; NR: Número de Registro no Herbário TEPB. II. Identificado no lugar. Usos: Al – alimento; Me – medicinal; Mi – místico/religioso; Or – ornamental; Co – cosmético; Ar – artesanato; Ve – veterinário.

Família/Espécie	NV	OR	NC	Usos	NR
ACANTHACEAE					
<i>Justicia pectoralis</i> var <i>stenophylla</i> Leonard	trevo	N	8	Me, Or, Mis	26.894
ALLIACEAE					
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	cebolinha	E	3	Al	30.445

Tabela 1 – Continuação...

Família/Espécie	NV	OR	NC	Usos	NR
AMARANTHACEAE					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	penicilina	N	4	Me	30.434
ANACARDIACEAE					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajueiro	N	12	Me, Al	30.372
<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	E	22	Me, Al	30.370
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	imbu	N	5	Al	26.985
ANNONACEAE					
<i>Annona squamosa</i> L.	ata	E	9	Me, Al	30.368
APIACEAE					
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	E	3	Al	II
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	E	2	Me, Al	II
<i>Petroselinum sativum</i> Hook. & Gillies	cheiro-verde	E	4	Al	II
APOCYNACEAE					
<i>Adenium obesum</i> Roem. & Schult.	rosa-do-deserto	E	1	Or	II
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	boa-noite	E	7	Or	30.371
<i>Nerium oleander</i> L.	espirradeira	E	1	Or	30.367
<i>Plumeria pudica</i> Jacq.	jasmim	E	1	Or	30.664
ARACEAE					
<i>Anthurium andraeanum</i> Linden.	antúrio-negro	E	1	Or	II
<i>Anthurium</i> sp.	antúrio	E	1	Or	II
<i>Caladium bicolor</i> Vent.	pinica-pau	N	2	Or	30.444
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott.	inhame	E	2	Al	II
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	comigo-ninguém-pode	N	2	Or, Mi	26.988
<i>Zantedeschia aethiopica</i> Spreng.	copo-de-leite	E	4	Or	II
ARECACEAE					
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	tucum	N	1	Or	II
<i>Chrysalidocarpus lutescens</i> H.Wendl.	palmeira-areca	E	6	Or	II
<i>Cocos nucifera</i> L.	coqueiro	N	9	Me, Al, Or	II
<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	palmeira-de-jardim (palmeirinha)	E	9	Or	II
<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	fênix	E	1	Or	II
ASPARAGACEAE					
<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth) Jessop	alfinete/aspargos	E	2	Or	II
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Prain	espada-de-são-jorge	E	16	Or, Mi	26.980

Tabela 1 – Continuação...

Família/Espécie	NV	OR	NC	Usos	NR
BIGNONIACEAE					
<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	ipê-amarelo	N	1	Or	II
<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith	ipê-branco	N	3	Or	II
<i>Tecoma stans</i> Juss.	ipezinho	E	7	Or	26.902
BIXACEAE					
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	N	4	Me, Al, Or	26.991
BROMELIACEAE					
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	N	1	Al	II
CACTACEAE					
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	mandacaru	N	3	Or	II
<i>Epiphyllum hybridum</i> Hort. ex Pfeiff.	cacto- orquídea	E	1	Or	II
<i>Hildewintera colademononis</i> Diers & Krahn	cacto-rabo-de- macaco	E	1	Or	II
<i>Mammillaria cf. microhelix</i> Werderm	cacto	E	1	Or	II
<i>Mammillaria elongata</i> DC.	dedo-de-moça	E	1	Or	II
<i>Mammillaria lasiacantha</i> Engelm.	cacto bola	E	1	Or	II
<i>Mammillaria plumosa</i> F.A.C.Weber	cacto	E	1	Or	II
<i>Opuntia cochenillifera</i> DC.	cacto	E	1	Or	II
<i>Opuntia microdasys</i> (Lehm.) Pfeiff.	palma-brava	E	2	Or	30.407
<i>Opuntia rufida</i> Engelm.	opuntia	E	2	Or	II
<i>Oreocereus</i> sp.	orocereus	E	3	Or	II
<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	rosa-madeira		1	Or	30.365
CARICACEAE					
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	E	7	Me, Al	II
CARYOCARACEAE					
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm.	pequi	N	2	Al	26.994
CHENOPODIACEAE					
<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba	E	1	Me, Al	30.438
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	N	20	Me	26.918
CLUSIACEAE					
<i>Garcinia brasiliensis</i> Mart.	bacupari	N	1	Al	II
COMBRETACEAE					
<i>Terminalia catappa</i> L.	amendoeira	E	7	Me	26.908
COMMELINACEAE					
<i>Gibasis schiedeana</i> (Kunth) D.R.Hunt	véu-de-noiva	N	2	Or	II
CONVOLVULACEAE					
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	E	6	Al	II

Tabela 1 – Continuação...

Família/Espécie	NV	OR	NC	Usos	NR
CRASSULACEAE					
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	folha-santa	E	16	Me	30.437
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	calanchoê	E	1	Or	II
CUPRESSACEAE					
<i>Juniperus horizontalis</i> Moench	pinheiro	E	1	Or	II
CYCADACEAE					
<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	palmeira cica	E	1	Or	II
DAVALLIACEAE					
<i>Davallia fejeensis</i> Hook.	samambaia-renda-francesa	E	5	Or	30.449
EUPHORBIACEAE					
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth.	velame	N	10	Me	30.448
<i>Euphorbia ingens</i> E.Mey.	cacto-candelabro	E	5	Or	II
<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	coroa-de-cristo	E	1	Or	30.436
<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	flor-de-natal	E	1	Or	II
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	cachorro-pelado	E	4	Me	30.450
<i>Euphorbia trigona</i> Mill.	candelabro	E	1	Or	II
<i>Jatropha curcas</i> L.	pião-branco	N	2	Or, Mi, Ve	26.996
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pião-roxo	E	8	Or, Mi	30.663
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	mandioca	N	2	Al	II
<i>Manihot utilissima</i> Pohl.	macaxeira	N	5	Al	II
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	N	10	Me, Or	26.998
LAMIACEAE					
<i>Mentha arvensis</i> L.	vicky	E	10	Me, Al	30.435
<i>Mentha villosa</i> Huds	hortelã	E	14	Me, Al	30.442
<i>Ocimum gratissimum</i> Forssk.	alfavaca	E	11	Me, Al, Or	30.446
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	malva-do-reino	E	4	Me	30.439
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	N	30	Me, Or	27.004
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	E	3	Me, Al	II
LAURACEAE					
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	N	2	Al, Co	27.005
LECYTHIDACEAE					
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	sapucaia	N	10	Me	II
LEGUMINOSAE CAESALPINOIDEAE					
<i>Tamarindus indica</i> L.	tamarindo	E	6	Me, Al	30.443

Tabela 1 – Continuação...

Família/Espécie	NV	OR	NC	Usos	NR
LEGUMINOSAE FABOIDEAE					
<i>Erythrina indica</i> Lam.	brasileirinho	E	3	Or	II
<i>Erythrina mulungu</i> Mart. ex Benth.	mulungu	N	1	Or	II
LEGUMINOSAE MIMOSOIDEAE					
<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.	unha-de-gato	N	2	Me	30.451
LYTHRACEAE					
<i>Punica granatum</i> L.	romã	E	8	Me, Al	30.408
MALPIGHIACEAE					
<i>Malpighia glabra</i> Sessé & Moc.	acerola	N	17	Me, Al	26.898
MALVACEAE					
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	E	8	Me	26.919
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	hibisco	E	8	Or	II
MELIACEAE					
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss	nim	E	2	Me	30.452
MORACEAE					
<i>Ficus</i> sp.	figo	E	7	Or	II
MUSACEAE					
<i>Musa paradisiaca</i> L.	bananeira	N	10	Me, Al	27.009
MYRTACEAE					
<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto	E	2	Me	27.010
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	N	1	Al	II
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O.Berg	jabuticaba	N	1	Al	II
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	E	11	Me, Al	II
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	azeitona	N	1	Me, Al	II
NYCTAGINACEAE					
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	bougainvillea	E	2	Or	II
<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	bougainvillea branca	E	2	Or	II
OLACACEAE					
<i>Ximenia americana</i> L.	ameixa	N	9	Me, Al	27.012
OLEACEAE					
<i>Jasminum nitidum</i> Skan	jasmim	E	5	Or, Co	II
<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	bugarim	E	8	Al, Or	30.409
OLEANDRACEAE					
<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott	samambaia-rabo-de-peixe	N	8	Or	30.453
<i>Nephrolepis cordifolia</i> (L.) C.Presl	samambaia-de-metro	E	6	Or	II
<i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd) Schott	samambaia	E	5	Or	II

Tabela 1 – Continuação...

Família/Espécie	NV	OR	NC	Usos	NR
ORCHIDACEAE					
<i>Cattleya labiata</i> (Linden) Schltr.	orquidea-branca-rainha-do-ne	E	1	Or	II
<i>Cymbidium</i> sp.	orquidea-cimbídio-amarela	E	1	Or	II
<i>Oncidium sarcodes</i> Lindl.	orquidea-chuva-de-ouro	E	1	Or	II
<i>Phalaenopsis amabilis</i> (L.) Blume	orquidea-branca-e-lilás	E	1	Or	II
<i>Phalaenopsis</i> sp.	orquidea-toda-branca	E	1	Or	II
OXALIDACEAE					
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	N	4	Me, Al	26.901
PASSIFLORACEAE					
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	maracujá	N	8	Me, Al	27.013
PHYTOLACCACEAE					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	tipi	N	6	Me, Or	II
PINACEAE					
<i>Pinus</i> sp.	pinheiro	E	1	Or	II
PLUMBAGINACEAE					
<i>Plumbago auriculata</i> Blume	bela-emília	E	1	Or	II
POACEAE					
<i>Bambusa</i> sp.	bambu	E	2	Or	II
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	capim-de-cheiro	E	11	Me, Al	30.447
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	E	2	Me, Al	II
<i>Zoysia japonica</i> Steud.	grama	E	1	Or	II
POLYPODIACEAE					
<i>Polypodium decumanum</i> Willd.	samambaia	N	1	Or	II
<i>Polypodium persicifolium</i> Desv.	samambaia chorona	N	3	Or	II
ROSACEAE					
<i>Prunus avium</i> (L.)L.	cereja	E	1	Al	II
<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	roseira	E	15	Or	II
RUBIACEAE					
<i>Ixora chinensis</i> Lam.	cafezinho-de-jardim	E	11	Or	30.366
RUTACEAE					
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranjeira	E	14	Me, Al	27.016
<i>Citrus limonum</i> Risso	limão	E	11	Me, Al	27.017
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	E	6	Me, Or	II

Tabela 1 – Continuação...

Família/Espécie	NV	OR	NC	Usos	NR
SOLANACEAE					
<i>Capsicum annuum</i> L.	pimenta-de-mesa/pimentã o-verde	N	9	Al, Or	II
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	pimenta-de-cheiro	N	5	Al	30.441
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta-malagueta/pimenta-vermelha	N	8	Me, Al, Or	30.362
TURNERACEAE					
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	chanana	N	14	Me, Or	30.361
URTICACEAE					
<i>Soleirolia soleirolii</i> (Req.) Dandy	barba-de-moisés	E	1	Or	II
VERBENACEAE					
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	erva-cidreira	N	34	Me, Al	30.369
VITACEAE					
<i>Cissus sicyoides</i> L.	insulina	E	2	Me, Or	II
<i>Vitis vinifera</i> L.	uva	E	1	Al, Or	II
XANTHORRHOEACEAE					
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	babosa	E	15	Me, Co, Or	30.440
ZINGIBERACEAE					
<i>Alpinia nutans</i> Roscoe	jardineira	E	5	Me, Or	27.018

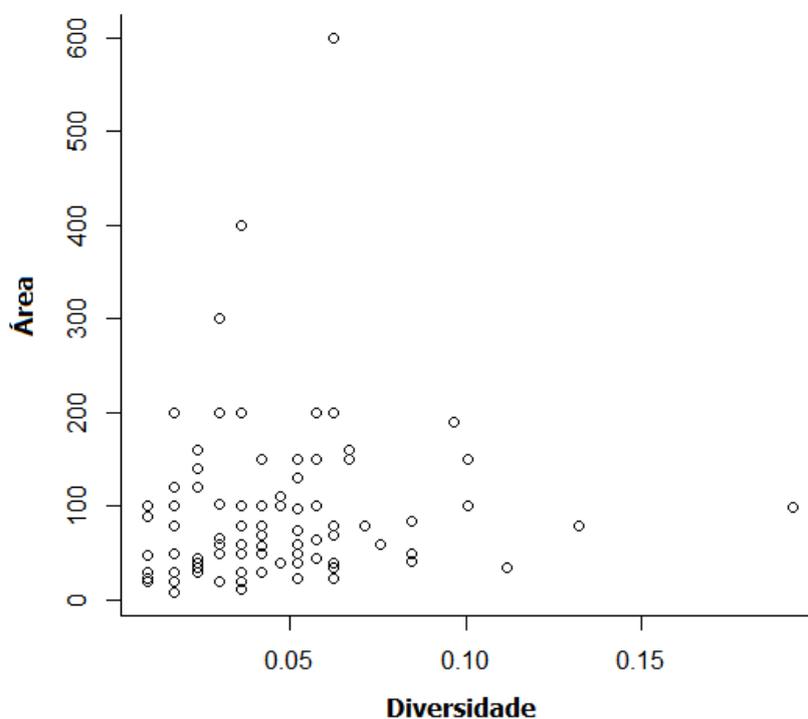
Fonte: Pesquisa direta.

Um dos requisitos para o cultivo e/ou sua diversificação seria a área disponível, pois a tendência é de que quanto maior a área, maior a possibilidade de maiores abundância e diversidade. Assim, com o intuito de verificar se haveria relação entre os valores de diversidade de espécies encontrados em cada quintal e suas respectivas áreas, foi calculada a diversidade de shannon (H') para cada quintal e posteriormente calculado o índice de correlação de Pearson (r), relacionando diversidade (H') e área (m^2).

O resultado encontrado na medida da correlação foi $r = 0,1039$ ($p=0,0465$). O valor que se apresenta entre 0,10 e 0,29 são valores considerados pequenos de acordo com Cohen (1988), o que permite dizer que tal correlação ou é inexistente, ou muito fraca, não podendo ser conclusiva, pois é difícil estabelecer algum tipo de relação entre estas variáveis.

Não se observa relação direta entre a diversidade de espécies e o tamanho do quintal, sendo o critério área disponível irrelevante para o cultivo pouco ou muito diversificado de plantas, como pode ser observado na Figura 2.

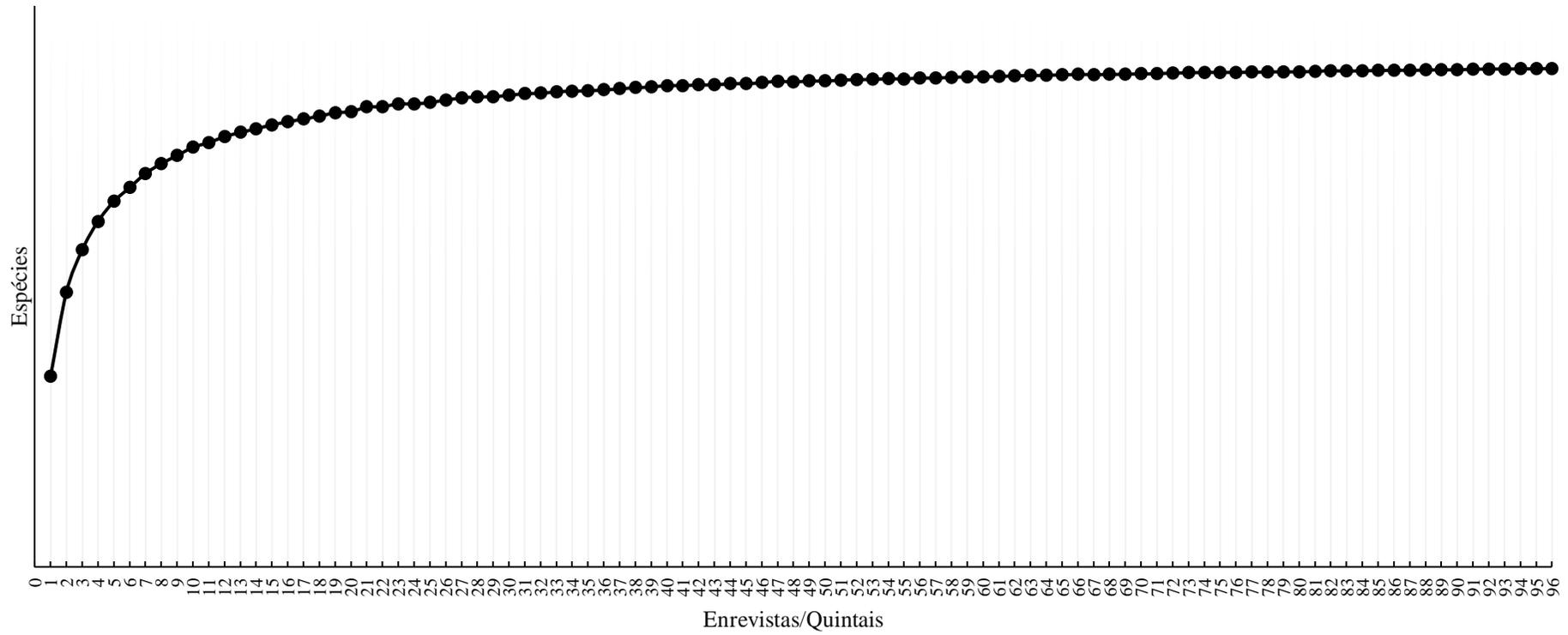
Figura 2 – Análise da correlação de Pearson (r) entre diversidade de plantas e área dos quintais urbanos de Teresina/PI.



Fonte: Pesquisa direta.

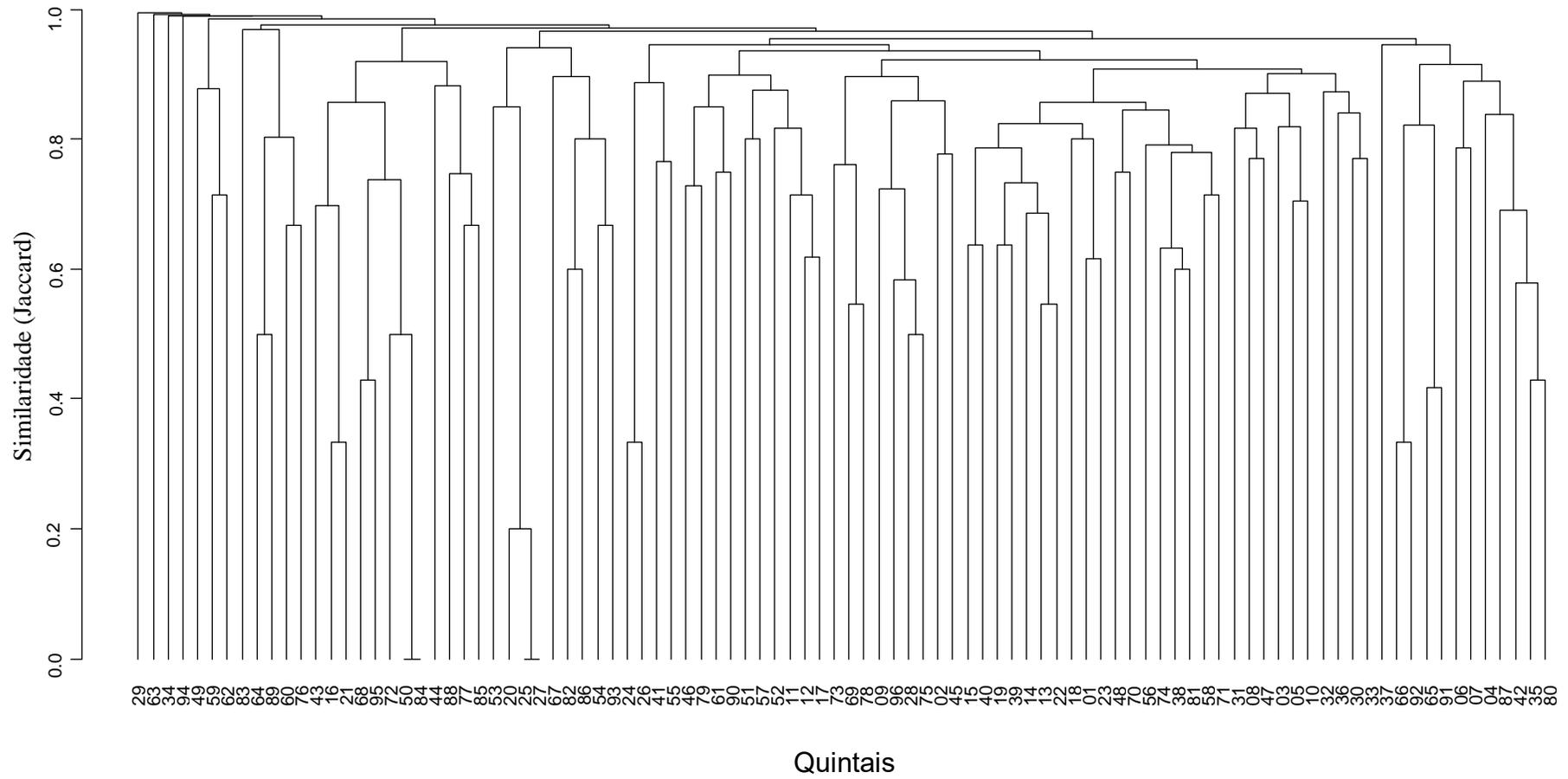
Para o conjunto de dados foi calculada a rarefação com o intuito de assegurar a confiabilidade dos dados, com randomização de mil vezes. Os dados botânicos dos 96 quintais foram analisados e plotados na Figura 3, os quais demonstram estabilização da curva, denotando suficiência amostral. O dendrograma (Figura 4) mostra a grande variedade de espécies nos quintais, cuja árvore demonstra poucos grupos compartilhando a mesma fitodiversidade, evidenciando a grande heterogeneidade dos quintais urbanos.

Figura 3 – Curva de rarefação dos dados botânicos dos 96 quintais urbanos amostrados em Teresina/PI.



Fonte: Pesquisa direta.

Figura 4 – Dendrograma de similaridade entre os quintais urbanos amostrados em Teresina/PI.



Fonte: Pesquisa direta.

Conclusão

O estudo mostrou grande variedade botânica e estrutural nos quintais urbanos, não havendo, entretanto, relação entre a área disponível e o cultivo de vegetais. O quintal é espaço utilizado para cuidados da casa, como exemplificado pela lavagem roupas; historicamente papel delegado à mulher que é o sujeito que mais se empenha nos cuidados ao quintal. Uma maior quantidade de espécies ornamentais, em detrimento daquelas com usos medicinal e/ou alimentício pode ser reflexo do cultivo em quintais urbanos, que pode ocorrer tanto na frente, como laterais e fundos do lote. A perspectiva futura é que estes espaços nas cidades diminuam de tamanho ou até deixem de existir em zonas mais centrais, e cuja ocorrência seja mais comum em zonas periféricas, apresentando configurações mais utilitaristas, com tamanho e biodiversidade reduzidos.

Referências

ADNAN, N.; OTHMAN, N. The Relationship between Plants and the Malay Culture. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 42, p. 231-241, 2012.

AGUIAR, L.C.G.G. **Etnobotânica em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil)**. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2009. 135 fls.

AKINNIFESI, F.K. et al. Biodiversity of the urban homegardens of São Luís city, Northeastern Brazil. *Urban Ecosystems*, v. 13, n. 1, p. 129-146, 2010.

ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C.; CABALLERO, J. Structure and floristics of homegardens in Northeastern Brazil. *Journal of Arid Environments*, v. 62, n. 3, p. 491-506, 2005.

ALMEIDA, L.S.; GAMA, J.R.V. Quintais Agroflorestais: Estrutura, Composição Florística e Aspectos Socioambientais em Área de Assentamento Rural na Amazônia Brasileira. *Ciência Florestal*, v. 24, n. 4, p. 1037-1048, 2014.

ALMEIDA, S.E.; PASA, M.C.; GUARIM, V.L.M.S. Uso da Biodiversidade em Quintais de Comunidades Tradicionais da Baía de Charcorore, Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*, v. 13, p. 141-155, 2014.

AMARAL, C.N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, 2008. 201p.

AMORIM, A.N. **Etnobiologia da comunidade de pescadores artesanais urbanos do bairro Poti Velho, Teresina/PI, Brasil**. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, 135 fls.

AMOROZO, M.C.M. Os quintais: funções, importância e futuro. IN: GUARIM-NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Ed.). **Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008.

ANGEOLETTO, F. et al. Superando a antítese cidade/natureza: planejamento ambiental dos quintais de Pirajá (Salvador, Bahia). **Cadernos do Ceas**, n. 230, Salvador, 2008.

ARAÚJO, C.C. **Trilhas e estradas: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960–1980)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009, 155fls.

AZEVEDO, S.K.S.; SILVA, I.M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p. 185-194, 2006.

BAYLEY, K.D. **Methods of social research**. New York: Free Press, 1982. 592p.

BERNARD, H.R. **Research methods in cultural Anthropology**. USA: SAGE Publication, 1988. 520p.

BLAKE, A.; CLOUTIER-FISHER, D. Backyard bounty: exploring the benefits and challenges of backyard garden sharing projects. **Local Environment**, v. 14, n. 9, p. 797-807, 2009.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios – PNAD 2010**, 2010. Disponível em: < www.ibge.gov.br/catálogos/indicadores >. Acesso em: abr. 2014.

BRITO, M.A.; COELHO, M.F. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 1, n. 4, p. 7-31, 2000.

CARNIELLO, M.A. et al. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.

CARRETERO, E.E.M. The synanthropic flora in the Mendoza (Argentina) urban area. **Urban Ecosystems**, v. 13, n. 2, p. 237-242, 2009.

CARVALHO, T.K.N. et al. Structure and Floristics of Home Gardens in an Altitudinal Marsh in Northeastern Brazil. **Ethnobotany Research & Applications**, v. 11, p. 29-48, 2013.

COE, F.G.; ANDERSON, G.J. Ethnobotany of the Sumu (Ulwa) of Southeastern Nicaragua and Comparisons with Miskitu Plant Lore. **Economic Botany**, v. 53, n. 4, p. 363-386, 1999. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/4256219> >. Acesso em: 19 dez 2014.

COHEN, J. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1988. 590p.

CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1262p.

CRUZ-SILVA, C.T.A.; PAULA, K.B.D.S.D. Formas de uso medicinal da babosa e camomila pela população urbana de Cascavel, Estado do Paraná. **Acta Scientiarum**. Health Science, v. 32, n. 2, p. 169-176, 2010.

CRUZ, E.A.L. et al. Perfil e utilização de plantas medicinais em quintais da comunidade de Salobra Grande distrito de Porto Estrela-MT. **UNICIÊNCIAS**, v. 15, n. 1, p. 53-66, 2011.

CULTRERA, M.; AMOROZO, M.C.M.; FERREIRA, F.C. Agricultura urbana e conservação de agrobiodiversidade: um estudo de caso em Mato Grosso, Brasil. **Sitientibus** série Ciências Biológicas, v. 12, n. 2, p. 323-332, 2012.

DAHLGREN, R.M.T.; CLIFFORD, H.T. **The Monocotyledons: a comparative study**. London: Academic Press, 1980. 378p.

DAS, T.; DAS, A.K. Inventorying plant biodiversity in homegardens: A case study in Barak Valley, Assam, North East India. **Current Science**, v. 89, n. 1, p. 155-163, 2005.

DAVID, M.D. et al. Uso de plantas medicinais em comunidade escolar de Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 13, n. 1, p. 38-50, 2014.

DAVIES, R.; HALL, S.J. Direct and indirect effects of urbanization on soil and plant nutrients in desert ecosystems of the Phoenix metropolitan area, Arizona (USA). **Urban Ecosystems**, v. 13, n. 3, p. 295-317, 2010.

DE LA CERDA, H.E.C.; MUKUL, R.R.G. Homegarden Production and Productivity in a Mayan Community of Yucatan. **Human Ecology**, v. 36, n. 3, p. 423-433, 2008.

DELUQUI, H.B.S. et al. Espaços produtivos da mandioca e seus usos em Cáceres/MT. **Campo-Território**, v. 7, n. 14, p. 1-22, 2012.

DUQUE-BRASIL, R. et al. Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. **Sitientibus** série Ciências Biológicas, v. 11, n. 2, p. 287-297, 2011.

EYSSARTIER, C.; LADIO, A.H.; LOZADA, M. Traditional horticultural knowledge change in a rural population of the Patagonian steppe. **Journal of Arid Environments**, v. 75, n. 1, p. 78-86, 2011.

FERGUSON, M. **Stewardship in Action: Native Plant Re-establishment In an Urban Garden**. Restoration of Natural Systems Program, University of Victoria. Vancouver, 2011, 55p.

FLORENTINO, A.T.; ARAÚJO, E.L.; ALBUQUERQUE, U.P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FLORES-DELGADILLO, L. et al. A sustainable system of a traditional precision agriculture in a Maya homegarden: Soil quality aspects. **Soil and Tillage Research**, v. 113, n. 2, p. 112-120, 2011.

FLORES, J.S.; BAUTISTA, F. Knowledge of the Yucatec Maya in seasonal tropical forest management: the forage plants. **Revista Mexicana de Biodiversidad**, v. 83, p. 503-518, 2012.

GAZEL FILHO, A.B. **Composição, estrutura e função de quintais agroflorestais no município de Mazagão, Amapá**. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias). Universidade Federal Rural da Amazônia e Embrapa Amazônia Oriental, Belém, 2008, 103p.

GOMES, G.S. **Quintais Agroflorestais no Município de Irati-Paraná, Brasil: Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Socioeconômica e Ambiental**. Tese (Doutorado em Ciências Florestais). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010, 161 fls.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n. 29, p. 191-212, 2010.

GUARIM NETO, G.; NOVAIS, A.M. Composição florística dos quintais da cidade de Castanheira. IN: GUARIM-NETO, G.; CARNIELLO, M. C. (Ed.). **Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, 203p.

HARIYADI, B.; TICKTIN, T. Uras: Medicinal and Ritual Plants of Serampas, Jambi Indonesia. **Ethnobotany Research & Applications**, v. 10, p. 133-149, 2012.

HUGHES, C.E. et al. **Serendipitous backyard hybridization and the origin of crops**. Proc Natl Acad Sci U S A, v. 104, n. 36, p. 14389-14394, 2007.

IPNI. **International Plant Names Index**. 2014. Disponível em: < <http://www.ipni.org> >. Acesso em: 01 mar. 2015.

JUDD, W.S. et al. **Plant systematics: a phylogenetic approach**. Sunderland: Sinauer associates, 1999, 565p.

KABIR, M.E.; WEBB, E.L. Household and homegarden characteristics in southwestern Bangladesh. **Agroforestry Systems**, v. 75, n. 2, p. 129-145, 2009.

KUMAR, B.M. Species richness and aboveground carbon stocks in the homegardens of central Kerala, India. **Agriculture, Ecosystems & Environment**, v. 140, n. 3-4, p. 430-440, 2011.

LARA-PINTO, A.Z. et al. **Etnobotânica nos quintais da comunidade Santo Antonio do Caramujo em Cáceres, Mato Grosso, Brasil**. 64º Congresso Nacional de Botânica. Belo Horizonte: SBB, 2013.

LIPORACCI, H.S.N.; SIMÃO, D.G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 4, p. 529-540, 2013.

LOBO, V.A.R.; SENA, P.S. Os Quintais como Espaço de conflito. Conservação, Manejo e Uso do Hotspot Mata Atlântica. Caso de Estudo Vale Histórico, Vale do Paraíba, São Paulo. **Janus**, v. 16, p. 65-85, 2012.

MAROYI, A. Traditional homegardens and rural livelihoods in Nhema, Zimbabwe: a sustainable agroforestry system. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2009.

MEDEIROS, L.S.; QUINTANS, M.T.D.; ZIMMERMANN, S.A. Rural e Urbano no Brasil: Marcos legais e estratégias políticas. **Contemporanea**, v. 4, n. 1, p. 117-142, 2014.

MIRANDA, S.; KATO, O.; SABLAYROLLES, M.G.P. Caracterização e importância dos quintais agroflorestais aos agricultores familiares do Baixo Irituia, Pará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 1-4, 2013.

MISHRA, S.; CHAUDHURY, S.S. Ethnobotanical flora used by four major tribes of Koraput, Odisha, India. **Genetic Resources and Crop Evolution**, v. 59, n. 5, p. 793-804, 2012.

MONTEIRO, J.P.R.; MONTEIRO, M.S.L. Hortas comunitárias de Teresina: agricultura urbana e perspectiva de desenvolvimento. **Revista Iberoamericana de Economía Ecológica**, v. 5, p. 47-60, 2006.

MORI, L.A. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. Ilheus: Centro de Pesquisa do Cacau, 1989, 97p.

MOSINA, G.K.; MAROYI, A.; POTGIETER, M.J. Comparative analysis of plant use in peri-urban domestic gardens of the Limpopo Province, South Africa. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 35, p. 8, 2014.

MOURA, C.L.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica em Quintais Urbanos Nordestinos: um Estudo no Bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, n. 1, p. 219-221, 2007.

MOURA, J.M. et al. Perfil Florístico de Quintais de dois bairros de Cuiabá. **UNICIÊNCIAS**, v. 15, n. 1, p. 285-312, 2011.

NAIR, P.K.P. **An introduction to agroforestry**. ICRAF/Kluwer Academic Publishers, 1993, 499p.

NEMUDZUDZANYI, A.O.; ZOBOLO, A.M.; SIEBERT, S.J. A comparative floristic analysis of peri-urban and rural homegardens in Zululand, South Africa. **SAAB Annual Meeting Abstracts**, p. 437-438, 2009.

NOVAIS, A.M. et al. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. **Revista Biodiversidade**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2011.

OAKLEY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 90-105, 2004.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. Lisboa, 2004. 238p.

OTTMANN, M.M.A. et al. Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná. **Revista Academia, Ciência Agrária e Ambiente**, v. 9, n. 1, p. 101 - 109, 2011.

PASA, M.C.; NEVES, W.M.S.; ALCÂNTARA, K.C. Enfoque Etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de paisagem quintal, comunidade Fazenda Verde em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade**, v. 7, n. 1, p. 3-13, 2008.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PERNA, T.A.; LAMANO-FERREIRA, A.P.N. Revisão Bibliométrica Sobre o Cultivo de Plantas Medicinais em Quintais Urbanos em Diferentes Regiões do Brasil (2009-2012). **UNOPAR Científica Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 16, n. 1, p. 61-67, 2014.

PEREIRA, B.M.; ALMEIDA, M.G. O Quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. **Geonordeste**, n. 2, p.47-64, 2010.

PEYRE, A. et al. Dynamics of Homegarden Structure and Function in Kerala, India. **Agroforestry Systems**, v. 66, n. 2, p. 101-115, 2006.

PINHO, R.C. et al. Islands of fertility: Soil improvement under indigenous homegardens in the savannas of Roraima, Brazil. **Agroforestry Systems**, v. 81, n. 3, p. 235-247, 2011.

ROCHA, R.R. **Recursos Naturais Urbanos: Árvores frutíferas nos quintais de Boa Vista, Roraima**. Monografia (Especialização em Recursos Naturais). PRONAT, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, 2007, 35p.

ROSE, J.L.; ÖZÜNEL, E.Ö.; BENNET, B. Ethnobotanical Remedies for Acute Diarrhea in Central Anatolian Villages. **Economic Botany**, v. 67, n. 2, p. 137-146, 2013.

SABLAYROLLES, M.G.P. **Diversidade e uso de plantas em quintais ribeirinhos de Brasília Legal – Aveiro, Pará (Brasil)**. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004, 158p.

SARAGOUSI, M.; MARTEZ, J. H. I.; RIBEIRO, G. A. Comparação na composição de quintais de três localidades de terra firme do Estado do Amazonas. v. 1. p. 295-303. In: D. A. POSEY; OVERAL, W. L. (Ed.), **Ethnobiology: implications and applications - Proceedings of the first Internacional Congress of Ethnobiology**. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1998.

SEGALLA, R.; COELHO, M.F.B.; AZEVEDO, R.A.B. Agricultura urbana em Área de Preservação Permanente. **Revista Trópica – Ciências Agrárias e Biológicas**, v. 6, n. 1, p. 17-29, 2012.

SEMEDO, R.J.C.G.; BARBOSA, R.I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. **Acta Amazonica**, v. 37, n. 4, p. 497-504, 2007.

SILVA, C.S.P.; PROENÇA, C.E.B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 22, n. 2, p. 481-492, 2008.

SILVA, J.S.; GUARIM NETO, G. O uso de recursos vegetais com fins medicinais por moradores de bairros da zona oeste de Cuiabá – MT, Brasil. **Revista de Ciências Agro-Ambientais**, Alta Floresta-MT, v. 10, n. 1, p. 9-22, 2012.

SILVA, R.F. et al. Estudo Etnobotânico das Plantas Medicinais Utilizadas pela População do Município de Jataí, Goiás. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 174-177, 2009.

SILVA, K.R.X. **Diversidade vegetal em quintais domiciliares no município de Araguapaz - GO**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Biologia). UnU de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2014, 46fls.

SIVIERO, A. et al. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.

SIVIERO, A. et al. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 4, p. 598-610, 2012.

SMITH, B.D. The Cultural Context of Plant Domestication in Eastern North America. **Current Anthropology**, v. 52, n. 4, p. 471-484, 2011.

TERESINA. **Teresina em dados**. Secretaria Municipal de Planejamento. Prefeitura de Teresina. Teresina: Departamento de Informação e Pesquisa - DIP. CD-ROM 2005.

THOMAS, E. et al. Ethnomedicinal practices and medicinal plant knowledge of the Yuracares and Trinitarios from Indigenous Territory and National Park Isiboro-Secure, Bolivian Amazon. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 133, n. 1, p. 153-63, 2011.

TROTTA, J. et al. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais (online)**, v. 14, n. 3, p. 17-34, 2012.

VANDEBROEK, I.; BALICK, M.J. Globalization and Loss of Plant Knowledge: Challenging the Paradigm. **PLoS ONE**, v. 7, n. 5, p. 37643, 2012.

VAN HOLTE, J.M.O. **Quintais urbanos de Salvador**: realidades, usos e vivências no século XIX. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. 284fls.

WINKLERPRINS, A.M.G.A.; SOUZA, P.S. Surviving the City: Urban Home Gardens and the Economy of Affection in the Brazilian Amazon. **Journal of Latin American Geography**, v. 4, n. 1, p. 107-126, 2005.

ZUCCHI, M.R. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri - GO. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, n. 2, p. 273-279, 2013.

3.2 Artigo 2 - Vinculação Afetiva a Quintais Urbanos do Nordeste Brasileiro

Publicado na **Revista Espacios** (Caracas, Venezuela) – (ISSN 0798 1015 - Qualis B1 – Interdisciplinar)



Espacios. Vol. 36 (Nº 16) Año 2015. Pág. 5

Vinculação afetiva a quintais urbanos do Nordeste Brasileiro

Emotional attachment to urban backyards of the Brazilian Northeast

Alexandre Nोजoa AMORIM 1, Denis Barros de CARVALHO 2, Roseli Farias Melo de BARROS 3

Recibido: 23/04/15 • Aprobado: 10/06/2015

Contenido

1. Introdução
2. Metodologia
3. Resultados e Discussão
4. Conclusão
5. Referências

<p>RESUMO:</p> <p>Entender as interações entre o homem e o ambiente é o foco da Psicologia Ambiental, que objetiva descrever como o homem entende, interage e percebe o ambiente. Assim, no gradiente espaço-tempo, o espaço é transformado em lugar, constituindo a expressão dessa interatividade e a medida em que acontece gera afeto, ligação e vínculo. O quintal é um microsistema na residência onde acontece a vinculação afetiva. Este artigo visa analisar os fatores que contribuem para a vinculação afetiva do mantenedor com o espaço do quintal. Foram entrevistados 68 mantenedores de quintais urbanos de Teresina (PI) e analisados os respectivos quintais. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas e turnês-guiadas nos quintais. Utilizou-se escala likert para ajudar na quantificação dos dados. Foi calculado o índice de correlação de Pearson (ρ) para verificar influência de variáveis no tempo de manejo dos quintais. Os quintais são mantidos majoritariamente por mulheres (79%) casadas (69%) e adultas (72%) com um ou dois filhos (53%), que trabalham até 6h diárias (60,3%) e utilizam até 30 minutos diários (27,9%) para o manejo do quintal, onde lavam roupas (57,4%) ou utilizam para o lazer (22%). A maioria desconhece o que seja sustentabilidade ambiental (51,6%), mas reconhece o calor (47%) e o lixo urbano (30,9%) como grandes problemas ambientais. Foram unânimes em considerar o quintal importante na residência, microsistema que gera sentimentos bons (41%) e muito bons (59%) e que faz lembrar da infância (87%). O manejo dos quintais cria vínculos com o espaço que vira lugar e o liga ao humano numa escala cronossistêmica. O apego positivo gerado é o que determina a configuração e conformação do quintal.</p> <p>Palavras-chave: Apego ao lugar. Quintais urbanos. Afeto. Vínculo ao quintal.</p>	<p>ABSTRACT:</p> <p>The way humans interact with the environment is the focus of environmental psychology. It's interdisciplinary and multidisciplinary science that attempts to describe how man understands and perceives the environment. The space over time self-transform in place, which is the expression of this interaction, who in the extent to which occurs, generates affection, attachment and connection. Home garden is a micro-system occurs in the residence where the emotional attachment. This article aims to analyze the factors that contribute to the affective link with the space maintainer and the home garden. 68 maintainers were interviewed in Teresina's (PI) urban home gardens and analyzed him. Semi structured interviews and tour-guided are used in this study. It's used Likert scale for data quantification. The home gardens are kept majority of women (79%), adult (72%) and married (69%), with one or two children (53%), who work daily until 8 hours (60.3%) and 30 minutes daily use (27.9%) for the management of the home garden. It's used for wash clothes (57.4%) or leisure (22%). They unknowns about environmental sustainability (51.6%), but recognize the warm (47%) and urban waste (30.9%) as major environmental problems. Were unanimous in considering the importance of home garden at the residence, which generates good feelings (41%) and very good feelings (59%) and makes remember of childhood (87%). The management of home gardens creates links with the space and the place turns familiar on a human cronossistemic scale.</p> <p>Keywords: Placeattachment. Urban home gardens. Affection. Backyard's link.</p>
--	--

1. Introdução

Desde a sedentarização humana acontecida no período neolítico (Leite, 2012), a vivência humana acontece sobre uma base ambiental com a qual interage e da qual recebe influências. O homem é entendido como um ser que ocupa um espaço e o modifica segundo suas necessidades (Melo, 1991). Dessa forma, cria territorialidade, que se traduz nas relações entre o indivíduo e seu local, que expressa um sentimento de pertencimento (Braaa et al., 2004), na medida em que tem e mantém o controle sobre o espaço (Melo, 1991). O ambiente, por sua vez, compreende o meio físico concreto e está intrinsecamente ligado às condições sociais, econômicas,

AMORIM, A.N.; CARVALHO, D.B.; BARROS, R.F.M. Vinculação afetiva a quintais urbanos do Nordeste Brasileiro, **Espacios**. v. 36, nº 16, 2015. pág. 5.

Vinculação Afetiva a Quintais Urbanos do Nordeste Brasileiro

Alexandre Nojoza AMORIM¹

Denis Barros de CARVALHO²

Roseli Farias Melo de BARROS³

Resumo

Entender as interações entre o homem e o ambiente é o foco da Psicologia Ambiental, que objetiva descrever como o homem entende, interage e percebe o ambiente. Assim, no gradiente espaço-tempo, o espaço é transformado em lugar, constituindo a expressão dessa interatividade e a medida em que acontece gera afeto, ligação e vínculo. O quintal é um microsistema na residência onde acontece a vinculação afetiva. Este artigo visa analisar os fatores que contribuem para a vinculação afetiva do mantenedor com o espaço do quintal. Foram entrevistados 68 mantenedores de quintais urbanos de Teresina (PI) e analisados os respectivos quintais. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas e turnês-guiadas nos quintais. Utilizou-se escala likert para ajudar na quantificação dos dados. Foi calculado o índice de correlação de Pearson (r) para verificar influência de variáveis no tempo de manejo dos quintais. Os quintais são mantidos majoritariamente por mulheres (79%) casadas (69%) e adultas (72%) com um ou dois filhos (53%), que trabalham até 8h diárias (60,3%) e utilizam até 30 minutos diários (27,9%) para o manejo do quintal, onde lavam roupas (57,4%) ou utilizam para o lazer (22%). A maioria desconhece o que seja sustentabilidade ambiental (51,5%), mas reconhecem o calor (47%) e o lixo urbano (30,9%) como grandes problemas ambientais. Foram unânimes em considerar o quintal importante na residência, microespaço que gera sentimentos bons (41%) e muito bons (59%) e que faz lembrar da infância (87%). O manejo dos quintais cria vínculos com o espaço que vira lugar e o liga ao humano numa escala cronossistêmica. O apego positivo gerado é o que determina a configuração e conformação do quintal.

Palavras-chave: Apego ao lugar. Quintais urbanos. Afeto. Vínculo ao quintal.

Resumen

La comprensión de las interacciones entre el hombre y el medio ambiente es el foco de la psicología ambiental, cuyo objetivo es describir cómo el hombre entendía, interactuar y percibir el entorno. Por lo tanto, el gradiente de espacio-tiempo, el espacio se transmuta en su lugar, que es una expresión de la interactividad. El patio es un microsistema la morada donde se los lazos afectivos. Este artículo tiene como objetivo analizar los factores que contribuyen a los lazos afectivos con el mantenedor de espacio del patio. Entrevistamos a 68 mantenedores de patios urbanos de Teresina (PI) y analizamos sus patios traseros. Se utilizó entrevistas semi-estructuradas y visitas guiadas por los patios traseros. Escala Likert se utilizó para ayudar en la cuantificación de los datos. Se calculó el coeficiente de correlación de Pearson (r) para comprobar la influencia de las variables en el tiempo de manipulación de patios. Los

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA / Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, Brasil. alexandrenojoza@hotmail.com

² Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, Brasil. denispsi@hotmail.com

³ Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, Brasil. rbarros.ufpi@gmail.com

jardines se mantienen en su mayoría por mujeres (79%) casados (69%) y adultos (72%) con uno o dos hijos (53%), trabajando hasta las 8 pm todos los días (60,3%) y el uso de hasta 30 minutos diarios (27,9%) para la gestión de patio trasero, donde lavar la ropa (57,4%) o el uso para el ocio (22%). La mayoría no son conscientes de lo que es la sostenibilidad del medio ambiente (51,5%), pero reconocen el calor (47%) y los residuos urbanos (30,9%) como los principales problemas ambientales. Fueron unánimes en considerar el patio importante en residencia, micro espacio que genera buenas sensaciones (41%) y muy buena (59%) y con reminiscencias de la infancia (87%). Gestión de yardas crea vínculos con el espacio se convierte en el lugar y lo conecta a una escala cronossistêmica humana. El afecto positivo generado es el que determina la configuración y conformación del patio.

Abstract

The way humans interact with the environment is the focus of environmental psychology. It's interdisciplinary and multidisciplinary science that attempts to describe how man understands and perceives the environment. The space over time self-transform in place, which is the expression of this interaction, who in the extent to which occurs, generates affection, attachment and connection. Home garden is a microsystem occurs in the residence where the emotional attachment. This article aims to analyze the factors that contribute to the affective link with the space maintainer and the home garden. 68 maintainers were interviewed in Teresina's (PI) urban home gardens and analyzed him. Semi structured interviews and tour-guided are used in this study. It's used Likert scale for data quantification. The home gardens are kept majority of women (79%), adult (72%) and married (69%), with one or two children (53%), who work daily until 8 hours (60.3%) and 30 minutes daily use (27.9%) for the management of the home garden. It's used for wash clothes (57.4%) or leisure (22%). They unknowns about environmental sustainability (51.5%), but recognize the warm (47%) and urban waste (30.9%) as major environmental problems. Were unanimous in considering the importance of home garden at the residence, which generates good feelings (41%) and very good feelings (59%) and makes remember of childhood (87%). The management of home gardens creates links with the space and the place turns familiar on a human cronossistemic scale.

Keywords: Placeattachment. Urban home gardens. Affection. Backyard's link.

Introdução

Desde a sedentarização humana acontecida no período neolítico (LEITE, 2012), a vivência humana acontece sobre uma base ambiental com a qual interage e da qual recebe influências. O homem é entendido como um ser que ocupa um espaço e o modifica segundo suas necessidades (MELO, 1991). Dessa forma, cria territorialidade, que se traduz nas relações entre o indivíduo e seu local, que expressa um sentimento de pertencimento (BRAGA et al., 2004), na medida em que tem e mantém o controle sobre o espaço (MELO, 1991). O ambiente, por sua vez, compreende o meio físico concreto e está intrinsecamente ligado às condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas de um contexto específico (CAMPOS-DE-CARVALHO et al., 2011).

A Psicologia Ambiental surgiu como a Psicologia da Arquitetura, voltada à necessidade de estudar o ambiente reconstruído pós segunda guerra mundial. Durante as décadas de 1960 (STOKOLS, 1995) e 1970 amadureceu como disciplina (MELO, 1991). É uma ciência de caráter interdisciplinar (PINHEIRO, 2003) e multidisciplinar (MELO, 1991) que estuda as interrelações ou interações entre pessoa e ambiente social e físico (STOKOLS, 1995; MOSER, 1998; PINHEIRO, 2001; MOSER, 2003). Seu objetivo é analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado pelo mesmo. Segundo Campos-De-Carvalho, Cavalcante e Nóbrega (2011), visa estudar as inter-relações entre a pessoa e o ambiente, relacionados de forma intrínseca e que se influenciam reciprocamente de modo contínuo.

Necessária à sua existência, a interação humana com o ambiente acontece de forma diferenciada em relação aos demais seres vivos. O humano não só responde aos estímulos do meio, mas também gera estímulos. Neste processo, as modificações no seu modo de vida aliado ao crescente avanço tecnológico promove crescentes alterações ambientais. Estas, em microescala, resultam na residência, local construído e mantido primordialmente para abrigo e proteção.

Um dos resultados desta interação é o afeto que acontece quando cria-se uma proximidade relativa ao homem e o ambiente. É resultado do estabelecimento de relações entre a pessoa e o ambiente, que podem gerar vínculos (DINIZ; KOLLER, 2010), motivados por sentimentos e emoções (SAWAIA, 1999) em relação ao ambiente físico, resultantes de cognições positivas, que ocorrem pela satisfação das necessidades ou pela familiaridade, ou ainda, pelo significado atribuído ao lugar (Giuliani, 2004). O afeto, apego ou vínculo ao lugar, também é conhecido como placeattachment (ELALI; MEDEIROS, 2011). No caso de uma moradia, este processo acontece no cotidiano e vai aos poucos construindo uma história de interações, que, segundo Moser (1998), cria uma identidade entre o indivíduo e a residência.

Vários estudos sobre as relações pessoa-ambiente foram realizados sob diferentes perspectivas, em diferentes regiões do globo, com referência ao apego ao lugar ou teoria do apego, Hidalgo e Hernández (2001) e Moranta e Urrútia (2006) na Espanha; que tratam da relação pessoa-ambiente e placeattachment nos Estados Unidos (STOKOLS, 1995; RIVLIN, 2003; FARNUM et al., 2005; BROCATTO, 2006; EYLES; WILLIAMS, 2008; DARVICK, 2009; LOKOCZ et al., 2011), no Reino Unido com “sense of place” e relação pessoa-ambiente (TURNER; TURNER, 2006; MILBURN, 2008; GIFFORD et al., 2011; CONVERY et al., 2012), na Itália com Giuliani (2005), na Nova Zelândia com Sampson e Goodrich (2009), em Portugal com Medeiros (2013), e na Venezuela com Wiesenfeld (2005). No

Brasil, Rabinovich e Bastos (2007), Holzer (1997), Pinheiro (1997), Fonseca (2001), Rivlin (2003), Souza (2006), Mourão e Cavalcante (2006), Carlos (2007), Pontes et al. (2007), Lima e Bomfim (2009), Diniz e Koller (2010), Nunes (2010), Ramires e Schneider (2010), Gomes e Melchiori (2012) e Felipe e Kuhnen (2012) realizaram pesquisas na área do apego.

A criação de vínculo ou apego ao lugar, que é denominada de topofilia por Tuan (1980), é definida como a relação afetiva ou os laços emocionais que as pessoas têm com os lugares onde vivem (FRIED, 1963; TUAN, 1980; HUMMON, 1992; FRIED, 2000; HIDALGO; HERNÁNDEZ, 2001; GIULIANI, 2002). Estes podem ser laços afetivos, sentimentos de satisfação, segurança e bem estar, resultantes de cognições positivas (GIULIANI, 2004) que se tornam um importante componente na constituição da pessoa, contribuindo para seu desenvolvimento e manutenção, bem como para a compreensão das relações emocionais que são estabelecidas entre a pessoa e o ambiente (MAZUMDAR; MAZUMDAR, 1999). Os “modelos de apego” que desenvolvemos em nossa vida integram-se em nossa personalidade e determinam expectativas frente aquilo que gera tal sentimento (ABREU, 2005). A existência de uma relação com o lugar caracteriza fundamentalmente a existência humana, porque é variada e extensa, sendo fruto de experiências subjetivas e significados daqueles que o habitam (BOTT et al., 2003).

Para avaliar a satisfação pessoal com relação ao ambiente faz-se necessário conhecer o que representa o ambiente para a vida do seu usuário (MELO, 1991). Rapoport (1982) sugere que o ambiente está cheio de significações que surgem a partir das experiências de vida dos indivíduos e de suas intenções para com o ambiente em questão, que se tornam cada vez mais intensas na medida em que haja identificação com afiliações passadas (FRIED, 2000).

Nessa perspectiva, os quintais emergem como espaços no entorno das residências, de fácil acesso e cômodos para os moradores cultivarem uma diversidade de espécies que desempenham funções de estética, lazer, alimentação e medicinal, dentre outras (CARNIELLO et al., 2010), combinando de forma multiestratificada árvores, culturas perenes e (bi)anuais, às vezes associadas a animais domésticos (BERETA, 2010). O quintal em uma residência consiste no espaço que o humano configura para manter vínculos com seus familiares e com a natureza. O processo de urbanização, crescente nos centros urbanos, aliado à necessidade de maximizar o uso das residências com o aproveitamento total do lote, implica na diminuição ou extinção das áreas abertas da residência, incluindo o quintal.

Dessa forma, este artigo se propõe a analisar os fatores que contribuem para a vinculação afetiva do mantenedor com o espaço do quintal, quando este passa significado

para o seu mantenedor considerando o que representa este microespaço, sua configuração, organização e sentimentos gerados.

Metodologia

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (BRASIL, 2010) existem em Teresina 222.154 casas, das quais 210.093 são residências urbanas e 12.061 são rurais. Incluem-se nesta pesquisa as residências urbanas que tenham espaços circunvizinhos próprios, os quintais, e demais áreas adjacentes, e excluem-se aquelas que não apresentarem tal característica, bem como casas de condomínios fechados e/ou verticais. A amostragem estatística foi definida com erro amostral de 10% e nível de confiança de 90%. A amostra fora extraída a partir do universo de residências, 222.154, totalizando 68 quintais urbanos. A zona urbana foi amostrada de forma aleatória e em frações iguais, correspondentes às zonas pertencentes a cada Superintendência de Desenvolvimento Urbano de Teresina (SDU - Centro/Norte, Leste, Sudeste e Sul).

Para a coleta de dados foram utilizados instrumentos como a entrevista semiestruturada (BERNARD, 1988), contendo questionamentos acerca da condição socioeconômica do mantenedor do quintal, bem como do seu histórico de vinculação afetiva a outros ambientes com menor grau de artificialização e a importância simbólica e afetiva destes espaços. A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e foi aprovada segundo o nº CAAE 20529114.1.0000.5214. Para compreensão do apego ao lugar do mantenedor do quintal com este espaço, foram realizadas perguntas relativas à teoria do apego (GIULIANI, 2004) e local de fixação (FRIED, 1963, 2000; GIULIANI, 2002), focando na análise do microsistema (BRONFENBRENNER, 1977) aqui considerado, o quintal. Com o intuito de quantificar opiniões em escala, partindo do neutro ao crescente de aprovação ou desaprovação, utilizou-se a escala Likert. Foram avaliadas categorias como impressões, memória e agradabilidade para entender como o afeto entre o mantenedor e o quintal é construído; qual a importância do espaço e o papel dele na residência e, assim, no bairro e cidade.

Foram entrevistados, com auxílio de formulários padronizados, 68 mantenedores de quintais urbanos na cidade de Teresina (PI-Brasil), onde se levantou dados sobre a condição socioeconômica do mantenedor do quintal, bem como profissão, renda, tempo de moradia na residência, tempo disponível para manejo do quintal, características físicas do

quintal como tamanho, disposição das estruturas, com foco nas plantas cultivadas. Foram ainda questionados sobre o histórico de vinculação a outros ambientes no passado que remetessem à condição semelhante à do quintal, um espaço de estreitamento das relações com o natural, e os sentimentos e importância que o quintal gerava em seu mantenedor. Utilizou-se a técnica da turnê-guiada (BERNARD, 1988), que consiste em percorrer o local e perceber e descrever a estrutura, incluindo sensações e sentimentos gerados pelo quintal.

Como forma de verificar quais fatores influenciariam na configuração dos quintais, o índice de correlação de Pearson (r) foi calculado para estado civil, quantidade de filhos e horas de trabalho diário, a fim de estabelecer relação de influência destes sobre o tempo dispensado ao manejo do quintal.

As informações coletadas foram agregadas em banco de dados numa planilha eletrônica. Os dados foram analisados à luz das teorias que tentam explicar o vínculo com o quintal e quantificados a fim de estabelecer parâmetros e relações entre as variáveis.

Resultados e Discussão

Os quintais das residências estudadas podem ser classificados como microssistemas (BOWLBY, 1969), um ambiente em que se estabelecem relações diretas face a face (DINIZ; KOLLER, 2010), numa construção histórica e diária. Nessa perspectiva, nas residências pesquisadas foram entrevistados um total de 79% dos mantenedores do gênero feminino e 21% do gênero masculino, demonstrando que o cuidado com o quintal é uma função preferencial da mulher, situação também referenciada por diversos autores (OAKLEY, 2004; NOVAIS et al., 2011; TROTTA et al., 2012; ALMEIDA et al., 2014).

A distribuição etária dos mantenedores apresentou-se composta por 12% de jovens, 72% de adultos e 16% de idosos (considerando jovens com idades maiores ou iguais de 18 anos e menores de 29 anos; adultos com idades maiores ou iguais a 30 anos e menores que 59 anos; e idosos com idades maiores ou iguais a 60 anos) caracterizando uma concentração de mantenedores na faixa adulta. Destes, 69% são casados, 12% são solteiros, 9% são divorciados, 7% são viúvos e 3% estão sob o regime de união estável. A maioria dos mantenedores, portanto, é do gênero feminino, adulta e casada (79,4%), fatores que influenciam nas características apresentadas pelos quintais.

Aqueles que não tiveram nenhum filho compuseram 7% do total; aqueles com 1 ou 2 filhos, 53%; aqueles com 3 ou 4 filhos, 32%; aqueles com 5 ou 6 filhos, 5%; e com 7 ou

8 filhos somaram 3%. A prole composta por de 3 a 6 filhos foi a mais frequente somando 55%.

Com relação à jornada de trabalho formal, os entrevistados relataram que trabalham até seis horas diárias, somaram 2,9%; até sete horas diárias, 1,5%; até oito horas diárias, 60,3%; até dez horas diárias, 2,9%; até doze horas diárias, 1,5%; e apenas 1,5% afirmou cumprir escala de trabalho de 24h/72h. Enquanto que aqueles que afirmaram que não tem trabalho formal somaram 29,4%, compondo-se por aposentados ou donas de casa. A necessidade do trabalho fora da residência relega o trato ao quintal a poucos momentos na rotina diária, o que influencia no seu manejo e configuração.

Os quintais são um dos espaços da casa, que numa perspectiva histórico-social, transformam-se em lugares, presentes nas residências como sendo o ambiente imediato da pessoa (BRONFENBRENNER, 1996), resultado de interação diária e afeto ao lugar. Considerando a variável disponibilidade de tempo ao manejo, este apresentou uma concentração entre 30 e 60 min. de manejo. Para até 10 min. (2,9%), 15 min. (1,5%), 20 min. (17,6%), 30 min. (27,9%), 40 min. (11,8%), 60 min. (26,5%), 90 min. (1,5%) e 120 min. (10,3%). Este fator varia conforme o tamanho do quintal e a quantidade de organismos animais ou vegetais que são cultivados, bem como da necessidade de cada mantenedor.

No que tange tal ambiente como de socialização familiar, em que a pessoa em desenvolvimento vive experiências pessoais diretas, a exemplo da residência da família, escola, emprego, grupo de amigos etc. (DINIZ; KOLLER, 2010), são onde operam processos proximais para produzir e sustentar o desenvolvimento humano. Tais aspectos são importantes na análise da disponibilidade de tempo ao manejo do quintal, uma vez que a manutenção de uma relação afetiva estável favorece a um maior cuidado com a residência, enquanto que quanto maior é a quantidade de atividades a serem realizadas diariamente, como cuidado com os filhos e trabalho, menor é o tempo disponível para outras atividades, incluindo o manejo do quintal.

O índice de correlação de Pearson foi então calculado para verificar se as variáveis estado civil, quantidade de filhos e horas de trabalho diário tinham influência sobre o tempo dispensado ao manejo do quintal. Para a quantidade de filhos ($r = 0,239$), evidenciou leve correlação positiva, ou seja, quanto maior a quantidade de filhos, mesmo que muito discretamente também aumenta o tempo para o manejo do quintal. Este fato relaciona-se com a necessidade que a mãe sente em promover um ambiente saudável aos seus filhos, sobretudo no local preferido para brincadeiras e passatempos, como o quintal. A variável horas de trabalho diário apresentou $r = -0,354$, uma correlação leve e negativa que indica que quanto

maior é a carga horária de trabalho diário, também discretamente é menor o tempo dispensado ao manejo do quintal. No que tange ao estado civil, o valor $r = 0,995$, evidencia uma forte correlação positiva, permitindo inferir que um maior número de mantenedores casados tende a ser também aqueles que disponibilizam maior tempo para o manejo dos quintais.

Quanto ao uso principal que o mantenedor faz do quintal, foram citados sete usos, que seguem: lavagem de roupas (57,4%), lazer (22%), descanso (7,4%), criar galinhas (4,4%), criar cachorro (2,9%), cultivar vegetais e reunir a família (1,5% cada), além de 2,9% que mantém o espaço mesmo que não o utilize. De acordo com Moser e Uzzell (2003), o ambiente não é neutro, nem um espaço livre de valor; ele é confinado pela cultura. Dessa forma, a reprodução dos usos no quintal está intrinsecamente relacionada à transmissão constante de significados e mensagens, que acontece na tradição oral e na vida cotidiana.

A sustentabilidade é a busca pela melhoria das condições de vida sem comprometer os recursos utilizados para tal (MIKHAILOVA, 2004). Assim, dada a importância ecológica dos quintais para o espaço urbano e a sua finitude enquanto locus fragmentado do verde urbano, foi perguntado o quanto o mantenedor conhecia sobre sustentabilidade ecológica e ambiental. Com uso da escala likert, pode-se mensurar que 4,4% se mostraram indiferentes ao que seja sustentabilidade, enquanto que 51,5% afirmaram desconhecer, enquanto que 44,1% afirmaram conhecer o tema. Vários conceitos ou associações foram levantados sobre sustentabilidade, entre eles: o equilíbrio ecológico (8,8%), a preservação da flora e fauna (2,9%); as plantas, a arborização e o calor somaram 4,5% (1,5% cada), o que evidencia concepções compartimentadas, míopes e dicotomizadas de meio ambiente, natureza e da questão ambiental, ainda vistos somente sob o enfoque preservacionista da biota frente ao humano agressor.

Com relação aos problemas ambientais da cidade, a nível de mesossistema ou mesmo globossistema (BRONFENBRENNER, 1994), o lixo urbano foi citado como maior problema com 47%, o calor com 30,9%, a poluição dos rios 14,7%, o desmatamento com 2,9%, e a falta de arborização e de segurança com 1,5% cada; Aqueles que afirmaram não saber quais eram os problemas ambientais da cidade somaram 1,5%. Ainda nessa escala, 82% afirmou gostar muito do bairro onde mora e 18% gostar pouco, que caracteriza um consenso sobre a aprovação do bairro de residência.

Segundo Bonaiuto et al. (1999) a satisfação com a residência está associada com o apego ao espaço. Stern e Dietz (1994) enfatizam que a orientação de valores pode afetar as crenças e atitudes dos indivíduos e, conseqüentemente, o seu comportamento. A satisfação com a casa reflete o grau de afetividade com a residência e mostrou valores correspondentes a

1,5% indiferentes, 1,5% pouco satisfeitos e 97% para muito satisfeitos. Tal dado reitera o apego ao bairro e a casa onde residem.

A casa é adaptada às necessidades do seu morador na qual ele insere objetos e estruturas que julga ser o melhor para si. O quintal também está sujeito a modificações na mesma escala que, no gradiente temporal, transformam-no em lugar (HOLZER, 1997). Corroborando o que diz Ferreira (2006) sobre a afetividade, que seja importante como um instrumento de investigação da realidade que permite entender a relação entre o homem e o meio sociofísico. De acordo com Gonçalves (2007), quando o sujeito se apropria do espaço, ele o habita; e a não apropriação consiste simplesmente em morar nesse espaço. Quando se habita, atribui-se significado ao lugar, deixando sua marca, suas modificações, suas adaptações. Assim, a casa só é um lar quando se reveste de aspectos humanos (VASCONCELOS, 1996). Mais um aspecto relevante foi que o quintal fora considerado como importante na residência por 100% dos entrevistados, que justificaram como sendo uma área importante para descanso (19%), lazer (22%) e por dar sensação de liberdade (21%).

De acordo com Galinha e Pais Ribeiro (2005) o bem-estar é um conceito que integra uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva e está relacionado ao que a residência traz ao seu morador. Aquilo que conscientemente ele considera bom e que gera afeto positivo, é que cria o estado de bem-estar. Nessa perspectiva, foi questionado se os mantenedores sentiam-se bem nas áreas abertas da residência, e 96% assinalaram como muito bem e 4% como bem. O quintal é tido como importante (12%) e muito importante (82%).

Corroborando a importância dos quintais para seus mantenedores, fica evidenciado na fala de alguns. É latente a importância em muitos casos pelo uso que o espaço oferece ou pela mera existência do espaço.

- *O quintal é muito importante! É onde passo mais tempo. Lavo minhas roupas. [risos] (D. Marinalva, 41 anos);*
- *É onde eu planto minhas plantinhas... passo meu tempo. (D. Socorro, 45 anos);*
- *Meus netos vêm aqui... ficam correndo e brincando... eu acho muito bom! (D. Teresinha, 49 anos);*
- *Lembro da casa dos meus pais. A gente ficava brincando. É bom ter um lugar pra não ficar o tempo todo dentro de casa. (D. Diomar, 49 anos);*
- *Gosto demais [do quintal]! Tem sombra das árvores e dá pra amenizar esse calor! (Sr. José, 50 anos).*

O apego pode ter bases cognitivas, relativas às qualidades do lugar, que refletem o atendimento das demandas individuais e afetivas (GIULIANI, 2004). Caracteriza o apego ou vínculo afetivo (ALENCAR; FREIRE, 2007) um sentimento em relação ao ambiente (RABINOVICH, BASTOS, 2007).

A idade do quintal remete ao tempo de moradia do mantenedor. Neste caso, o tempo de moradia variou de 2 a 48 anos, a grande maioria (83,8%) distribuída em quintais até 10 anos (51,4%) e até 20 anos (32,4%). Entre 21 e 50 anos somaram 16,2%. Para Moser (1998), a noção de história é importante para explicar como indivíduo constrói uma identidade residencial, com bases na história residencial, que vai influenciar a sua percepção e a sua avaliação da sua residência atual.

As experiências vivenciadas e acumuladas fazem parte da história de vida de cada um. Assim, questionou-se sobre alguma ligação ou vínculo com o meio rural, e uma possível relação com a forma como o quintal é manejado. Como resposta, 71% afirmaram ter tido tal ligação enquanto que 29% afirmaram não ter tido. Assim como a lavoura, o quintal e o jardim também são espaços que se constituem no preparo da terra, sendo que os trabalhos manuais proporcionam a criatividade (PAZINI, JERÔNIMO, 2009).

Segundo Mourão e Cavalcante (2006), numa perspectiva da Psicologia Ambiental, a ação humana sobre o meio o modifica e neste processo vai deixando sua marca e sendo reciprocamente marcado por ele. Dessa forma, poderia o quintal ter gerado algum sentimento em forma de memória cognitiva em seu mantenedor? O mesmo autor destaca que, as transformações humanas sobre o meio são resultantes de necessidades subjetivas, de emoções, de expectativas, as vivências que contam parte da história pessoal do sujeito. Configuram-se como atos cognitivos e de investimento emocional, quando o agir e sentir encontram-se em sintonia (MOURÃO; CAVALCANTE, 2006). Foram registrados sentimentos bons (41%) e muito bons (59%), indicando o afeto positivo sentido pelo mantenedor em relação ao quintal. Isso está relacionado com os sentimentos que o quintal gera no mantenedor que sempre realiza as mesmas atividades de manejo, resultando em ações de caráter cíclico (RIVLIN, 2003).

Em 87% dos casos o quintal faz lembrar da infância enquanto para 13% não traz semelhantes recordações. Para Diniz e Koller (2010), o afeto traduz-se pela capacidade de o ser humano estabelecer relações e criar vínculos. A lembranças podem estar ligadas a qualidades específicas do ambiente, que pode gerar imagens do passado, do presente ou do futuro, tanto agradáveis como nem tanto, estando o ambiente em constante mudança, o que exige atenção permanente das pessoas (RIVLIN, 2003). De acordo com Altman e Low (1992)

os elementos simbólicos gerados pelos sentimentos humanos acerca dos quintais, se tornam componentes das conexões das pessoas com estes espaços, e do seu apego aos mesmos, evocados por sentimentos positivos ou negativos. Evidencia, portanto, uma vivência urbanita entretanto ligada às raízes do campo, reflexo do processo de migração campo-cidade que permite em alguns casos a reprodução do espaço do quintal com elementos e configurações de afeto positivo guardados na memória e externados no manejo e trato dos quintais.

Em perspectiva futura, considerando o processo crescente de verticalização urbana, que em Teresina, priorizou edifícios habitacionais, acelerado a partir de 1990 e intensificado na década de 2000 (VIANA, 2005), a forte tendência da criação de estacionamentos na zona central e a política de maximizar a ocupação do espaço com lotes residenciais cada vez menores, criando adensamento populacional e valorizando o espaço urbano, ou mesmo a necessidade da família em aumentar a casa (MOURA et al., 2011) fazem com que os quintais sejam relegados a segundo plano. Espaços que contribuem com diversos ativos ecológicos na cidade, como aumento da evapotranspiração, sombreamento (MOURA, VALENTINI; MOREIRA; COELHO, 2011) e diminuição da temperatura, e cujo dossel cria corredores ecológicos urbanos, lares de diversas espécies de insetos, aves e lagartos, contribuindo ainda com espécies frutíferas que correspondem a uma fonte suplementar de alimentos da família, além de espaços de conservação da biodiversidade (GUARIM NETO; AMARAL, 2010), os quintais paulatinamente perdem espaço e se perdem em meio ao crescimento urbano. Em novas edificações, o quintal é substituído por canteiros em espaços coletivos ou em janelas e sacadas, como no processo de verticalização.

Conclusão

Os quintais são espaços que ao longo do tempo se constituem em lugares, reflexo do cuidado ou manejo. O humano, ao manejar o quintal, impõem ao espaço suas impressões, sentimentos, necessidades e vontades, que vão adequando o lugar àquilo que corresponde às suas expectativas. O quintal é importante para os mantenedores que neles investem sentimentos construídos pela associação e apropriação do espaço com sentimentos positivos. Com o passar dos anos, devido à crescente urbanização, os quintais tendem a diminuir de tamanho ou até mesmo deixar de existir, reflexo de mudanças nas necessidades dos moradores e do adensamento populacional. No quintal, o apego positivo acontece em escala cronossistêmica, resultado do processo interativo e histórico do mantenedor com o espaço. Os quintais urbanos são importantes para as pessoas, para as residências, e para as cidades, na

medida em que permitem a humanização do espaço mesmo diante da impessoalidade tradicional urbana.

Referências

ABREU, C.N. **Teoria do Apego**: Fundamentos, pesquisas e implicações clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 238p.

ALENCAR, H.F.; FREIRE, J.C. O lugar da alteridade na Psicologia Ambiental. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 305-328, 2007.

ALMEIDA, S.E.; PASA, M.C.; GUARIM, V.L.M.S. Uso da Biodiversidade em Quintais de Comunidades Tradicionais da Baía de Charcorore, Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 13, p. 141-155, 2014.

ALTMAN, I.; LOW, S.M. **Place attachment**. Nova York: Plenum, 1992. 336p.

BERETA, M.E. **Flora dos quintais agroflorestais de Ibiraquera, Imbituba, SC**: Expressões ambientais e culturais. (Mestrado em Agroecossistemas). Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. 85 fls.

BERNARD, H.R. **Research methods in cultural Anthropology**. USA: SAGE Publication, 1988. 520p.

BONAIUTO, M. et al. Multidimensional perception of residential environment quality and neighbourhood attachment in the urban environment. **Journal of Environmental Psychology**, v. 19, p. 331-352, 1999.

BOTT, S.; CANTRILL, J.G.; MYERS, O.E.J. Place and the Promise of Conservation Psychology. **Human Ecology Review**, v. 10, n. 2, p. 100-112, 2003.

BOWLBY, J. **Attachment and Loss**: Vol. 1 Attachment. New York: Basic Books, 1969. 326p.

BRAGA, C.; MORELLI, G.; LAGES, V.N. **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília: Relume Dumará, 2004. 350p.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios – PNAD 2010**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br/catálogos/indicadores>. Acesso em: abr. 2014.

BROCATTO, E.D. Place **Attachment**: an investigation of environments and outcomes in a service context. dissertation (Ph.D.). Faculty of the Graduate School, University of Texas, Arlington. 2006. 138 fls.

BRONFENBRENNER, U. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, n. 32, p. 513-533, 1977.

_____. **Ecological models of human development**. International Encyclopedia of Education.v.3, Oxford: Elsevier, 1994.

_____. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L.M.A. Ambiente. IN: CAVALCANTE, S. e ELALI, G. A. (Ed.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2011. 320p.

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 85p.

CARNIELLO, M.A. et al. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.

CONVERY, I.; CORSANE, G.; DAVIS, P. **Making sense of place**: Multidisciplinary perspectives. Boydell Press, 2012. 334p.

DARVICK, D. **A sense of place**. Good Housekeeping, v. 248, n. 5, p. 165-184, 2009.

DINIZ, E.; KOLLER, S.H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educar**, n. 36, p. 65-76, 2010.

ELALI, G.A.; MEDEIROS, S.T. Apego ao lugar. IN: CAVALCANTE, S. e ELALI, G. A. (Ed.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. 320p.

EYLES, J.; WILLIAMS, A. **Sense of Place, Health and Quality of Life**. Aldershot: Ashgate, 2008. 221p.

FARNUM, J.; HALL, T.; KRUGER, L.E. **Sense of Place In Natural Resource Recreation and Tourism: An Evaluation and Assessment of Research Findings**. General Technical Report. 2005. 66p.

FELIPPE, M.L.; KUHNEN, A. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estudos de Psicologia**, v. 29, n. 4, p. 609-617, 2012.

FERREIRA, K.P.M. **Ficar ou Partir? Afetividade de migração de jovens do semi-árido cearense**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2006. 177fls.

FONSECA, A.A.M. A emergência do lugar no contexto da globalização. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, ano III, n. 5, p. 1-17, 2001.

FRIED, M. Grieving for a lost home. IN: DUHL, L. J. (Ed.). **The urban condition**. New York: Basic Books, 1963. 447p.

_____. Continuities and discontinuities of place. **Journal of Environmental Psychology**, v. 20, p. 193-205, 2000.

GALINHA, I.; PAIS RIBEIRO, J.L. História e Evolução do Conceito de Bem-Estar Subjectivo. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 6, n. 2, p. 203-214, 2005.

GIFFORD, R.; STEG, L.; RESER, J.P. **The IAAP Handbook of Applied Psychology: Environmental Psychology**. London: Blackwell Publishing, 2011. 832p.

GIULIANI, M.V. Theory of attachment and place attachment. IN: BONNES, M., et al (Ed.). **Psychological theories for environmental issues**. Ashgate: Aldershot, 2002. 294p.

_____. O lugar do apego nas relações pessoas ambiente. IN: TASSARA, E.T.O., et al (Ed.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC., 2004. 408p.

_____. Proposta de resposta a partir da comparação entre "Environment and Behavior" e "Journal of Environmental Psychology". **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 89-102, 2005.

GOMES, A.A.; MELCHIORI, L.E. **A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 396p.

GONÇALVES, T.M. **Cidade e poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Unijui, 2007. 204p.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n. 29, p. 191-212, 2010.

HIDALGO, M.C.; HERNÁNDEZ, B. Place Attachment: Conceptual and Empirical Questions. **Journal of Environmental Psychology**, v. 21, n. 3, p. 273-281, 2001.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, n. 3, ano II, p. 77-85, 1997.

HUMMON, D.M. Community Attachment. Local Sentiment and Sense of Place. IN: ALTMAN, I. e LOW, S. M. (Ed.). **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992. 336p.

LEITE, E. História, espaço e religião. **Espaço e cultura**, v. 32, p. 6-12, 2012.

LIMA, D.M.A.; BOMFIM, Z.A.C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, v. 40, n. 4, p. 491-497, 2009.

LOKOCZ, E.; RYAN, R.L.; SADLER, A.J. Motivations for land protection and stewardship: Exploring place attachment and rural landscape character in Massachusetts. **Landscape and Urban Planning**, v. 99, n. 2, p. 65-76, 2011.

MAZUMDAR, S.; MAZUMDAR, S. Women's significant spaces: Religion, space and community. **Journal of Environmental Psychology**, v. 19, p. 159-170, 1999.

MEDEIROS, C.M.F.B. **Identidade de Lugar e Relações Intergrupais: Estudo da Ecologia das Freguesias Urbanas e Suburbanas de Pontadelgada**. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2013. 143 fls.

MELO, R.G.C. Psicologia Ambiental: Uma nova abordagem da Psicologia. **Psicologia-USP**, v. 2, n. 1/2, p. 85-103, 1991.

MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: Evolução dos Conceitos Teóricos e os Problemas da Mensuração Prática. **Economia e Desenvolvimento**, n. 16, p. 22-41, 2004.

MILBURN, C. **Sense of place and sense of planet**: The environmental imagination of the global. Oxford: Oxford University Press, 2008. 260p.

MORANTA, T.V.; URRÚTIA, E.P. La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. **Anuario de Psicología**, v. 36, n. 3, p. 281-297, 2006.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998.

_____. Examinando a congruência pessoa-ambiente: o principal desafio para a Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 331-333, 2003.

MOSER, G.; UZZELL, D. Environmental Psychology. In: MILLON, T.; LERNER, M.J. **Comprehensive Handbook of Psychology**. 5ed., Nova York: Wiley, 2003. 445p.

MOURA, J.M. et al. Perfil Florístico de Quintais de dois bairros de Cuiabá. **UNICIÊNCIAS**, v. 15, n. 1, p. 285-312, 2011.

MOURÃO, A.R.T.; CAVALCANTE, S. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 143 - 151, 2006.

NOVAIS, A.M. et al. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. **Revista Biodiversidade**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2011.

NUNES, C.R. **Lagoas do Norte - PI: satisfação residencial e significados do assentamento**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2010. 150fls.

OAKLEY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 90-105, 2004.

PAZINI, G.; JERÔNIMO, R.N.T. Da expropriação do espaço familiar à busca da apropriação do espaço asilar no enfoque da psicologia ambiental. **Gaia Scientia**, v. 3, n. 2, p. 13-22, 2009.

PINHEIRO, J.Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 377-398, 1997.

_____. (um pouco da) Psicologia ambiental no Brasil: identidade, incertezas, perspectivas. IN: TASSARA, E. T. O. (Ed.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2001. 268p.

_____. Psicologia Ambiental: espaços construídos, problemas ambientais, sustentabilidade. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 209-213, 2003.

PONTES, F.A.R. et al. Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. **Aletheia**, n. 26, p. 67-79, 2007.

RABINOVICH, E.P.; BASTOS, A.C.S. Famílias e projetos sociais: analisando essa relação no caso de um quilombo em São Paulo. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 3-11, 2007.

RAMIRES, V.R.R.; SCHNEIDER, M.S. Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 25-33, 2010.

RAPOPORT, A. **The meaning of the built environment**. Beverlly Hills, CA: Sage, 1982. 253p.

RIVLIN, L.G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as interrelações pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 8, p. 215-220, 2003.

SAMPSON, K.A.; GOODRICH, C.G. Making Place: Identity Construction and Community Formation through "Sense of Place" in Westland, New Zealand. **Society & Natural Resources**, v. 22, n. 10, p. 901-915, 2009.

SAWAIA, B.B. O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. IN: SAWAIA, B. B. (Ed.). **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 160p.

SOUZA, L.S.M. Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 203-205, 2006.

STOKOLS, D. The paradox of environmental psychology. **American Psychologist**, v. 50, p. 821-837, 1995.

TROTTA, J. et al. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais (online)**, v. 14, n. 3, p. 17-34, 2012.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 342p.

TURNER, P.; TURNER, S. **Place, sense of place, and presence**. Massachusetts: MIT, v.15, n.2, p. 204-217, 2006.

VIANA, B.A.S. O Sentido da Cidade: Entre a evolução urbana e o processo de verticalização. **Carta Cepro**, v. 23, n. 1, 2005.

WIESENFELD, E. A Psicologia Ambiental e as Diversas Realidades Humanas. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 53-69, 2005.

4 CONCLUSÃO GERAL

Com o estudo fica evidente a grande variedade botânica e estrutural dos quintais urbanos em Teresina. Embora esperada pela possibilidade de serem diretamente proporcionais, não existe relação entre a área disponível no quintal e a diversidade de espécies cultivadas. O quintal é espaço utilizado para cuidados da casa, como lavar roupas, descansar, lazer e reunir a família. A mulher é o sujeito responsável pelo manejo e cuidados com o quintal. Plantas ornamentais se destacaram em número e variedade, reflexo do tipo de quintais pesquisados. Todavia, há cultivo de alimentícias e medicinais e números expressivos. Os quintais enquanto lugares, traduzem o cuidado ou manejo humano e a reciprocidade de transformações, tanto no ambiente físico que se torna mais e mais próximo e familiar ao mantenedor, quanto no próprio sujeito. Este, ao manejar o quintal, transforma o espaço segundo suas impressões, sentimentos e vontades, que vão adequando o lugar às suas exigências. O apego acontece em escala cronossistêmica, resultado do processo interativo e histórico do humano com o espaço. O quintal é importante para os mantenedores que neles investem sentimentos positivos construídos pela associação e apropriação do espaço com sentimentos positivos. Em perspectiva futura, há que se considerar três aspectos básicos: o modo de vida das sociedades urbanas, a urbanização com o conseqüente aumento do uso do lote e a verticalização. Assim, os quintais tendem a serem gradativamente eliminados das zonas mais centrais das cidades. Sua área também tende a diminuir na medida em que o lote é utilizado para aumento da casa. O processo de verticalização oferece moradias sem quintal. Prático, moderno e seguro o apartamento diminui de tamanho enquanto aumenta sua procura. A biodiversidade útil cultivada e mantida nos quintais tende a diminuir, seja pela falta de espaço, seja pela ausência da figura do mantenedor, que quanto mais novo, também evidencia menor vínculo com o conhecimento e práticas de cultivo nos quintais.

APÊNDICE

Apêndice A - Formulário de Entrevistas Semiestruturada

IDENTIFICAÇÃO DO MANTENEDOR					
Entrevista Nº:		Data da Entrevista:	/	/	
Nome do Mantenedor:					
Idade:	ANOS	Estado Civil:	<input type="checkbox"/> O Solteiro <input type="checkbox"/> O Casado <input type="checkbox"/> O Divorciado <input type="checkbox"/> O Viúvo		
Quantidade de filhos:		Escolaridade	<input type="checkbox"/> AN	<input type="checkbox"/> EF	<input type="checkbox"/> EM
		Formal:	<input type="checkbox"/> ESI	<input type="checkbox"/> ESC	<input type="checkbox"/> PG
Endereço:					
DADOS SOCIOECONÔMICO-CULTURAIS					
MANTENEDOR DO QUINTAL					
Profissão:		Renda mensal (R\$):			
Atividade secundária:		Renda secundária (R\$):			
Horas de trabalho (dia):		Horas no trato do quintal (dia):			
CARACTERÍSTICAS DO QUINTAL					
Uso Principal:	<input type="checkbox"/> O Plantio <input type="checkbox"/> O Lazer <input type="checkbox"/> O Cultura <input type="checkbox"/> O Criação de animais <input type="checkbox"/> O Descanso <input type="checkbox"/> O Outros _____				
	Outros usos:				
Tamanho (L x C) m ² :					
Tipos de Cerca/Muro:					
Entorno do quintal:					
Solo impermeabilizado?	<input type="checkbox"/> O Frente/Jardim <input type="checkbox"/> O Laterais <input type="checkbox"/> O Fundos/quintal				
O Quintal é organizado?	<input type="checkbox"/> O Sim	<input type="checkbox"/> O Não	Área (m ²):	<input type="checkbox"/> O 100%	<input type="checkbox"/> O
Leiaute do quintal:					
APEGO AO LUGAR					
Você conhece algo sobre sustentabilidade ecológica e ambiental?					
<input type="checkbox"/> O sim, pouco	<input type="checkbox"/> O sim, muito	<input type="checkbox"/> O indiferente	<input type="checkbox"/> O não, pouco	<input type="checkbox"/> O não, muito	
Durante a sua infância, você teve alguma ligação com o meio rural?					

O que você considera como maior problema ambiental de Teresina?				
Mora há quanto tempo na residência?		Sente-se bem ao ter ou estar em áreas abertas na sua casa?		
Anos e meses	O sim, pouco	O sim, muito	O indiferente	O não, pouco O não, muito
Você gosta da sua casa?				
O sim, pouco	O sim, muito	O indiferente	O não, pouco	O não, muito
Você gosta do seu bairro?				
O sim, pouco	O sim, muito	O indiferente	O não, pouco	O não, muito
Você acha o quintal uma área importante na casa?				
O sim	O não	Por que?		
Qual a importância do quintal para você?				
O nenhuma	O pouco importante	O importante	O muito importante	
Qual sentimento o quintal gera em você?				
O muito ruim	O ruim	O indiferente	O bom	O muito bom
Quando pensa no quintal você tem lembranças...				
O muito ruins	O ruins	O nem boas/nem ruins	O boas	O muito boas
O quintal te faz lembrar de algo da sua infância? Qual?			O quintal te faz lembrar de algo do campo/interior? O que?	
O sim			O sim	
O não			O não	
DISTRIBUIÇÃO DAS PLANTAS				
Disposição das plantas:	Estratos:	O Herbáceas O Subarbustivas O Arbustivas O Arbóreas O Trepadeiras O "Misturadas"		
	Distribuição horizontal:	O Sim O Não	Tipo:	
	Distribuição Vertical:	O Sim O Não	Tipo:	
	Locais no quintal onde correm:	O prox. ao muro O em vasos O outros _____ O em canteiros O direto no solo		
	Separa plantas por uso?	O Sim O Não		
	Usos:	O Medicinal O Alimentício O Místico-religioso O Madeireiro O Ornamental O Cosmético O Artesanal O Outro		
Origem das Plantas:		O Permuta com vizinhos O Horta O Compra O Outros		

SANEAMENTO			
Destino do lixo:		O Enterra O Deixa a céu aberto O Coleta Pública O Queima O Outros	
Abastecimento de água:		O Encanada O Poço O Rio O Outros	
Energia elétrica:	O Sim O Não	Fossa séptica:	O Sim O Não
MORADIA			
Cobertura da casa:		O Telha O Palha O Outros	
Paredes:		O Taipa O Tijolo O Madeira O Outros	
Piso:	O Barro O Cimento O Cerâmica O Outros		
PLANTAÇÃO DE CULTURA			
PERMANENTE	Tipo:		Área de cultivo:
	Técnica de cultivo:		Destino da produção: O Consumo O Venda
TEMPORÁRIA	Tipo:		Área de cultivo:
	Técnica de cultivo:		Destino da produção: O Consumo O Venda

DADOS ETNOBOTÂNICOS						
Planta	Uso	Parte usada	Modo de Usar	Contra-indicação	Ainda Utiliza?	Sistema classificação?

ANEXOS

Anexo A - Normas para publicação – Revista Ambiente e Sociedade – A2

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Normas para publicação

PROCESSO DE ANÁLISE DE MANUSCRITOS DA REVISTA AMBIENTE & SOCIEDADE

O processo de análise dos manuscritos funciona da seguinte forma:

(1) Triagem inicial: Os editores assistentes da revista revisam o manuscrito para verificar a adequação as normas de publicação que constam no site. Nesta fase não há rejeição de artigos, os editores apenas sugerem aos autores adequações no manuscrito conforme os critérios editoriais da revista*. Quanto antes o autor atender às exigências, mais rápido será o processo de avaliação.

(2) Pré-análise: o manuscrito passará pelo crivo do editor chefe e editores adjuntos. Nesta etapa são analisados alguns requisitos, tais como atendimento ao escopo da revista, originalidade, solidez metodológica e discussão interdisciplinar. Nesta fase, há rejeição de trabalhos. A avaliação é feita sem a identificação dos autores.

(3) Designação: Caso os artigos sejam aprovados na etapa de pré-análise, os manuscritos serão designados aos editores associados da revista. Estes acompanham a avaliação e indicam os pareceristas que devem proceder com a revisão do artigo.

(4) Avaliação: Nesta última etapa, o manuscrito é avaliado por uma dupla de revisores em método duplo-cego, em alguns casos, segue para o desempate ou segunda rodada. É muito comum que os avaliadores sugiram uma série de adequações, novamente, quanto antes o autor providenciar as alterações, mais rápido é o processo de análise.

Se o artigo for aprovado na etapa 4, ele será aceito para a publicação em volume a ser agendado pela revista.

* Consulte as regras de submissão da revista antes de submeter seu manuscrito no link abaixo:

Mais informações sobre as regras de submissão: <http://submission.scielo.br/index.php/asoc/about/submissions#onlineSubmissions>

Os textos devem ser submetidos no link: <https://mc04.manuscriptcentral.com/asoc-scielo>

Foco e escopo

A Revista Ambiente & Sociedade é uma publicação quadrimestral da ANPPAS-Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, que busca contribuir com a produção do conhecimento na interface das questões do Ambiente e Sociedade, com foco interdisciplinar.

Publica trabalho de colaboradores nacionais e internacionais, mediante avaliação dos editores e pareceres emitidos por assessores ad hoc.

A revista publica artigos teóricos e resenhas de livros inéditos na área interdisciplinar que trata do processo de interação entre Sociedade e Meio Ambiente.

Novo sistema de submissão

A Revista Ambiente e Sociedade migrou para a plataforma de submissão Scielo ScholarOne e espera com isso otimizar todo o processo da submissão à publicação do periódico. Para enviar artigos acesse: <https://mc04.manuscriptcentral.com/asoc-scielo>

Pedimos aos autores que leiam com atenção todos os requisitos do processo de submissão abaixo.

A) FORMATO DO MANUSCRITO

Na redação do artigo os autores deverão observar as seguintes orientações:

O manuscrito deve ser estruturado da seguinte forma: Título, Resumos, Palavras-chave, Abstract, Key-words, introdução, desenvolvimento do texto, referências. Notas de rodapé e/ou de fim de página são opcionais.

Para a avaliação, o texto pode ser redigido nos idiomas: português, espanhol ou inglês.

O documento deve ser submetido em formado doc. ou docx.

Fonte Arial 12 e espaçamento 1,5 (um e meio) entre linhas.

Todas as folhas do manuscrito devem trazer o seu número sequencial de página.

O texto deverá apresentar resumo, abstract, resumen e referências.

O texto deverá ter o mínimo de 35.000 e máximo de 50.000 caracteres, considerados os espaços.

Título do artigo deve ter, no máximo, 15 palavras.

O Resumo, abstract e resumen, devem conter cada, de 100 a 150 palavras. Não deve ser redigido em primeira pessoa e deve incluir tema geral, problema de pesquisa, objetivos, métodos e principais conclusões.

As Palavras-chave, keyword e palabra clave devem ser no mínimo 3 e no máximo 5, nas três línguas.

Agradecimentos (opcionais) devem ser citados em nota de rodapé junto ao título. Eles não podem conter referências, diretas ou indiretas, à autoria.

Elementos gráficos (Tabelas, quadros, gráficos, figuras, fotos, desenhos e mapas). São permitidos apenas o total de cinco elementos ao todo, numerados em algarismos arábicos na sequência em que aparecerem no texto. Observar as normas da ABNT para referências e inserção de legendas e fontes em cada elemento. Devem estar em formato original que permita edição, no corpo do texto.

Imagens coloridas e em preto e branco, digitalizadas eletronicamente em .jpg com resolução a partir de 300 dpi, apresentadas em dimensões que permitam a sua ampliação ou redução mantendo a legibilidade.

As notas de fim de página são de caráter explicativo e devem ser evitadas. Utilizadas apenas como exceção, quando estritamente necessárias para a compreensão do texto e com, no máximo, três linhas. As notas terão numeração consecutiva, em arábicos, na ordem em que aparecem no texto.

As citações no corpo do texto e as referências deverão obedecer as normas da ABNT para autores nacionais e Vancouver para autores estrangeiros. Consulte um guia rápido, caso tenha dúvidas no link: http://www.bvs-sp.fsp.usp.br:8080/html/pt/paginas/guia/i_cap_08.htm

Avaliação cega: Ao submeter o artigo pelo sistema eletrônico, o autor deve suprimir todas as identificações de autoria (diretas e indiretas) do texto que seguirá para as avaliações cegas de avaliadores externos. As informações autorais ficarão registradas no sistema. Ao salvar o documento, retire o nome do proprietário do Word, de modo que não conste a identificação do autor.

As Resenhas podem ser redigidas em português, espanhol e inglês. O documento deve ser submetido em formato .doc ou docx. A fonte deve ser Arial 12 e espaçamento 1,5 (um e meio) entre linhas. Todas as folhas do original devem trazer o seu número sequencial de página. As resenhas devem ter entre 10 a 15 mil caracteres com espaços e conter a referência completa do livro, além de título e de identificação do(a) autor(a) no final do texto (nome completo e filiação institucional). Serão aceitas resenhas que versem sobre livros publicados nos últimos três anos. As resenhas consistem em revisão bibliográfica razoavelmente completa sobre determinado assunto. Em resenhas de livro editado, solicita-se rever o livro como um todo, evitando-se uma revisão de cada capítulo, se possível.

B) SISTEMA DE COBRANÇA

Em função da redução no suporte financeiro de agências de apoio e fomento à pesquisa, a Revista Ambiente & Sociedade, desde 2009, passou a cobrar a submissão online de manuscritos.

O valor é de R\$ 115,00 (Cento e quinze reais) por manuscrito submetido à avaliação. O valor não será reembolsado no caso de recusa do manuscrito. Os editores esperam contar com a colaboração de todos os autores, no sentido de garantir a continuidade da revista.

A taxa poderá ser paga no Banco do Brasil:

Pedro Roberto Jacobi

Agência: 7068-8

Conta Corrente: 5613-8

O autor deve anexar o comprovante de pagamento da taxa no sistema de submissão Online junto com o manuscrito como “Supplemental File NOT for Review”.

C) PUBLICAÇÃO BILÍNGUE OU EM INGLÊS

Para expandir o público da revista e atender à tendência do Scielo, a partir do Volume 16.1 (Jan/Mar 2013), a revista *Ambiente & Sociedade* passou a publicar todos os artigos na língua inglesa, além de seu idioma original (quando português ou espanhol).

Os artigos traduzidos para o idioma inglês são obrigatórios apenas em caso de aprovação para publicação, na etapa de análise é suficiente apenas o trabalho em idioma original (português ou espanhol). Para a tradução, indicamos uma lista de tradutores visando manter o padrão de tradução. O custo de tradução dos artigos é de responsabilidade dos autores.

Anexo B – Normas para Publicação – Revista Espacios – Caracas – B1

NORMAS DE PUBLICACIÓN

Espacios es una publicación de carácter interdisciplinario cuyo objetivo fundamental es la difusión de las experiencias y resultados de las investigaciones en el campo de la gestión tecnológica, en Venezuela y a nivel internacional. En esta revista serán publicados artículos que constituyan una contribución original.

Forma y preparación de los manuscritos

- Todos los artículos deberán enviarse en versión electrónica, como e-mail, vía internet, preferiblemente utilizando procesador de texto word. En caso contrario indicar el procesador de texto utilizado.
- El apellido principal por el que se va a indexar el autor debe ir todo en MAYÚSCULAS (CAPITALES).
Rafael José VALBUENA Yépez
Rogelio Fernando Chávez Cesare VOZA
María Eugenia LÓPEZ de Suárez
- Es importante que los gráficos y figuras sean entregados en JPG o TIFF. Las Tablas y Cuadros deben ser entregados en formato Excel (XLS o XLSX)

Artículos

- Los artículos deberán ser originales no publicados en otras revistas, salvo en los casos en que el Consejo Editorial así lo determine.
- La extensión máxima de cada trabajo será de 20 páginas tamaño carta (A4) con 32 líneas por página (espacio y medio) y 62 golpes por línea. En esta 20 páginas deberán estar incluidos los gráficos, tablas y referencias bibliográficas. Estas últimas podrán presentarse a un espacio (50 líneas por página).
- Los artículos deberán incluir un resumen del mismo, tanto en inglés como en el idioma original (español, portugués...), con una extensión no mayor de 100 palabras y una breve reseña curricular con los datos básicos de él o los autores del artículo.
- Se deberá evitar, en lo posible, las notas al pie de página. Si son estrictamente necesarias deberán ser colocadas antes de las referencias bibliográficas, al final del artículo.

Referencias

- Las referencias dentro del texto serán señaladas indicando el apellido del autor seguido por el del segundo autor o por et. al., si fueran más de dos y el año de la publicación. Ej. (Frohman, 1974); (Abernathy, Utterback, 1982); (Trigo et. al. 1982).
- Las referencias bibliográficas deberán ser incluidas al final del trabajo, conteniendo los siguientes elementos: autor(es), año de la publicación, título del trabajo, lugar de publicación y editorial. Se seguirán los siguientes criterios: a) Los títulos de los artículos deberán ir entre comillas; el nombre de la publicación periódica en que fueron publicados deberán ir en cursivas; b) Los títulos de libros deberán ir en negrillas. A continuación ejemplos de referencias bibliográficas de 1) Libro; 2) Revista; 3) Capítulo de libro y 4) Congresos y otras reuniones.

FROHMAN, A. (1974); "Critical functions for an innovative R and D organization", *Business Quarterly*, 39(4), 435-442.

TRIGO, E.; Piñero, M.; Ardila, J. (1982); *Organización de la investigación agropecuaria en América Latina*; San José, IICA, 293 p.

ABERNATHY, W.; Utterback, J. (1982); *Patterns of industrial innovation*, en: *Reading in the management of innovation*; Tuchman, M.; Moore, W. (ed); Mauchfiel, MA; Pittman Publications, 18-47 p.

CORSO, P. (1981); *Alternativas del manejo de la uva de mesa en Venezuela*. 3er. Seminario Nacional de Fruticultura, Valencia.

Las referencias de revistas en formato electrónico serán señaladas como sigue:

ARIAS M. Igor A. Apuntes para una discusión sobre desarrollo rural en Venezuela. *Espacios [on line]* mayo 2005, vol. 25. n2 [citado 15 diciembre 2005], p1-1. Disponible en la World Wide Web: <http://www.scielo.org.ve>. ISSN 0798-1015

Las colaboraciones serán sometidas a revisión por parte de árbitros especialistas en el tema tratado.

El envío de un manuscrito por parte del autor y su aceptación por parte del Editor en representación del Consejo Editorial representa un contrato por medio del cual se transfiere los derechos de autor a la Revista *Espacios*.